



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LUCAS EDUARDO DA SILVA TRAJANO

RECONHECER A CIDADE: DISCURSO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A MEMÓRIA E
A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO E DA ARQUITETURA DE ANGICOS/RN

PAU DOS FERROS

2024

LUCAS EDUARDO DA SILVA TRAJANO

**RECONHECER A CIDADE: DISCURSO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A MEMÓRIA E
A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO E DA ARQUITETURA DE ANGICOS/RN**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Damião Esdras Araujo Arraes

PAU DOS FERROS

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

T768r Trajano, Lucas Eduardo da Silva.
Reconhecer a cidade: discurso historiográfico
sobre a memória e a história da urbanização e da
arquitetura de Angicos/RN / Lucas Eduardo da
Silva Trajano. - 2024.
151 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2024.

1. Memória. 2. Esquecimento. 3. Arquitetura
Popular. I. Arraes, Damião Esdras Araujo, orient.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

LUCAS EDUARDO DA SILVA TRAJANO

**RECONHECER A CIDADE: DISCURSO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A
MEMÓRIA E A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO E DA ARQUITETURA DE
ANGICOS/RN**

Monografia apresentada à Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 16 / 04 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DAMIAO ESDRAS ARAUJO ARRAES**
Data: 16/04/2024 22:19:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Documento assinado digitalmente
 **ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA**
Data: 17/04/2024 07:50:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Anna Cristina Andrade Ferreira, Prof.^a Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

Documento assinado digitalmente
 **GABRIEL LEOPOLDINO PAULO DE MEDEIROS**
Data: 17/04/2024 18:47:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gabriel Leopoldino Paulo de Medeiros, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

Aos meus avós, José Trajano Filho e Francisco das Chagas da Silva; e à minha avó Raimunda Geralda da Silva (In Memoriam).

Aos meus pais, José Tarcísio e Maria Geny

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos desígnios da vida que possibilitaram a mim, desde a tenra idade, oportunidades na educação e, em acordo, a justificativa mais exequível para a minha crença em uma sociedade com justiça social e acesso à dignidade, endossada pela formação em arquitetura e urbanismo.

À fé da minha mãe, Maria Geny, e à obstinação do meu pai, José Tarcísio, em possibilitarem tudo que fosse necessário para o meu bem-estar e minha formação. Aos quais, as palavras de incentivo e afeto, especialmente à distância, tantas vezes sossegaram e acalentaram o meu coração e os meus pensamentos.

Aos meus demais familiares que, interessados pelo meu desenvolvimento, estiveram presentes no processo de graduação e atentos a mim.

À minha madrinha, Neuma, e ao meu primo, Wilanylson, pelo incomensurável apoio, desde a aprovação no curso à efetivação da minha graduação, fundamental para que eu conseguisse galgar cada etapa.

Aos profissionais, docentes e colegas do Educandário Padre Félix e do IFRN - Campus Ipangaçu, em que estudei e recebi a preparação precedente ao ensino superior. Cito os meus colegas Alexsandra, Amanda, Ana Júlia, Antonio Murilo, Arthur, Beatriz Helena, Débora Letícia, Eric, Heider, Josyara, José Luis, Kalyne, Lara, Letícia, Lílian, Maria Claudia, Mateus, Nádja Camilly, Vívian e Yasla.

Ao meu colega de apartamento Aldo Filho e aos seus pais, Aldo e Vanúzia, pelo compartilhamento do lar e de tantos desafios e novidades decisivos para as nossas formações pessoais.

A Júlia e Carla Tamires pela amizade, companhia, refeições, dias e noites de estudo, lágrimas, sorrisos e, tantas vezes, por serem minha família longe dos meus pais. A elas, minha gratidão.

A Taís por todo o afeto, o tempo e a generosidade, oferecidos quando eu não mais quis acreditar na casualidade dos romances e na intensidade dos sentimentos.

A Ana Cássia, Ana Paula, Arthur, Esterfany, Gláucia, Joatã, Lowany, Lucas Gustavo, Luiz Felipe, Maria Clara, Maria Rute, Natan, Paulo Henrique, Tâmara e Vitor pelos inúmeros momentos vividos juntos na graduação, cujas contribuições foram imprescindíveis para que a

pressão, a ansiedade e a insegurança fossem minimizadas e as atividades acadêmicas tivessem bons resultados.

Aos colegas de curso que ao longo dos anos construí amizade, Alice, Ana Joaquina, Ana Raquel, Edite Helen, Emmilly, Germano, Heloise, Isa Rita, Lara, Leane, Livia, Lucas, Ludmile, Maria Cecília, Maykon, Olga, Sâmia, Sthan e Vitória.

A Maria Eduarda, em especial, por toda a generosa amizade e por todo o apoio. Guardo com muito carinho as conversas, conselhos e pensamentos compartilhados.

Aos docentes, em especial aos arquitetos e urbanistas, determinantes para que eu compreendesse as nuances da profissão e desenvolvesse, semestre a semestre, minha qualificação.

Ao professor Esdras, que acreditou nas minhas ideias, ofereceu todos os seus conhecimentos com generosidade e gentileza para que este Trabalho de Conclusão de Curso fosse viável. A ele, meu agradecimento especial pela paciência e pelas palavras de afirmação.

À professora Anna e ao professor Gabriel pelas valiosas contribuições enquanto integrantes da banca avaliadora e pelas disciplinas ministradas; aos quais agradeço a fundamentação de ideias e capacidade crítica.

À arquiteta e urbanista Vanessa, que me concedeu a primeira oportunidade de inserção na atividade profissional, a quem agradeço a confiança atribuída, o amadurecimento e a aprendizagem.

Aos técnicos administrativos e aos demais colaboradores do campus, que exercem funções imprescindíveis ao funcionamento e manutenção dos espaços e das atividades.

Por fim, eu agradeço a quem, por descuido, não o fiz nominalmente, a todas as pessoas que participaram deste ciclo. À senhora que me socorreu em um dia de chuva e, sem nenhuma obrigação, me levou até em casa. Ao senhor que todos os dias me cumprimentava no caminho para a parada de ônibus. Às tantas pessoas que ofereceram carona até o campus. À oportunidade a mim dada de escrever e pesquisar acerca da cidade em que nasci, cresci e reconheço.

"[...] en arte la buena explicación es siempre la sencilla".

Damian Bayón

RESUMO

Esta pesquisa centra-se no âmbito da história e teoria da Arquitetura e do Urbanismo numa perspectiva fundamentada na produção epistemológica brasileira. Nesse cenário, a arquitetura brasileira é frequentemente percebida como mera reprodução dos modelos e estilos europeus, sem o devido reconhecimento de sua particularidade local, das narrativas populares, das transmutações culturais realizadas em diferentes modalidades de experiência da vida cotidiana. Além disso, depara-se com a influência religiosa, notadamente da Igreja Católica, em que a construção de igrejas e a sua subsequente expansão estava associada à elevação de *status* de uma comunidade, na organização espacial, na normatização do cotidiano e na definição de hierarquias sociais na paisagem urbana. O recorte espacial concentra-se em Angicos, cidade localizada em um dos sertões do atual estado do Rio Grande do Norte, cujas histórias social e da urbanização estão intrinsecamente ligadas à íntima relação entre Estado e Igreja. Nota-se, no entanto, que a contribuição da população na construção da cidade é esquecida de modo recorrente. Assim, propõe um discurso historiográfico conciliado à perspectiva popular acerca da memória social coletiva e o reconhecimento da cidade de Angicos.

Palavras-chave: Memória. Esquecimento. Arquitetura popular.

ABSTRACT

This research focuses on the field of history and theory of Architecture and Urbanism from a perspective grounded in Brazilian epistemological production. Within this framework, Brazilian architecture is often perceived as a mere reproduction of European models and styles, without due recognition of its local particularity, popular narratives and cultural transmutations carried out in different modalities of everyday life experience. Additionally, it grapples with religious influence, notably from the Catholic Church, where the construction of churches and their subsequent expansion was associated with the elevation of a community's status, spatial organization, normalization of daily life, and definition of social hierarchies in the urban landscape. The spatial focus is on Angicos, a city located in one of the hinterlands of the current state of Rio Grande do Norte, whose social and urbanization histories are intrinsically linked to the intimate relationship between State and Church. However, it is noted that the population's contribution to the construction of the city is recurrently forgotten. Thus, it proposes a historiographical discourse reconciled with the popular perspective on collective social memory and the recognition of the city of Angicos.

Keywords: Memory. Oblivion. Popular Architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Croqui com a concepção inicial da vila de Angicos	38
Figura 02 – Igreja Matriz de São José dos Angicos, monumento século XX e Mercado por volta de 1900	41
Figura 03 – Croqui hipotético da configuração espacial da cidade de Angicos na primeira metade do século XX	42
Figura 04 – Centro de Angicos por volta de 1910, imediações da atual Praça Capitão José da Penha	43
Figura 05 – Largo do mercado público em 1920, imediações da atual Rua Prefeito Espedito Alves	43
Figura 06 – Atual Biblioteca, à época sede da prefeitura por volta de 1925	44
Figura 07 – Mercado Público em processo de construção, por volta de 1930	44
Figura 08 – Estação ferroviária por volta de 1935	44
Figura 09 – Paulo Freire em Angicos reunido com alguns alunos após 30 anos, na Escola José Rufino, em 1993	49
Figura 10 – Escola José Rufino, inaugurada em 1912	52
Figura 11 – Biblioteca Municipal, instituída na década de 1970	52
Figura 12 – Mercado Público, por volta de 1980	53
Figura 13 – Estação Ferroviária em 1987	53
Figura 14 – Agência do Banco do Brasil, em 1990	53
Figura 15 – Monumento ao século XX, conjunto edificado em plano de fundo, em 1920	54
Figura 16 – Monumento ao século XX, em 2023	54
Figura 17 – Vista do Centro a partir da Rua Pedro Moura de Vasconcelos, em plano de fundo a Igreja Matriz e o Mercado Público Municipal	65
Figura 18 – Igreja Matriz de São José dos Angicos	66
Figura 19 – Mercado Público Municipal Teonila Amélia Cruz de Araújo	66
Figura 20 – Delegacia de Polícia Civil	66
Figura 21 – Agência dos Correios e Telégrafos	66

Figura 22 – Biblioteca Pública Municipal	67
Figura 23 – Antiga Estação Ferroviária	67
Figura 24 – Antiga Casa de Comércio	67
Figura 25 – Escola Joana Honório	67
Figura 26 – Agência do Banco do Brasil	68
Figura 27 – Atual sede da prefeitura	68
Figura 28 – Residência 85, Praça Capitão José da Penha	71
Figura 29 – Residência 159, Praça Capitão José da Penha	71
Figura 30 – Planta baixa da Residência 159, Praça Capitão José da Penha	71
Figura 31 – Residência 181, Praça Capitão José da Penha	72
Figura 32 – Residência 65, Praça Capitão José da Penha	72
Figura 33 – Fachada frontal Residência 53, Rua José Horácio	73
Figura 34: Detalhes no frontão da Residência 53, Rua José Horácio	73
Figura 35 – Planta baixa Residência 53, Rua José Horácio	73
Figura 36 – Residência 129, Rua Manoel Cosme	74
Figura 37 – Residência 95, Rua Manoel Cosme	74
Figura 38 – Residência 111, Rua Manoel Cosme	74
Figura 39 – Residência 168, Rua Vicente Germano	74
Figura 40 – Residência 95, Rua Manoel Cosme	75
Figura 41 – Residência 59, Rua Praça Cap. José da Penha	76
Figura 42 – Residência 91, Rua José Horácio	76
Figura 43 – Planta baixa da Residência 59, Praça Capitão José da Penha	76
Figura 44 – Fachada da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos, 2024	77
Figura 45 – Fachada da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos, em 2020	77
Figura 46 – Planta baixa da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	77

Figura 47 – Residência 07, Rua Prefeito Espedito Alves	78
Figura 48 – Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra	78
Figura 49 – Planta baixa da Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra	78
Figura 50 – Residência 45, Rua José Horácio	79
Figura 51 – Residência N/A, Rua Pedro de Vasconcelos	79
Figura 52 – Residência N/A, Avenida Pedro Matos	79
Figura 53 – Residência 112, Rua Manoel Cosme	79
Figura 54 – Residência 24, Rua José Horácio	79
Figura 55 – Residência 70, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	80
Figura 56 – Residência 131, Praça Capitão José da Penha	80
Figura 57 – Residência 163, Avenida Pedro Matos	81
Figura 58 – Residência 33, Rua José Rufino	81
Figura 59 – Planta baixa da Residência 163, Avenida Pedro Matos	82
Figura 60 – Parede em cobogó na Residência 163, Avenida Pedro Matos	82
Figura 61 – Residência 86, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	83
Figura 62 – Residência N/A, Rua Vicente Germano	83
Figura 63 – Residência 247, Rua São José	83
Figura 64 – Residência 325, Rua São José	83
Figura 65 – Planta baixa da Residência 247, Rua São José	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – População de Angicos por gênero e liberdade em 1872	39
Gráfico 02 – População de Angicos por cor e raça em 1872	39
Gráfico 03 – População de Angicos por cor e raça em 1940	47
Gráfico 04 – População de Angicos por gênero e escolaridade em 1940	47
Gráfico 05 – População de Angicos por cor, raça e gênero em 1940	48
Gráfico 06 – População de mulheres em Angicos a partir de doze anos com e sem filhos; quantitativo de filhos nascidos vivos em 1940	48

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Brasil, em destaque o Rio Grande do Norte	26
Mapa 02 – Rio Grande do Norte, em destaque Angicos	26
Mapa 03 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1599-1800)	31
Mapa 04 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1813)	32
Mapa 05 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1850)	33
Mapa 06 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1900)	35
Mapa 07 – Angicos em 1813, hipotético	36
Mapa 08 – Angicos em 1836, hipotético	37
Mapa 09 – Angicos em 1886, hipotético	40
Mapa 10 – Angicos em 1936, hipotético	45
Mapa 11 – Angicos em 1986, hipotético	52
Mapa 12 – Perímetro urbano e suburbano de Angicos, em contorno vermelho a área de estudo deste trabalho	62
Mapa 13 – Poligonal da área de estudo	63
Mapa 14 – Ocupação do solo na área de estudo	64
Mapa 15 – Edificações residenciais listadas	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1599-1800	31
Quadro 02 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1850	33
Quadro 03 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1900	34
Quadro 04 – População de Angicos ao longo do tempo	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Bel	Bacharel
Dr	Doutor
Esp	Especialista
IES	Instituição de Ensino Superior
Me	Mestre
MEC	Ministério da Educação
N/A	Não identificado
RN	Rio Grande do Norte
UF	Unidade Federativa
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Usaid	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
UTM	Universal Transversa de Mercator

LISTA DE SÍMBOLOS

@	Arroba
©	Copyright
®	Marca registrada
%	Porcentagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
1.1 Aspectos metodológicos	26
1.1.1 Recorte espacial	26
1.1.2 Procedimentos adotados	26
1.1.3 Levantamento fotográfico	27
1.1.4 Fichas de registro arquitetônico	27
2. TERRITÓRIO, PAISAGEM E URBANIZAÇÃO	28
2.1 A história da urbanização do Rio Grande do Norte	28
2.2 Angicos: a vila no Século XIX (1836-1900)	36
2.3 Angicos: a cidade no século XX	41
2.3.1 1901 – 1959	41
2.3.2 1960 – 1999	48
3. ARQUITETURA E MEMÓRIA	55
3.1 Arquitetura Popular: a memória do saber fazer	55
3.2 Sociedade: a cidade e seus agentes construtores	58
3.3 A memória e o esquecimento	59
4. (RE)CONHECER ANGICOS	62
4.1 Aspectos da área de estudo	62
4.2 A arquitetura oficial	65
4.3 A arquitetura das moradas	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	92
APÊNDICE A: Coordenadas da poligonal da área de estudo, em UTM	93
APÊNDICE B: Lista de edificações catalogadas	94
APÊNDICE C: Mapa hipotético de Angicos em 1813	95
APÊNDICE D: Mapa hipotético de Angicos em 1836	96
APÊNDICE E: Mapa hipotético de Angicos em 1881	97
APÊNDICE F: Mapa hipotético de Angicos em 1936	98

APÊNDICE G: Mapa hipotético de Angicos em 1986	99
APÊNDICE H: Mapa da Arquitetura Oficial	100
APÊNDICE I: Mapa do conjunto edilício listado	101
APÊNDICE K: Ilustrações das edificações	102
ANEXOS	133
ANEXO A: Recenseamento Geral do Brasil, 1872 – Paróquia de São José dos Angicos	134
ANEXO B: Descrição do município de Angicos, 1881	138
ANEXO C: Mapa da rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1599–1800)	146
ANEXO D: Mapa da rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1813)	147
ANEXO E: Mapa da rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1850)	148
ANEXO F: Mapa da rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1900)	149
ANEXO G: Mapa do Rio Grande do Norte, em 1887	150
ANEXO H: Colleição de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte (RN) - 1835 A 1887 – menções a Angicos	151

1. INTRODUÇÃO

A teoria e a história da Arquitetura e do Urbanismo é tecida convencionalmente com base na centralidade dos eventos historiográficos oriundos do Norte Global. Mediante a indução interpretativa, as formas, estilos, movimentos e manifestações estéticas brasileiras são apresentados como reproduções da sensibilidade europeia, e assim classificados sob a inobservância dos aspectos culturais locais. Nesse sentido, a construção da memória pertence à narrativa dominante, reduzida a atributos estéticos das fachadas, bustos em praças e conflitos pela recaracterização contemporânea da paisagem, em detrimento dos relatos e saberes populares, da vida cotidiana e dos antagonismos urbanos, ainda que notadamente tais camadas estejam entrelaçadas.

Diferentes agentes têm sido eclipsados da memória da produção arquitetônica. Isso também ocorre, em determinada medida, com relação à história da urbanização de nossas cidades, pois a significativa presença da Igreja Católica na formação espacial e nas formas plásticas representou a prerrogativa para definir a espacialidade das povoações, lotear áreas contíguas ao adro, normatizar o cotidiano das pessoas e estabelecer hierarquias sociais visíveis na paisagem, especialmente na localização dos edifícios institucionais, religiosos e residências da elite local. Conforme o estudo pioneiro de Murillo Marx¹, as características morfológicas iniciais de tais aglomerações são produtos de decisão eclesiástica pela implantação de capela ou igreja matriz em local privilegiado no relevo do sítio, em sinal de imponência e sacralidade.

Em vista disso, o procedimento inicial dá-se pela consagração de um terreno e construção de uma ermida por um donatário de terras, em gesto de devoção a uma entidade sacrossanta e aos deveres com a fé e a família². De tal modo, a elevação de hierarquia e de autonomia do santuário, isto é, de capela à igreja paroquial, justifica-se pelo aumento da quantidade de fiéis, a periodicidade das celebrações, o controle na cobrança dos dízimos eclesiásticos e a regularidade com a qual há a presença (ou não) de um sacerdote; condições associadas à necessidade de reformas e ampliações, que, em contrapartida, apresentam-se basilares para a elevação hierárquica do templo, às vezes de maneira concomitante às funções

¹ MARX, Murillo de Azevedo. **Cidade no Brasil, terra de quem?**. São Paulo: Nobel/USP, 1991, p. 18.

² “A terra para o santo, seu patrimônio ou o da sua capela eram doados por um ou mais detentores de glebas vizinhas, sob determinadas condições. Destacam-se a de cunho religioso, como rezar missa para o doador e sua família, periodicamente e após a morte. Além da terra, outras doações permitiam a construção de uma primeira capela e, sobretudo, sua manutenção e funcionamento.” MARX, Murillo. **Cidade no Brasil, terra de quem?**. São Paulo: Nobel/USP, 1991, p. 26

civis, isto é, a elevação do povoado à condição de vila e, na posterioridade, de cidade, com igreja matriz.³

Não é dissemelhante em Angicos, Rio Grande do Norte, cujo topônimo não recebeu alterações no decurso de sua história jurisdicional. Seus processos de conformação morfológica e composição social estão circunscritos a partir da doação de terras pertencentes ao senhor Antônio Lopes Viegas ao patrimônio eclesiástico em favorecimento à construção da capela de São José, inaugurada em 30 de junho de 1813⁴. Todavia, a criação da vila veio em 13 de outubro de 1836, por meio da resolução nº 9, assinada pelo presidente da província João Ferreira de Aguiar. Na mesma ocasião, as autoridades provinciais concederam à capela de São José o *status* de freguesia⁵.

Nesse sentido, as funções políticas aparecem umbilicalmente ligadas às religiosas⁶, e o crescimento populacional está relacionado de forma biunívoca ao crescimento da paróquia, em face da anexação fundiária de novas terras, das ampliações da igreja e do gradual aumento de edificações circundantes, as quais, ao longo do século XIX, constituem a estrutura primeira da atual cidade. Nessa sequência, a autonomia municipal definitiva ocorreu em 24 de outubro de 1936, conforme Lei nº 20, assinada pelo governador do Rio Grande do Norte, Rafael Fernandes Gurjão⁷. No percurso histórico, ainda há vestígios espaciais e simbólicos dos tempos pregressos materializados na paisagem urbana. Todavia, cabe ressaltar que Angicos, assim como muitos aglomerados urbanos dos sertões do Nordeste situa-se à margem da problematização teórica consagrada acerca das cidades brasileiras e, por circunstância, esta pesquisa soma-se às demais em que, nas entrelinhas, há a reivindicação por protagonismo a lugares e pessoas por vezes esquecidos, a exemplo das desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Sertões-Amoãé (Cnpq/UFERSA).

Em contraste, por outro lado, a participação anônima do povo na constituição do núcleo urbano e nos exemplares edilícios é submetida ao apagamento, diante da imprecisão e inexistência de registros históricos e imagéticos que a confirmem. Perifericamente ao discurso

³ MARX, Murillo de Azevedo. **Cidade no Brasil, terra de quem?**...op.cit., p. 17.

⁴ CUNHA, Maria Zélia Moreira Alves da. **Angicos Ontem e Hoje**. Angicos: Grafitto, 1992.

⁵ **DESCRIÇÃO do município de Angicos-RN em 1881**. Manuscrito da Fundação da Biblioteca Nacional. Identificador: I – 31, 17, 36.

⁶ “Não era somente o acesso garantido então à desejada e necessária assistência religiosa que se obtinha, mas também o reconhecimento da comunidade de fato e de direito perante a Igreja Oficial, portanto perante o próprio Estado”. MARX, Murillo. *Cidades no Brasil...* op. cit., p. 18

⁷ “Art. 1º - Fica elevada à categoria de cidade a Vila de Angicos, sede do município de mesmo nome. Palácio do Governador do Rio Grande do Norte, em Natal, 24 de outubro de 1936. Raphael Fernandes Gurjão / Aldo Fernandes R. de Mello” CUNHA, Maria Zélia Moreira Alves da. **Angicos Ontem e Hoje**. op. cit., p. 32-33

formal, o significado patrimonial é ainda vulnerável do ponto de vista socioeconômico. Em consequência, a cidade depende de atuações específicas em contraste aos interesses individualizados prejudiciais ao benefício público, ao bem-fazer técnico, à funcionalidade e, sobretudo, à expressão unívoca da cidadania.

O desinteresse se torna suscetível ao esquecimento⁸ em decorrência das implicações socioeconômicas de produção da paisagem. Assim, gradualmente a população enfrentaria o desconhecimento necessário à continuidade do processo ininterrupto de construção do lugar, isto é, a cidade em que vive e a paisagem que apreende. Mediante o exposto, duas questões apresentam centralidade quanto à caracterização dos problemas perseguidos por este trabalho: a primeira, quais características conformam a paisagem e a morfologia da sede do município de Angicos do ponto de vista arquitetônico, urbanístico e paisagístico? A segunda, de que modo a memória e o pertencimento transparecem materialmente na cidade?

Portanto, a inquietação justifica-se pela alusão aos aspectos históricos, afetivos e de urbanidade, que reconhecem as pessoas e o lugar de Angicos na forma de retorno pelas vivências, sentimento de pertencimento e qualificação adquirida, em oposição à insciência arquitetônica e urbanística predominante, que eventualmente direciona as respostas técnicas e estéticas aos núcleos urbanos maiores em prejuízo dos menores. Sem esquecer que a negação dessas particularidades de certa forma produz uma completa descaracterização paisagística, assimétrica ao convívio entre os produtos oriundos de diferentes épocas e que, somados, constituem a representação visível dos anos decorridos, das adaptações funcionais e dos novos hábitos socioculturais. Soma-se a isso o fato de que esta pesquisa busca contribuir em termos metodológicos ao estudo da história da urbanização de cidades e da memória das pessoas que habitam nos e construíram os sertões do Nordeste, com vistas a estimular novas pesquisas acerca de temáticas semelhantes.

Diante disso, o objetivo geral consiste em **propor**, por meio de um discurso historiográfico conciliado à perspectiva popular, a publicização de registros arquitetônicos e urbanísticos acerca da construção da cidade com intuito de que se tornem lugares de memória em Angicos/RN. Ou seja, a representação material da participação dos indivíduos, enquanto

⁸ Cf. RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. Paul Ricoeur nos lembra que “o esquecimento está associado à memória [...] ele consiste na persistência das impressões primeiras enquanto passividade: um acontecimento que nos marcou, tocou, afetou e marca afetiva permanece em nosso espírito”. RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento...** op. cit., p. 436. Parafraseando o filósofo francês, o esquecimento é a sombra da memória; e se alguns espaços urbanos e arquiteturas celebram a memória nacional, estadual e local significa, nessa lógica, que outras edificações e cidades permanecem na sombra.

tecido social, na difusão de um pensamento crítico e de ressignificação do ambiente urbano. Adicionalmente, os específicos são: a) **estabelecer** um pensamento teórico e historiográfico relativo à produção arquitetônica da cidade; b) **apreender** as expressões estéticas recorrentes em edificações públicas e privadas e os aspectos socioculturais de sua produção; c) **compreender** em perspectiva histórica e sistêmica o processo de urbanização e a tessitura social da cidade; e d) **evidenciar** o conhecimento, o saber, a memória e o discurso popular acerca da cidade e das formas tectônicas.

A estrutura pretendida para esta produção científica busca a fundamentação historiográfica por meio do protagonismo latino-americano, em um contexto ajustado ao pensamento subalternizado pelo Norte Global e à produção urbana e edilícia locais. Como aponta Ramón Gutiérrez, “trata-se de qualificar aquilo que foi desqualificado pelo preconceito e de ponderar os elementos que permitam uma compreensão a partir de nossas próprias circunstâncias de espaço e tempo”⁹. O trabalho organiza-se em duas partes complementares: uma primeira lança luz nas questões do território, da paisagem e do tecido urbano em termos da sede do município de Angicos. Além disso, observa-se a inserção da cidade na urbanização do Rio Grande do Norte, desde a província à atual concepção de unidade federativa.

Nesse primeiro cenário, o trabalho se subsume em três temporalidades. O estudo busca aprofundamento, mediante leitura em fontes primárias, no processo de urbanização de Angicos, que remonta à primeira metade do século XIX. É nessa temporalidade em que ocorrem significativos eventos administrativos e eclesiásticos, como a inauguração e, posteriormente, a elevação da capela de São José à condição de igreja matriz (paróquia ou freguesia) e a instituição da vila em 1836. Em seguida, mostra-se como ações socioeconômicas e culturais, efetivadas de meados do século XIX às primeiras décadas do século subsequente, alteraram a morfologia e, de reboque, a paisagem da vila.

Registros da época evidenciam as modificações pelas quais o cenário urbano e arquitetônico de Angicos passou no século XX. Como a pesquisa se centra na longa duração¹⁰ com o intuito de averiguar a mudança material e de significado da arquitetura e da paisagem urbana de Angicos, a cronologia circunscreve a cidade em dois períodos, na conjuntura antecedente e ao redor à emancipação definitiva, que lhe deu a condição de cidade em 24 de

⁹ GUTIÉRREZ, Ramón. *Arquitetura latino-americana: textos para reflexão e polêmica*. São Paulo: Nobel, 1989. p. 54.

¹⁰ Cf. BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. 2 vols. São Paulo: Edusp, 2016.

outubro de 1936 e a segunda metade do século, cujo processo de urbanização estava relacionado às políticas habitacionais de interesse social e à inserção de novos bairros na cidade.

A segunda parte compõe a discussão sobre arquitetura e memória, ou seja, do entendimento da paisagem a partir do imaginário e dos símbolos, que repercute no contraponto entre lembrança e esquecimento, valores intrínsecos enquanto opostos, entendidos como aspecto do tecido social, na concepção de que significância é dada aos elementos e aos agentes envolvidos nos processos. A tratativa da arquitetura popular, do desenquadramento unicamente estilístico e a elucidação dos materiais construtivos, em especial a terra, a pedra e a madeira, elementos basilares da memória do saber-fazer e da técnica serão dimensões exploradas nessa seção.

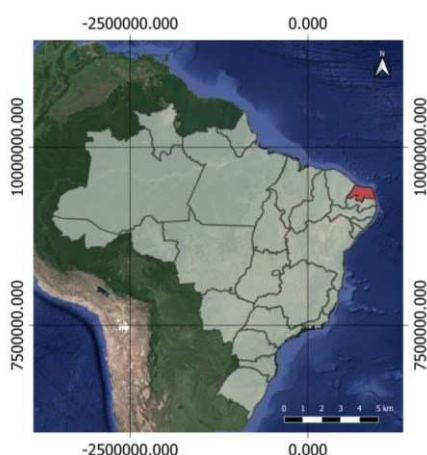
As considerações são de pesquisa pura e viés exploratório. As ferramentas utilizadas e pretensamente utilizáveis para viabilização da pesquisa constituem-se pelos registros documentais, manuscritos (impressos ou em acervo digital), registros fotográficos, cartográficos e de representação técnica, ora adquiridos ora produzidos, visitas, entrevistas, levantamentos e a fundamentação teórica das discussões por meio de produção bibliográfica.

1.1 Aspectos metodológicos

1.1.1 Recorte espacial

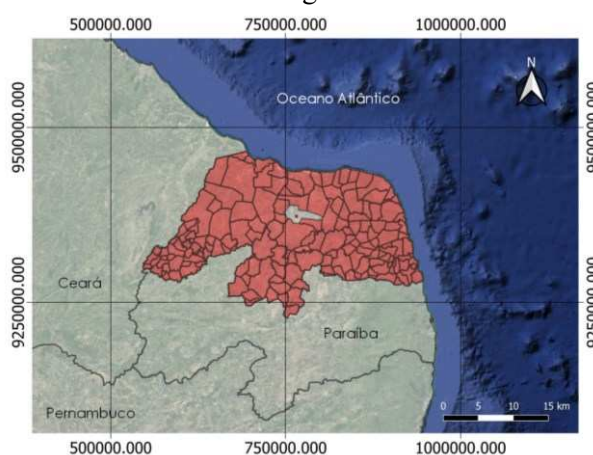
Angicos atualmente é um município de 11.632 (onze mil seiscentos e trinta e dois)¹¹ habitantes, localizado no estado do Rio Grande do Norte, uma das 9 (nove) unidades federativas que compõe a região Nordeste do República Federativa do Brasil. O mapa 01 insere o Rio Grande do Norte em destaque na divisão territorial por Unidade Federativas do Brasil; na ampliação, a divisão territorial dos municípios, ao centro Angicos.

Mapa 01 – Brasil, em destaque o Rio Grande do Norte



Fonte: elaborado pelo autor a partir de sobreposição do Google Earth

Mapa 02 – Rio Grande do Norte, em destaque Angicos



Fonte: elaborado pelo autor a partir de sobreposição do Google Earth

1.1.2 Procedimentos adotados

Inicialmente, a investigação ateve-se aos documentos de registro histórico quanto aos eventos importantes que resultaram no atual município de Angicos, especialmente em relação à cidade/sede. As buscas concentraram-se predominantemente no ambiente virtual, sobretudo na Fundação da Biblioteca Nacional (<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>). Além disso, recorreu-se a produções científicas (dissertações, teses, artigos e livros), com destaque para Murillo Marx, Anna Mariani, Rubenilson Teixeira, Damian Bayón, Ramón Gutiérrez, Günter Weimer, Marina Waisman e Éclea Bosi com o intuito de observar a construção da caracterização histórica, urbanística e arquitetônica de Angicos, a partir da inserção no Rio Grande do Norte, no Brasil e na América Latina e em específico aos temas-chave – território e urbanização das cidades, arquitetura popular, tecido social e memória.

¹¹ Conforme dados do IBGE publicados no censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 22 mar. de 2024.

A título de análise preliminar, relativa ao reconhecimento da área e identificação de aspectos morfológicos e urbanos, realizou-se visitas *in loco* com percurso de caminhada, previamente elaborado pelo autor por meio do *Google Street View*, nos dias 14 (catorze) e 15 (quinze) do mês de agosto de 2023. Durante as visitas, realizadas ao longo dos meses, introduziu-se, informalmente, diálogo com a comunidade, no sentido de obtenção de informações acerca dos exemplares arquitetônicos, apresentação da pesquisa e permissão aos registros fotográficos. Posteriormente, delimitou-se a poligonal da área de estudo e desenvolveu-se, por meio do software QGis, mapas e vetorizações das quadras, vias e lotes que compõem os logradouros inseridos na área de estudo. O sistema de referência de coordenadas adotado é o EPSG: 31984 - SIRGAS 2000, em UTM (Universal Transversa de Mercator) zone 24S – Projetado.

1.1.3 Levantamento fotográfico

Para a construção do arcabouço de exemplificação edilícia realizado em fichas de registro arquitetônico de edificações residenciais¹² como produto desta pesquisa e composição da paisagem urbana, foram realizados registros fotográficos por meio de câmera de smartphone. As fotografias orientaram-se por percurso preestabelecido, operacionalizado pelo *Google Street View*, após a aquisição dos registros, houve a seleção das edificações e a identificação dos logradouros (ver apêndice com lista de edificações).

1.1.4 Fichas de registro arquitetônico

A título de finalização do trabalho, foi elaborado um conjunto de registros arquitetônicos de exemplares edifícios em fichas de catalogação, apêndice B, que incluem mapa de localização, fotografia da fachada e descrição sumária de cada edificação, composta por detalhes arquitetônicos, caracterização dos elementos ornamentais, da constituição do telhado, identificação dos materiais construtivos, das tipologias arquitetônicas e disposição sintetizada da planta baixa, quando possível. Complementarmente, o intuito é, para além do aspecto prático de catalogação ou de inventário, a divulgação de lugares de memória¹³ de Angicos consultáveis futuramente, que representam um momento histórico da cidade; embora as edificações estejam descaracterizadas, em ruína, demolidas e que paisagem urbana tenha ganhado novas configurações e conotações socioculturais diante do desenvolvimento da sociedade, das relações econômicas, ou seja, os relatos de um tempo vivo na memória e na identidade.

¹² Ver apêndice B

¹³ Cf. NORA, Pierre. **Los lugares de memória**. Trad.: Laura Masello. Montevideo: Ediciones Trilce, 2008.

2. TERRITÓRIO, PAISAGEM E URBANIZAÇÃO

O território brasileiro surge irreversivelmente por conflitos e imposições que resultaram no concomitante e síncrono parcelamento do solo, que é antecedente a todas as demais formas de poder, controle e coerção. Assim, na forma de célula unitária, que por analogia à meiose, é fragmentada e, ao longo do processo, implica em novas possessões, emerge o modelo de distribuição territorial adotado pela Coroa lusitana com o intuito da instauração de capitânias, em benefício concedido aos capitães-mores, com implicações, ainda que fundamentalmente distintas ao entendimento contemporâneo de propriedade, na delegação de poderes para a transmissão das terras hereditariamente, de concessões a terceiros e a prerrogativa arbitrária da criação de vilas. Contudo:

É fácil imaginar as imprecisões da determinação no local dos reais limites das terras obtidas em sesmarias e os eventuais abusos que tais imprecisões propiciavam não apenas quando da obtenção das terras ou de seu desbravamento por alguns sesmeiros, mas também quando da sua exploração pela vida afora, da passagem das mesmas para seus herdeiros. Os próprios instrumentos de medição eram precários (Lima e Porto) e as demarcações incertas, uma constante¹⁴.

2.1 A história da urbanização do Rio Grande do Norte

O modelo fundiário praticado no Brasil colonial, notabilizado por imprecisões nas demarcações de limites, resultou na concentração da terra em poucas mãos. Ainda que não exclusivamente, o interesse do donatário indicia de que modo dar-se-ia o povoamento, as condições de permanência e a necessidade de mão de obra que, gradativamente, redigia a síntese de uma vindoura vila. O primeiro processo de povoamento das donatárias está associado a práticas mercantis de açúcar, comércio de mão de obra escravizada e doações ao patrimônio religioso. Por isso, é imprescindível a observação de que “[...] a paisagem urbana como se desenha e redesenha continuamente a partir do chão; espelha primeiro a forma de ocupação do solo”¹⁵. Marx, continua:

Dessa forma, assim como o quadro da ocupação territorial refletiu um certo tipo de parcelamento fundiário calcado em grandes concessões de terra onde, de permeio, uma rede urbana muito rala lentamente se esboçou, também a paisagem interna de seus diminutos pólos [sic] ecoou o confuso balanço entre o que depois – e só muito depois – se poderia chamar de solo público e solo privado¹⁶.

Relegado o anacronismo, a posse de terra difere-se à atual, em que os lotes se reduzem a duas casas decimais em suas dimensões. Por isso, o solo referia-se metaforicamente às casas grandes, ao trono e aos altares, conquanto a população geral vivesse em uma situação

¹⁴ MARX, Murillo. *Cidades no Brasil, terra de quem...* op. cit., p. 34

¹⁵ MARX, Murillo. *Cidades no Brasil, terra de quem...* op. cit., p. 31

¹⁶ MARX, Murillo. *Cidades no Brasil, terra de quem...* op. cit., p. 84

relativamente “feudal”, embora numerosa. Essa estrutura fundiária persiste ao longo dos séculos, ainda que gradativamente passe por modificações sociais e redesenho da narrativa. Nessas localidades, em que havia reunião populacional, surgia a necessidade de organizar o espaço, para o suprimento das necessidades eclesiásticas e civis:

[...] o terreiro em torno rústico, mas amplo, a ser oferecido aos moradores próximos e aos vizinhos de longe que, nos domingos e festas, acorriam para assistir aos serviços religiosos a que estavam obrigados, a comprar os gêneros de que necessitavam, a vender o produto de suas terras ou mãos, a se encontrar com a gente mais próxima e com ela, quem sabe, promover algum evento social –, terreiro que talvez fosse encolhendo não apenas com o crescimento da massa construída da igreja, se próspera a localidade, porém com o próprio crescimento desta, feito às suas custas, ou seja, às custas do patrimônio religioso do qual constituía se não a área nuclear, a principal¹⁷.

Os comentários de Marx são generalistas e aplicam-se ao processo de povoamento e urbanização de todas as capitanias da América Portuguesa. A capitania do Rio Grande remonta aos primeiros 30 (trinta) anos dos colonizadores em solo brasileiro. Sua ocupação se iniciou por volta de 1530 (mil quinhentos e trinta) por meio doação de capitanias aos senhores João de Barros, Fernão Álvares de Andrade e Aires Cunha¹⁸. No entanto, malsucedidos em suas tentativas para a consolidação da posse das terras, que é retomada na última década do século XVI pela coroa portuguesa, novamente responsável por sua administração.

[...] a capitania do Rio Grande passou a Coroa, assim como algumas outras, devido à falta de recursos dos donatários, aos constantes ataques dos índios, à distância da Metrópole, à difícil comunicação entre as capitanias e à má administração. [...] Pouco a pouco, a Coroa comprou dos herdeiros as capitanias ou as confiscou por abandono. Entretanto, a última capitania só desapareceu em 1759, por determinação do Marquês de Pombal [...]¹⁹

Segundo a pesquisa de Nathália Diniz, “D. Francisco de Souza, sétimo Governador Geral do Brasil (1591-1602), cumprindo as determinações de duas Cartas Régias (9 de novembro de 1596 e 15 de março de 1597)”²⁰ determinou a construção de uma fortaleza, a Fortaleza dos Reis Magos, e a fundação de uma cidade, a cidade de Natal, em 25 de dezembro de 1599. Em termos gerais, no curso dos séculos XVI, XVII e XVIII, o Rio Grande baseou a sua atividade econômica na produção de cana-de-açúcar na faixa litorânea leste, na criação de gado nos sertões adentro e, mais tarde, em outras economias como o algodão, a carnaúba e a produção de sal. Essas frentes econômicas mobilizaram os processos de povoamento e

¹⁷ MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem...** op. cit., p. 41-44.

¹⁸ VIDAL, Laurent. Considerações sobre uma experiência negligenciada: a fundação de vilas no tempo das capitanias hereditárias (1534-1549). In: FRIDMAN, Fania (org.). **Espaço urbano latino-americano: ensaios sobre história política e territorial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. p. 11-36.

¹⁹ DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da ribeira do Seridó**. 205 f. Dissertação (Mestrado) - História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, São Paulo, 2008, p. 36.

²⁰ DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da ribeira do Seridó...** op. cit., 2008, p. 37.

urbanização na capitania do Rio Grande do Norte, que, naquela altura, estava subordinada administrativamente à capitania de Pernambuco.

José Moreira Brandão Castelo Branco, em artigo publicado para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reafirma o “fracasso” de João de Barros pela inexistência de igrejas construídas na localidade no período de sua administração, visto que o templo cumpria parte do esforço de aculturação dos indígenas²¹. Bem mais tarde, informa que a partir de expedições de sacerdotes que vinham de Pernambuco, houve o registro de capelas em vilas nas faixas litorâneas e agreste, a maioria fundadas por indígenas convertidos ao cristianismo, em processo sincrético. Em 1639, anos depois após a fundação de Natal, Adrian van der Dussen, conselheiro da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, descreve a existência de 4 (quatro) freguesias: Cunhaú (localizada no atual município de Canguaretama), Goiana (atual Goianinha), Mopebu (atual São José de Mipibu) e Potigi, em Natal²². Com relação à donatária de João de Barros, o autor menciona:

Na de João de Barros não havia igreja, mesmo no período em que aí dominaram os franceses, os quais se misturavam com indígenas sem outro desígnio alheio ao mercantilismo. E os portugueses [sic] que se empenharam pela posse da terra, nunca puderam fundar núcleos duradouros, limitando-se, por essa época, ao tráfico dos produtos nativos, no que eram constantemente perturbados pelos franceses que, sabendo melhor grangear a amizade dos silvícolas, lograram maiores vantagens.²³

A imprecisão dos registros, a alteração de topônimos e as sobreposições de *status* dificultam a acurácia cronológica da listagem das localidades. Ainda assim, quanto à dinâmica territorial, é notória a concentração de freguesias e capelas filiais na faixa litorânea leste da capitania, enquanto nos sertões a proximidade aos corpos hídricos perenes e às províncias do Ceará e da Paraíba, a exemplo das atuais Apodi e Assú, Caicó e Pau dos Ferros, indicam a justificativa primária para o povoamento desses lugares, que facilitou a comercialização de insumos e o percurso do gado.

Situadas as motivações seculares, vem a necessidade sacral de se tornarem locais assistidos por celebrações católicas e registros eclesiásticos (certidão de batismo, de matrimônio e óbito), consumada pela construção de uma ermida. Desse modo, o quadro abaixo apresenta as localidades que dispuseram da condição de freguesias no Rio Grande do Norte

²¹ BRANCO, José Moreira brandão Castelo. Igrejas e freguesias no Rio Grande do Norte. **Revista (trimestral) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**: volume 215 (abril-junho 1952). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953, p. 3.

²² BRANCO, José Moreira brandão Castelo. Igrejas e freguesias no Rio Grande do Norte...op. cit., p. 7.

²³ BRANCO, José Moreira brandão Castelo. Igrejas e freguesias no Rio Grande do Norte...op. cit., p. 3.

desde a fundação de Natal, em 1599, até o final do século XVII, por ano de criação da paróquia e os respectivos municípios aos quais correspondem na atualidade:

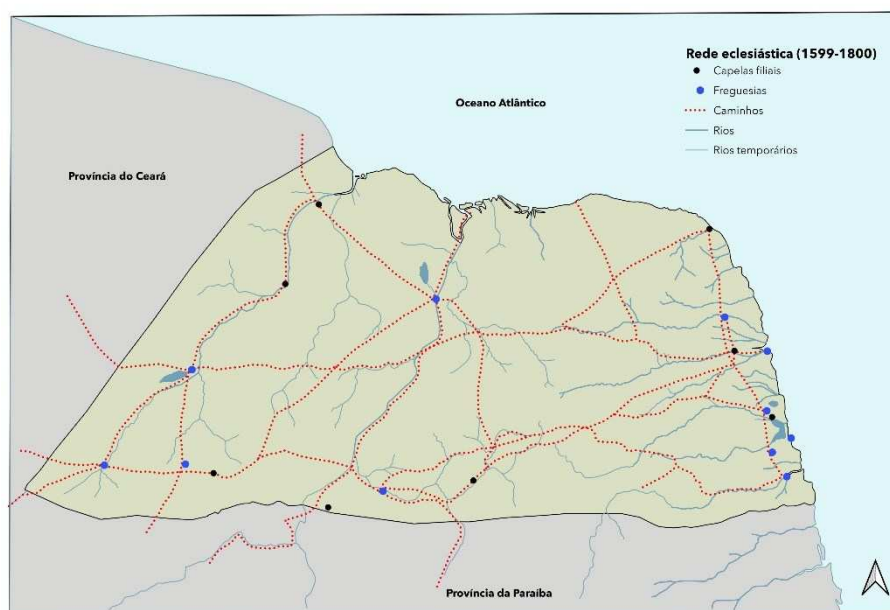
Quadro 01 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1599-1800

Freguesias	Município	Ano
Nossa Senhora da Apresentação do Natal	Natal	1601
Nossa Senhoras dos Prazeres de Goianinha	Goianinha	1639
São João Batista do Assu	Assú	1726
Sant' Anna do Príncipe	Caicó	1748
Nossa Senhora da Conceição de Pau dos Ferros	Pau dos Ferros	1756
São João Batista de Arez	Arez	1759
São Miguel e Nossa Senhora dos Parezeres d'Extremoz	Ceará-Mirim e Extremoz	1759
São João Batista de Porto Alegre	Portalegre	1761
Nossa Senhora do Desterro de Gramació	Vila-Flor	1762
São João Batista de Apody	Apodi	1766
Sant' Anna de São José de Mipibu	São José de Mipibu	1772

Fonte: elaborado pelo autor a partir de BRANCO, José Moreira brandão Castelo. Igrejas e freguesias no Rio Grande do Norte, op. cit..., 1953 e ARRAES, Damião Esdras Araujo. Ecos de um suposto silêncio, op. cit..., 2017

Mencionadas as freguesias, o mapa temático 03 as situa com as capelas filiais criadas até o final do século XVIII no território da capitania do Rio Grande do Norte. Além da rede eclesiástica, há indicação dos caminhos terrestres, que uniam as povoações entre si e às áreas contíguas, e do sistema de rios perenes, afluentes e subafluentes temporários que as banhavam:

Mapa 03 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1599-1800)

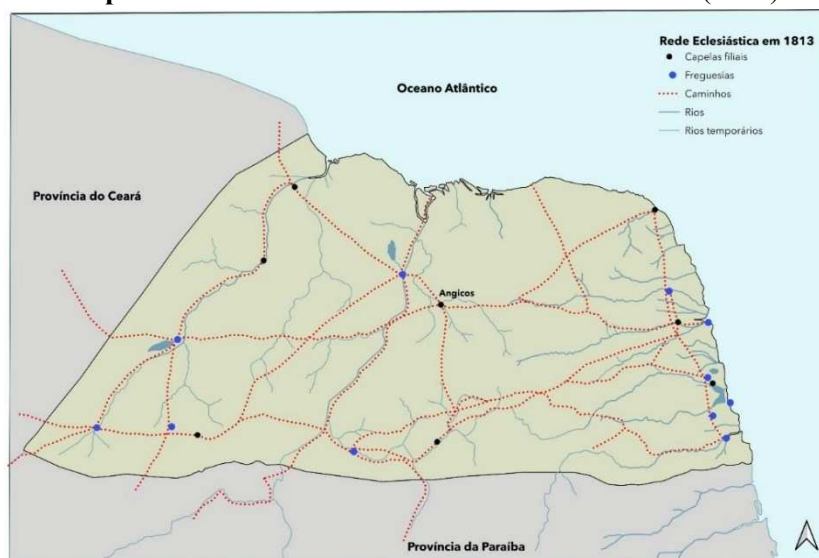


Fonte: a partir do “Mappa da Província do Rio Grande do Norte, de John M. Monrant (1887)”. Acervo do grupo de pesquisa Sertões-Amãe

Soma-se à rede eclesiástica da capitania do Rio Grande do Norte em crescimento pelos sertões, a capela de São José em Angicos, inaugurada em 1813, conforme argumentado na

introdução. Desse modo, o mapa temático 04 posiciona a nova capela filial, ao centro, próxima e vinculada à freguesia de São João Batista do Assú, aos caminhos de comunicação de tal sistema de paróquias e ermidas, ainda concentrado no litoral e nas zonas fronteiriças com o Ceará e a Paraíba:

Mapa 04 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1813)



Fonte: a partir do “Mappa da Província do Rio Grande do Norte, de John M. Monrant (1887)”. Acervo do grupo de pesquisa Sertões-Amãe

Até o ano de 1822, a rede de povoações civis do Rio Grande do Norte era formada por uma cidade – Natal (1599) –, cinco vilas de índios - Estremoz (1759), Arez (1759), Portalegre (1761), São José de Mipibu (1761), Vila Flor (1762) -, duas vilas “de brancos”²⁴ - Assu (1766), Vila do Príncipe (1788). Além dos concelhos, havia dez freguesias: Nossa Senhora da Apresentação da cidade de Natal, São João Batista do Assú, São João Batista do Apodi, Nossa Senhora da Conceição de Pau dos Ferros, Nossa Senhora dos Prazeres de Goianinha, Santa Ana de Caicó, São João Batista da vila de Arez, São José de Ribamar de Mipibu, Nossa Senhora dos Prazeres da vila de Estremoz e São João Batista de Portalegre²⁵.

Não obstante, o processo de urbanização observado até metade do século XIX elevou diversas capelas filiais ao *status* de freguesia. A de São José dos Angicos ocorreu em 1836. O quadro 02 apresenta tais localidades inseridas em comarcas, que subscreveram o território da província do Rio Grande do Norte em três subseções: ao leste, a comarca de Natal; ao centro, a de Assú; e ao oeste, a da Maioridade²⁶. O panorama menciona algumas capelas filiais, dentre

²⁴ Assim classificavam as autoridades régias as vilas cujos moradores eram de origem portuguesa.

²⁵ Cf. ARRAES, Damião Esdras Araujo. **Ecos de um suposto silêncio: paisagem e urbanização dos “certoens” do Norte**, c. 1666-1820. Tese (doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo, 2017. 528 f.

²⁶ Atual Martins, cujo nome homenageou a maioridade antecipada de Dom Pedro II.

as quais algumas não correspondem às atuais sedes municipais, como é o caso de Oficinas e Logradouro, ou não estão sob jurisdição do atual Rio Grande do Norte, caso de Pedra Lavrada, município paraibano. Além das alterações de topônimos e/ou de grafia.

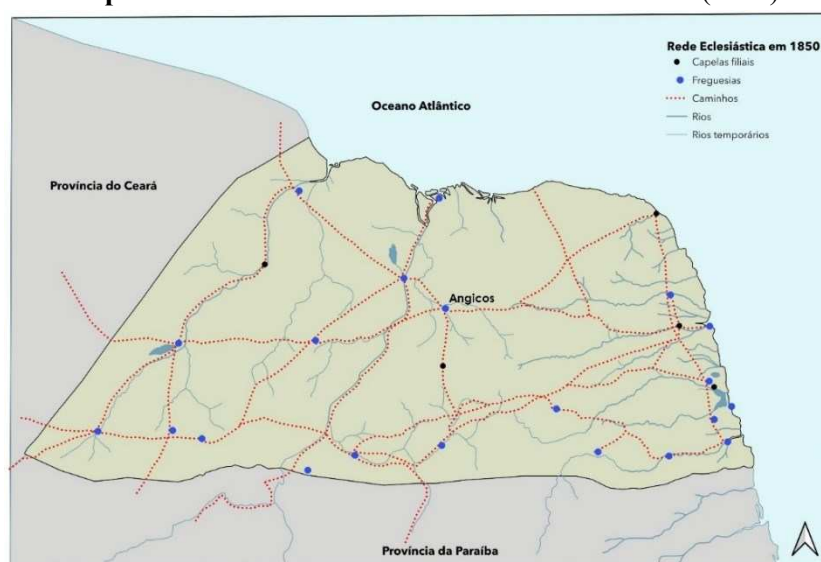
Quadro 02 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1850

Comarca de Natal	Comarca do Açu	Comarca de Maioridade:
Natal	Açu (Assú)	Maioridade (Martins)
São Gonçalo [do Amarante]	Campo Grande	Pau dos Ferros
Extremoz	Sant'Ana de Matos	Port'Alegre (Portalegre)
Touros	Angicos	Apodi
[São José de] Mipibu	Príncipe (Caicó)	Santa Luzia de Mossoró
Papary (Nísia Floresta)	Acari	
Goianinha	*Capelas filiais em 1850	
Arez	*Macau	*Luiz Gomes
Flor (Vila-Flor)	*Oficinas (Pendências)	*Patu
Santa Rita da Cachoeira (Santa Cruz)	*Jardim [do Seridó]	*Logradouro (Almino Afonso e Frutuoso Gomes)
	*Pedra Lavrada [PB]	*São Sebastião (Caraúbas)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Revista (trimestral) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: volume 215 op. cit..., 1953

Nesse cenário, apresentado no mapa temático 05 da rede eclesiástica da província do Rio Grande do Norte em 1850, a tendência de ocupação perimetral é reforçada pelo surgimento de novas clientelas nas divisas provinciais com o Ceará e a Paraíba, expandida no centro, que inclui a recém-criada paróquia de Angicos e iniciada no litoral norte.

Mapa 05 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1850)



Fonte: a partir do “Mappa da Província do Rio Grande do Norte, de John M. Monrant (1887)”. Acervo do grupo de pesquisa Sertões-Amãé

O Recenseamento Geral de 1872, realizado pelo IBGE, dispõe a organização do Rio Grande do Norte a partir das freguesias. Mas em paralelo insere os termos de município, indícios da cisão administrativa entre Igreja e Estado comentada posteriormente. O recorte

constata a expansão contínua da rede eclesiástica que, de uma dezena em 1800, contava naquele momento com vinte e sete freguesias, muitas das quais capelas filiais emancipadas e novos núcleos urbanos prosperados.

Quadro 03 – Freguesias do Rio Grande do Norte em 1900

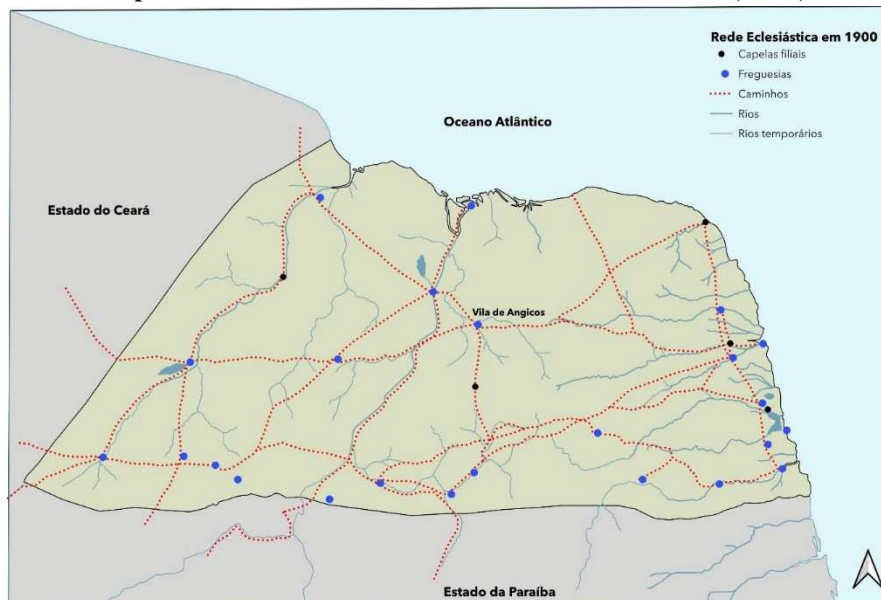
Freguesia	Município
Nossa Senhora da Apresentação do Natal	Natal
São Gonçalo	
São Miguel e Nossa Senhoras dos Prazeres d'Extremoz	Ceará-Mirim
Senhor Bom Jesus dos Navegantes do Porto dos Touros	Touros
Sant'Anna e São José de Mipibu	São José de Mipibu
Nossa Senhora do Ó de Papary	Papary (Nísia Floresta)
São João Baptista de Arez	
Nossa Senhora da Penha de Canguaretama	Canguaretama
Nossa Senhora dos Prazeres de Goyanninha	Goianinha
Nossa Senhora da Conceição de Nova Cruz	Nova Cruz
Santa Rita da Cachoeira	
São João Baptista do Assú	Assú
Sant'Anna de Mattos	Sant'Anna de Mattos (Santana do Matos)
São José dos Angicos	Angicos
Nossa Senhora da Conceição de Macáu	Macau
Sant'Anna do Triumpho	Triumpho (Campo Grande)
Sant'Anna do Príncipe	Príncipe (Caicó)
Nossa Senhora do Ó da Serra Negra	
Nossa Senhora da Conceição do Arvoredo do Jardim	Jardim [do Seridó]
Nossa Senhora da Guia do Acary	Acari
Santa Luzia de Mossoró	Mossoró
São João Baptista do Apody	Apody (Apodi)
São Sebastião de Caraúbas	Caraúbas
Sant'Anna da Imperatriz	Imperatriz (Martins)
Nossa Senhora das Dôres do Patú	
Nossa Senhora da Conceição do Pao dos Ferros	Pau dos Ferros
São João Baptista de Porto Alegre	Porto Alegre (Portalegre)

Fonte: elaborado pelo autor a partir do Recenseamento Geral de 1872 (2024)

Observado o enquadramento histórico em recortes temporais e cartográficos, nota-se que as redes urbana e eclesiástica do Rio Grande do Norte cresceram consideravelmente e reduziram as distâncias entre um núcleo urbano e outro. Nesse sentido, uma justificativa compatível com esse fator é a de movimento populacional nas proximidades de uma freguesia

mais antiga, por movimentos comerciais entre povoações e as fazendas, que desenvolvem microrredes regionais.

Mapa 06 – Rede eclesiástica do Rio Grande do Norte (1900)



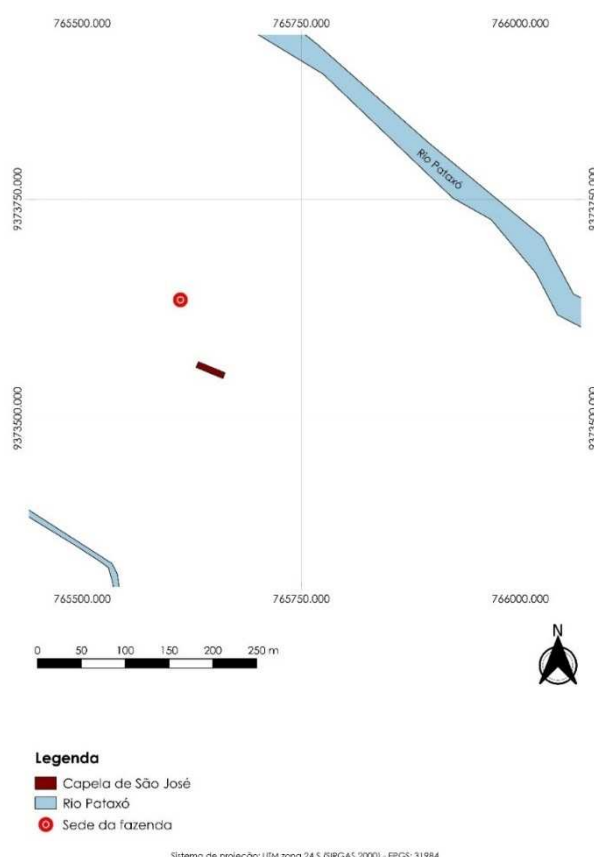
Fonte: a partir do “Mappa da Província do Rio Grande do Norte, de John M. Monrant (1887)”. Acervo do grupo de pesquisa Sertões-Amãe

Visto esse cenário das alterações territoriais do Rio Grande do Norte, os olhos voltam-se aos movimentos que acontecem internamente em Angicos e ao contexto que caracteriza as dinâmicas urbanas, as produções arquitetônicas e os aspectos sociais formuladores da cidade, a partir da conjuntura de vila à condição de cidade consolidada, que precede e condiciona a “espinha-dorsal” contemporânea, em seus símbolos, conjunto edilício e desenvolvimento como cenário historiográfico.

2.2 Angicos: a vila no Século XIX (1836-1900)

A Resolução nº 9, de 13 de outubro de 1836²⁷, concedeu à capela de São José dos Angicos as prerrogativas de freguesia e vila. O território da nova igreja matriz decorre do desmembramento da paróquia de Santana do Matos. Já o da vila surge em decorrência do fracionamento da vila de Assú. O marco inicial está, todavia, na inauguração da capela de São José, no ano de 1813 (Mapa 07), cenário em que se reuniam os residentes das fazendas adjacentes e, gradativamente, são edificadas as primeiras moradias nos arredores do adro sacralizado, a fim de reforçarem as relações comerciais e os deveres dominicais com a missa. Para Maria Zélia Moreira Alves Cunha:

Mapa 07 – Angicos em 1813, hipotético



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

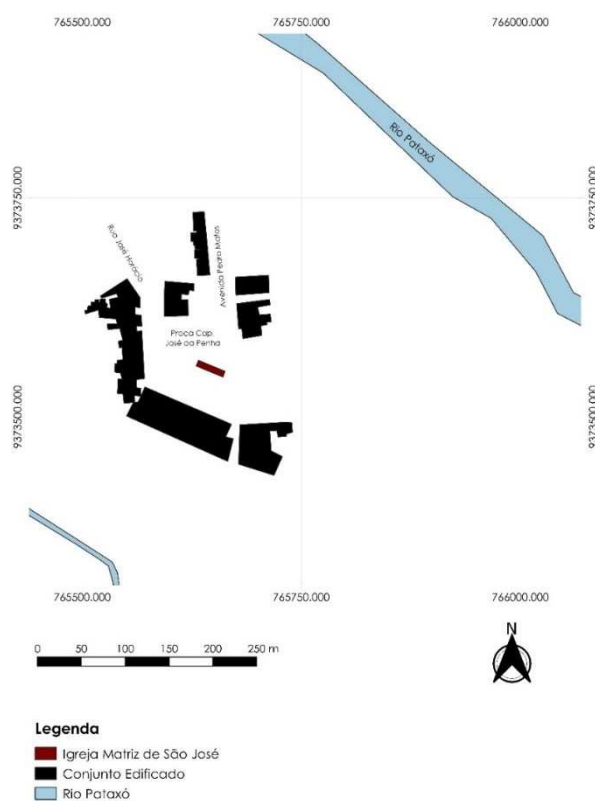
A construção de uma capela era o fator principal para impulsionar o crescimento daquele promissor agrupamento humano. A religião sempre foi o poderoso criador de núcleos sociais, ligando os homens na fraternidade e na fé²⁸

²⁷ Coleção de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte (RN) - 1835 a 1887: Art. 1. Fica desmembrada da Matriz de Santa Anna do Mattos, e elevada a Igreja Parochial, a Filial Capella de S. José dos Angicos, conservando os mesmos benesses e emolumentos Parochiaes que a Freguezia de que he desmembrada, em quanto por Lei não for determinado o contrario [sic]. [...] Art. 3. Fica desmembrada do Municipio da Vila do Assú, e instaurada a Villa de Angicos, supprimida pela Lei Provincial de 28 de Março do anno passado, sendo os seus limites os mesmos marcados no artigo antecedente para a Freguezia [sic]. Ver anexo.

²⁸ CUNHA, Maria Zélia Moreira Alves. Angicos ontem e hoje...op. cit. p.13.

Como antecipado, naquela altura havia, além da sede da igreja e situadas nas proximidades do adro, algumas residências, cujos chãos de terra provavelmente foram loteados pela ação do pároco local. O mapa 08 apresenta, hipoteticamente, a configuração espacial da vila de Angicos em 1836. O seu desenho foi elaborado a partir do atual traçado, com auxílio de vestígios arquitetônicos e fotográficos localizados ao longo da pesquisa. Observa-se que o alinhamento inicial direciona o crescimento material da vila em direção ao rio Pataxó, perene, em que às margens, supostamente, ficariam as plantações e os currais de gado. Esse curso fluvial abastecia a pequena população da paróquia, aspecto geográfico que possibilitou a fixação de gente e o crescimento da aglomeração²⁹. A fundação de uma freguesia rearranjava os espaços internos das igrejas, mediante o acréscimo da sacristia localizada por trás do altar-mor, e, às vezes, a adição de um transepto, onde estariam situadas as capelas laterais da edificação sacra³⁰. No entanto, conforme Marx:

Mapa 08 – Angicos em 1836, hipotético



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Algo, entretanto, não mudará. O local da igreja matriz, ou da nova matriz, será o mesmo – aquele ponto geograficamente destacado de quando se iniciou um

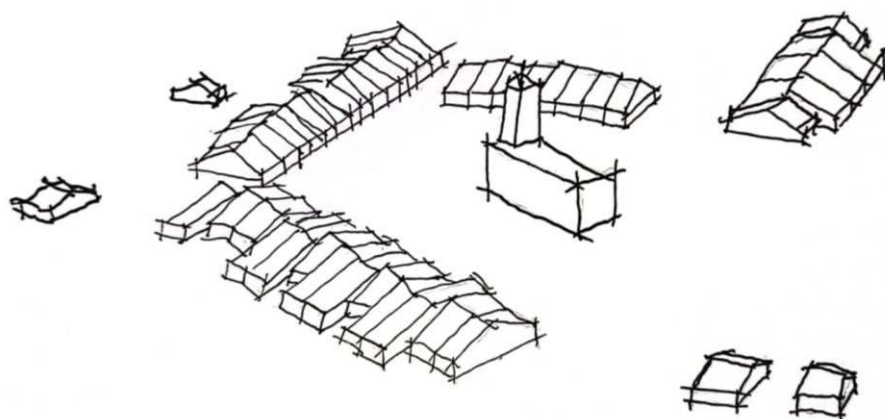
²⁹ A título de auxílio na interpretação, os atuais logradouros foram nomeados.

³⁰ Cf. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. Título XLIII, artigo 174. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853. p. 74.

ajuntamento de moradias; [...] aquele setor da povoação privilegiado pela concentração de gente, de atividades e de negócios que a proximidade do templo estimulava³¹.

Nesse sentido, o condicionamento das comunidades corrobora com a autonomia paroquial, da capela com capelão que, como observa Marx, a “elevação que significava a ascensão de toda uma região inóspita, ou de ocupação mais antiga e em expansão, ao novo *status* de paróquia ou freguesia”³². É o cenário institucional observado em Angicos ao longo do século XIX, no qual a forma e o traçado dos chãos de terra urbana guiaram-se pela igreja matriz de São José como representação de sua autoridade e autonomia.

Figura 01 – Croqui com a concepção inicial da vila de Angicos



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Estabelecida pela igreja, a ocupação do solo no entorno imediato por casas e edifícios institucionais corresponde à urbanização inicial. Essa paisagem manteve a origem e movimentou-se em ampliação, ainda que lentamente, ao longo do Oitocentos, como atesta a descrição dos oficiais da câmara da vila escrita, em 1881, em resposta a um questionário solicitado pela Biblioteca Nacional:

Consta-se duas pequenas ruas, largas e bem arejadas, e mais três alinhamentos de boas casas que formão o Adro da Matriz, bonito e decente edifício. Ao Nordeste confronte a mesma acha-se a Cadeia Publica ainda em obra, tendo bõa sala livre, onde funciona a Camara Municipal. Ao Sueste, no mesmo quadro, está a Casa do Commercio edificada ultimamente as espessas dos socorros públicos, que embora não concluida, de muito tem servido - não só para comido dos viajantes, como aos negociantes do lugar e seus subúrbios. Ao Levante vê-se o alto e majestoso - Pico do Cabugi - que semelhante ao antigo Telegrapho óptico nos annuncia as chuvas pelos cúmulos de nuvens em sua mais elevada extremidade, onde por singularidade, com diffículdade, foi collocado um poste com o respectivo pararia. Ao Leste septentrião e occidente

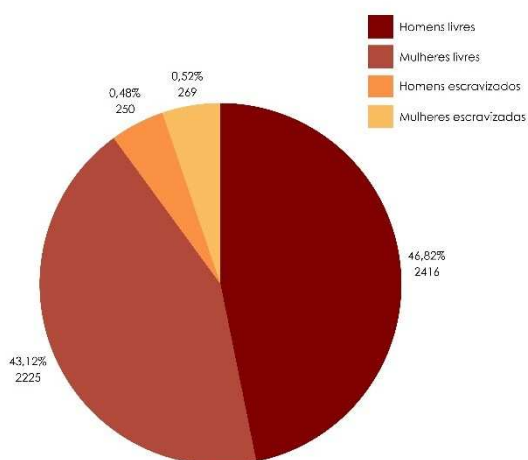
³¹ MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem...**op. cit., p. 27.

³² MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem...**op. cit., p. 18.

observão-se diversos serrotes de granito que conccorre ao longe para formar-se da pequena formar-se da pequena Villa mais avultada ideia³³ [sic].

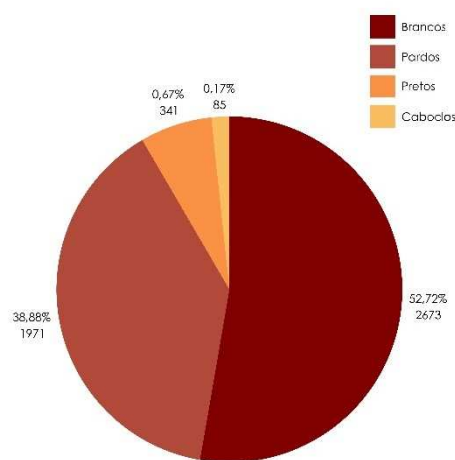
Contemporâneo ao relato dos edis da Câmara, a população da vila de Angicos e seu termo³⁴ era diversificada em termos de gênero, raça, nacionalidade, atividades profissionais e origem provincial. De acordo com os dados estatísticos do recenseamento de 1872, o número de habitantes era de 5.160, dos quais 2.673 eram brancos, 1.971 pardos, 341 pretos e 85 caboclos. Havia 4.641 pessoas livres (2.416 homens e 2.225 mulheres) e 519 pessoas escravizadas (250 homens e 269 mulheres). O termo abrigava um total de 830 fogos³⁵, dos quais 778 eram casas habitadas (sedes de fazendas, moradas de escravos, indígenas e gente branca pobre) e 48 desabitadas. Residiam na vila 2 pessoas vindas da província do Ceará, 15 da Paraíba, 20 de Pernambuco, 2 da Bahia, mas 5.110 eram originárias da província do Rio Grande do Norte. Dessa cifra, cinco pessoas escravizadas eram de origem africana, um italiano e um português³⁶. A câmara de Angicos relatou, para o ano de 1881, uma população urbana de 300 almas, das quais 13 eram de negros escravizados³⁷.

Gráfico 01 – População de Angicos por gênero e liberdade em 1872



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do censo de 1872.

Gráfico 02 – População de Angicos por cor e raça em 1872



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do censo de 1872.

³³ **DESCRIÇÃO do município de Angicos-RN em 1881.** Manuscrito da Fundação da Biblioteca Nacional. Identificador: I – 31, 17, 36.

³⁴ “Termo” era o território administrado por alguma vila. Dentro do termo existiam fazendas, roças, capelas filiais, freguesias, julgados, pousos, passagens e a própria vila. Seus contornos eram definidos por cartas régias ou leis provinciais. Em termos comparativos, hoje seria o território do município.

³⁵ Nesse caso, sinônimo de moradias, habitações

³⁶ **RECENSEAMENTO do Brasil em 1872.** Rio Grande do Norte. Disponível em <http://bibliotecaibge.gov.br>. Acesso em 18 fev. 2024.

³⁷ **DESCRIÇÃO do município de Angicos-RN em 1881.** Manuscrito da Fundação da Biblioteca Nacional. Identificador: I – 31, 17, 36

Figura 02 – Igreja Matriz de São José dos Angicos, monumento século XX e Mercado por volta de 1900



Fonte: Cunha, 1992, p.133

2.3 Angicos: a cidade no século XX

Estabelecida as atribuições religiosa e civil na origem de diversas localidades brasileiras, as perspectivas da cidade modificaram-se ao longo das décadas em direção às necessidades e desejos humanos, ainda que a fé e a espiritualidade permaneçam influentes. No entanto, o processo de secularização dos espaços da povoação não traz repercussão somente às crenças religiosas, mas sobretudo na consolidação do sistema econômico capitalista, no aprofundamento das novas dinâmicas de uso, forma e função, isto é, na urbanização, com implicações na intensificação da desigualdade social, acesso à habitação e ao espaço público.

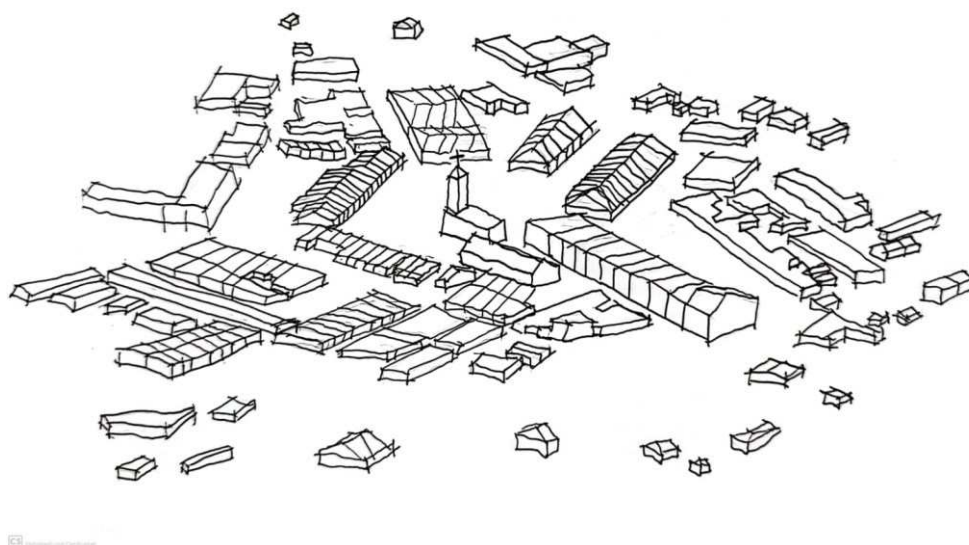
2.3.1 1901 – 1959

Este recorte temporal, situado na primeira metade do século XX, é caracterizado ainda pela formação inicial e pela respectiva estruturação de uma rede equipamentos arquitetônicos que ressignificaram o cotidiano, o aspecto urbano e a paisagem de Angicos. Aparecem as primeiras menções aos grupos de ensino e a primeira edificação destinada à educação (a atual Escola Estadual José Rufino), os primeiros espaços de atendimentos em saúde, a primeira sede da prefeitura e a atual Biblioteca Municipal Francisco Pinheiro. Ocorre igualmente o fortalecimento das atividades comerciais e sociais, representado pela construção de uma nova casa de comércio, o atual Mercado Teonila Amélia Cruz de Araújo, a agência de Correios e

Telégrafos³⁸ e, sobretudo, pela instalação de um ramal de via férrea da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, que incluiu a cidade à rota da “modernização” nacional. E, na última década, pela sede da delegacia de Polícia Civil.

Sob a intensificação da dinâmica urbana em relação ao comportamento social das vilas e cidades, a relação estreita entre os usos sagrado e profano está em processo de declínio, a “dissociação progressiva” dita por Rubenilson Teixeira³⁹. Nota-se, historicamente, que a “povoação sagrada” já oferecia espaços para usos profanos, muitos dos quais iniciados ou encerrados com solenidades religiosas. Contudo, as mudanças ocorridas ao longo do século XX, repercutiram no surgimento de novas alternativas de lazer que não requerem função religiosa. A exemplo das idas a restaurantes, bares, balneários, estações ferroviárias, espaços para feiras etc. Sobre esse aspecto, mais uma vez recorremos aos comentários de Marx:

Figura 03 – Croqui hipotético da configuração espacial da cidade de Angicos na primeira metade do século XX



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Essas novidades serão decisivas e transformadoras, porque somente com a república vai se completando a **laicização** do Estado; somente com as leis republicanas, especialmente o nosso ainda único Código Civil, ganhou outra atenção o trato institucional e administrativo dos assuntos municipais e se consolidaram os novos

³⁸ [...] alinha-se à criação da política varguista de arquitetura postal [...]. Dentro desse cenário da arquitetura postal do DCT, foram elaborados aproximadamente 92 projetos para as agências dos correios em todo território brasileiro. As tipologias dos edifícios estavam intimamente ligadas à categoria de classe desses, essas classes eram definidas pela hierarquização das agências determinada pelo DCT (Departamento de Correios e Telégrafos). Baseadas nessas classes, as principais tipologias e mais recorrentes eram as do tipo I, II e III e o tipo DR (Diretoria Regional), os tipos I e variações pertenciam à 3ª classe, os tipos II e III à quarta classe, sendo agências mais simples, de cidades do interior. **Os edifícios tipo II eram agências de 4ª classe, edifício simples com apenas um pavimento, remetendo às residências urbanas**, em alguns casos apresentava um segundo pavimento

³⁹ Idem ibidem., p. 161

conceitos de domínio e transmissão dos bens de raiz surgidos em pleno império. Estado sem religião oficial, separado da Igreja; terras negociadas, que se compram e vendem; poder público mais atento às questões mundanas dos cidadãos, de suas propriedades ou de sua falta; governo que se tornou também proprietário e fiador, embaraçado pelas leis do mercado.⁴⁰

Nas duas décadas iniciais, como mostra a paisagem representada na fotografia da figura 04, o conjunto edilício exibiu alinhamento regular, com casas implantadas nos limites do lote e no entorno da igreja matriz. Nota-se o ritmo uniforme de cumeeiras, o alinhamento das fachadas frontais e a presença de árvores em toda a faixa de serviço. Na segunda década, o alinhamento de moradias se estendeu e originou um largo em que se construiu o novo mercado e, supõe-se, às custas da remoção de algumas edificações de diferentes usos localizadas onde hoje estaria a rua Prefeito Espedito Alves (Figura 05).

Figura 04 – Centro de Angicos por volta de 1910, imediações da atual Praça Capitão José da Penha



Fonte: Cunha, 1992, p.137

Figura 05 – Largo do mercado público em 1920, imediações da atual Rua Prefeito Espedito Alves



Fonte: Cunha, 1992, p.139

Conforme explorado anteriormente, a então sede da prefeitura e hoje atual biblioteca pública municipal Francisco Pinheiro (Figura 06), construída por volta da década de 1920, representa a transição de *status* da vila à categoria de cidade. Essa edificação ainda presente na paisagem urbana passou por reformas em sua tectônica original: foram subtraídos do edifício

⁴⁰ MARX, Murillo. Cidades no Brasil, terra de quem...op. cit., p. 123

os balaústres da varanda e os losangos ornamentais do embasamento. Além disso, a construção de um novo mercado (Figura 07) reforça a complexidade das atividades econômicas e sociais promovidas pelo comércio local.

Figura 06 – Atual Biblioteca, à época sede da prefeitura por volta de 1925



Fonte: Cunha, p. 134

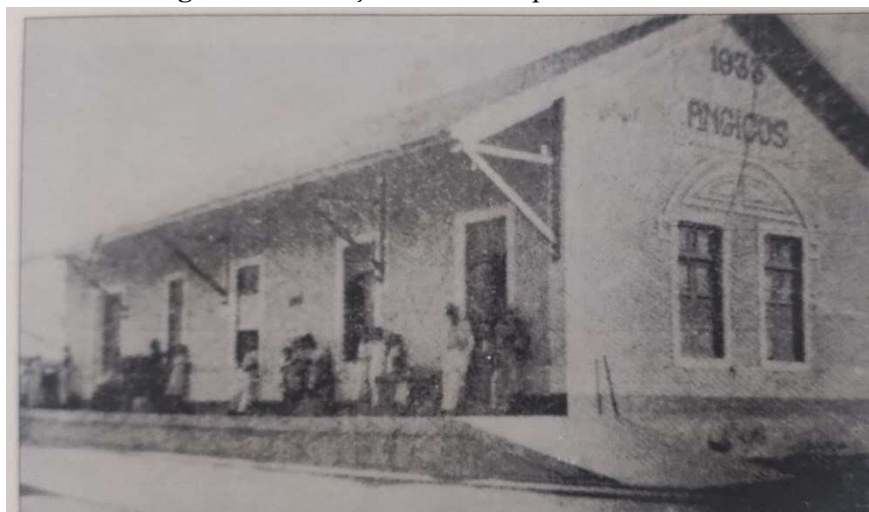
Figura 07 – Mercado Público em processo de construção, por volta de 1930



Fonte: Cunha, 1992, p 134

O advento da rede ferroviária do Rio Grande do Norte insere Angicos no mapa de deslocamento populacional e escoamento da produção estadual mediante sua inclusão no sistema ferroviário da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e inauguração da estação ferroviária em 1933. Nesse sentido, a condição de centro urbano regional é intensificada pela criação do ramal, o qual, pela interpretação do traçado de vias desenvolvido, direcionou o núcleo de povoamento primário, em torno da igreja, às suas imediações e ao longo da extensão da estrada. Nesse aspecto, os comentários do engenheiro civil Heitor Teixeira Brandão, mencionados na dissertação *Caminhos que estruturam cidades* de Gabriel Leopoldino de Medeiros são oportunos sobre o significado de Angicos na articulação de seu ramal na construção e rearranjo territorial do estado:

Figura 08 – Estação ferroviária por volta de 1935

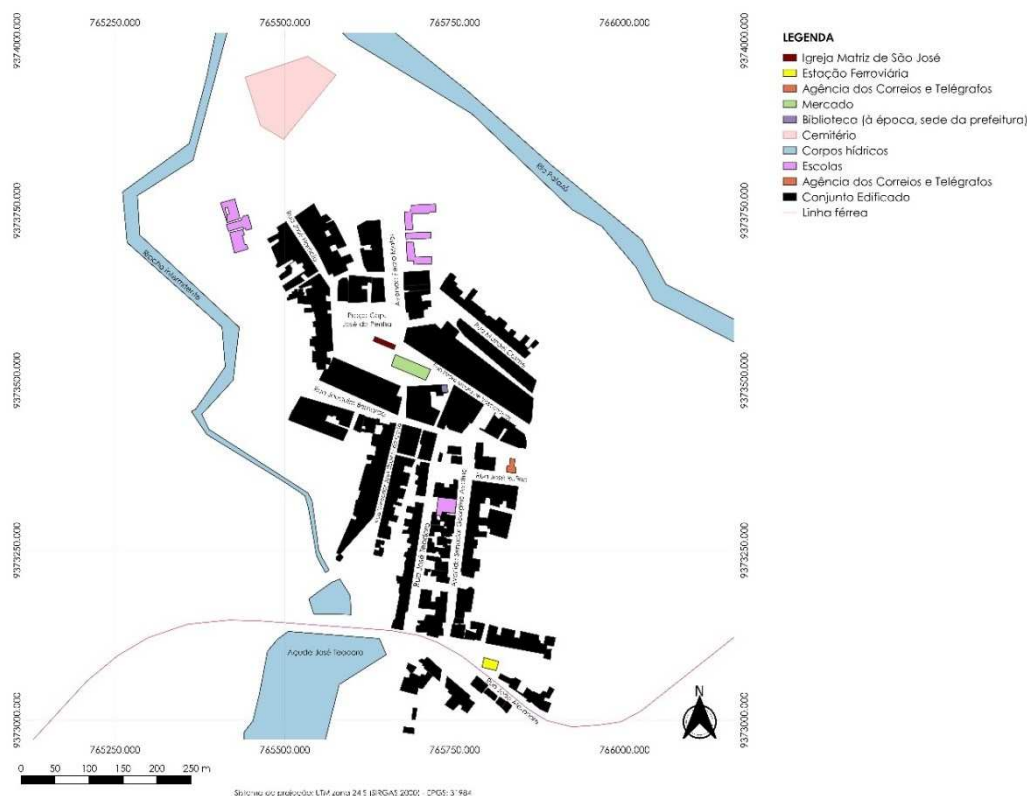


Fonte: Cunha, 1992, p. 135

Esclarecendo a situação, o engenheiro Heitor Teixeira Brandão concede uma entrevista ao periódico "A República", publicada no dia 21 de março de 1934, onde ele discorre sobre a situação da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte. Em relação à condição territorial, o prolongamento da ferrovia encontrava-se nesse momento em vias de finalização do trecho entre Angicos e São Rafael, "dependentemente somente de trilhos e algumas superestruturas metálicas para ser acrescida de mais 45 quilômetros" - chegando, assim, à margem do rio Assú/Piranhas; concomitantemente vão sendo desenvolvidos os estudos para o trecho entre São Rafael e São Miguel - 35 km, ligando a Central ao Seridó; e a construção do ramal de Macau "com o leito já concluído em grande parte"⁴¹

Diferentemente da forma urbana da vila, na qual a igreja exercia protagonismo individual, na cidade há novos objetos que reestruturam a urbanização local. Apontada a influência da estrada férrea e em termos morfológicos, é perceptível que o crescimento da cidade ocorreu no sentido longitudinal dos novos arruamentos. Nesse processo, novos edifícios institucionais ocupam solos fora do grande adro, como a agência dos Correios e Telégrafos (figura 21). Assim, as novas dinâmicas impulsionadoras da nova configuração espacial são o capital e as atribuições político-administrativas do município, representadas pelo edifício-sede da prefeitura, construído às costas do templo religioso.

Mapa 10 – Angicos em 1936, hipotético



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

⁴¹ MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de. **Caminhos que estruturam cidades: redes técnicas de transporte sobre trilhos e a conformação intra-urbana de Natal (1881-1937)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - DARQ/UFRN. Natal, 2011, p. 93

A sociedade secularizada busca e trivializa alternativas recreativas distanciadas da influência religiosa direta. Por sua vez, a Igreja percebe a perda de sua influência cultural sobre as atividades cotidianas. No entanto, ainda subsiste o convívio do sagrado com o profano, entrelaçado na dualidade persistente na relação entre religião e sociedade, que revela a complexidade das mudanças culturais e nos valores sociais nas cidades brasileiras. Segundo Teixeira:

A dissociação que se opera progressivamente entre o uso sagrado e o uso profano constitui um aspecto fundamental dos novos tempos. A Cidade de Deus sempre foi o lugar de usos exclusivamente profanos, que eram, no entanto menos frequentes. Quase invariavelmente, as festas profanas, que eram, no entanto, menos frequentes. Quase invariavelmente, as festas profanas começavam ou terminavam por uma solenidade religiosa. Aliás, a Igreja era a principal fonte de entretenimento. Ora, já não ocorre mais o mesmo na Cidade dos Homens. As novas opções de entretenimento e de lazer que se desenvolvem no século XX, a exemplo do banho de mar, não têm qualquer relação com a Igreja, e já não exigem a presença ou a bênção do padre ou de seus representantes. Pelo contrário, os representantes da Igreja já dirigem um olhar desconfiado para essas novas alternativas profanas de uso do espaço urbano, ainda que o vínculo com o sagrado se mantenha em alguns casos, por exemplo, no momento da inauguração de certas construções, tais como, as salas de teatro ou cinemas, quando o padre é chamado para dar a bênção. A associação entre o uso sagrado e o profano é mais visível nas cidades do interior, em determinadas ocasiões⁴².

Isso posto, a dissociação entre o sagrado e o profano varia em intensidade de acordo com contexto urbano e regional; enquanto nas grandes cidades a secularização é mais pronunciada, nas cidades pequenas dos sertões a religiosidade permanece pronunciada com as tradições religiosas ainda prestigiadas na vida cotidiana e de maneira mais frequente. Por isso, a progressão da estruturação da rede de cidades no Rio Grande do Norte, marcadas pela estreita relação entre a Igreja e a vida cotidiana, representa as nuances de permanências culturais e sociais que permeiam o tecido urbano.

Em relação ao período observado, o primeiro registro demográfico identificado é o “Recenseamento Geral do Brasil em 1940”⁴³. Conforme seus dados, a população do município de Angicos totalizava 19.957 pessoas (10.003 homens e 9.954 mulheres). Todavia, apenas 572 pessoas viviam na área urbana do distrito-sede. Assim, a população residia, naquele momento da história urbana de Angicos, majoritariamente na área rural e em mais 3 (três) distritos: Afonso Bezerra (5.453 habitantes), Epitácio Pessoa, atual Pedro Avelino (5.414 habitantes) e Fernando Pedroza (2.704 habitantes). Em relação aos domicílios, os construídos em alvenaria

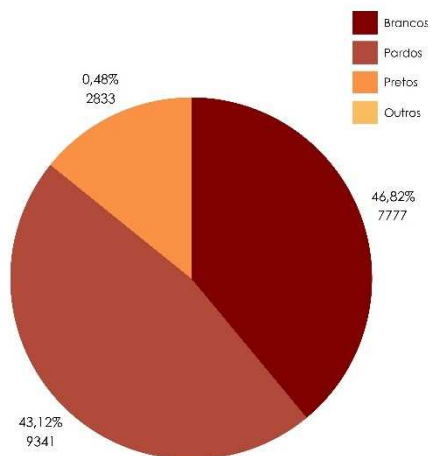
⁴² TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Da cidade de Deus à cidade dos homens**. A secularização do uso, da forma e da função urbana. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2009. p. 161-162.

⁴³ Cf. **Sinopse do censo demográfico (Recenseamento geral de 1940)**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1947. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/314/cd_1940_dadosgerais_edespecial_1947.pdf. Acesso em 3 abr. 2024.

totalizavam 368 urbanos, 120 suburbanos e 1.397 rurais, nos quais viviam 10.787 pessoas, ou seja, 9.170 pessoas viviam em habitações construídas com outros materiais, a exemplo da madeira (12 domicílios urbanos, 172 suburbanos e 1597 rurais) ou, eventualmente, não possuíam habitações.

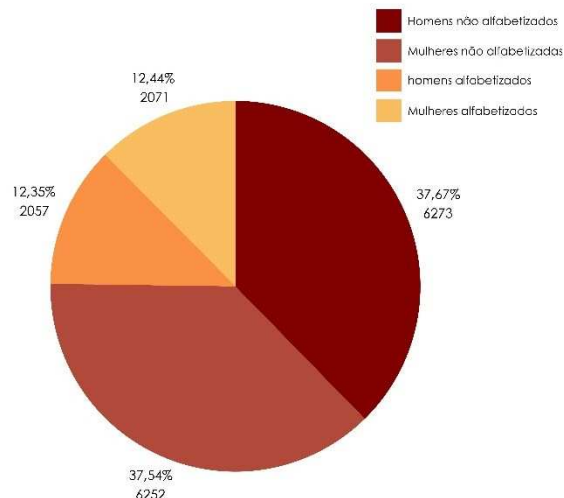
Ainda na caracterização social, a população definida no censo de 1940 constituía-se em 7.777 brancos (3.805 homens e 3.972 mulheres), 2.833 pretos (1.412 homens e 1.421 mulheres), 4 amarelos (1 homem e 3 mulheres), 9.341 pardos (4.785 homens e 4.556 mulheres), 2 mulheres não tiveram cor declarada. Outro dado relevante constatado pelo recenseamento é acerca do perfil das mulheres a partir de 12 (doze) anos: havia 6.464 mulheres, das quais 3.327 tiveram filhos vivos, tais filhos totalizavam um contingente na ordem de 22.152 de pessoas; em média, 6 filhos para cada mulher. Vale ressaltar que a taxa de natalidade ultrapassa a população referenciada no levantamento oficial. Ademais, considerada a população acima de cinco anos de idade completos, 12.525 pessoas não eram alfabetizadas (6.273 homens e 6.252 mulheres), enquanto 4.128 (2.057 homens e 2.071 mulheres) sabiam ler e escrever.

Gráfico 03 – População de Angicos por cor e raça em 1940

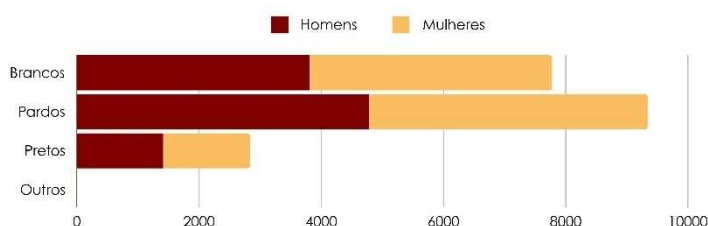


Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE, 1940

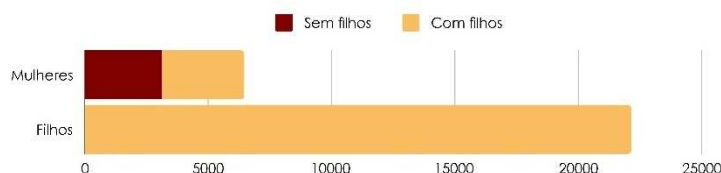
Gráfico 04 – População de Angicos por gênero e escolaridade em 1940



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE, 1940

Gráfico 05 – População de Angicos por cor, raça e gênero em 1940

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE, 1940

Gráfico 06 – População de mulheres em Angicos a partir de doze anos com e sem filhos; quantitativo de filhos nascidos vivos em 1940

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE, 1940

2.3.2 1960 – 1999

De acordo com os dados do Recenseamento Geral de 1940⁴⁴, o analfabetismo punia uma parcela significativa da população de Angicos. Entretanto, os primeiros anos da década de 1960 estão permanentemente marcados na memória coletiva local, estadual e nacional pela experiência, tida como uma revolução educacional no Brasil, do pedagogo Paulo Freire (*in memoriam*) de, em 40 (quarenta) horas, alfabetizar adultos por meio de uma metodologia que utilizava palavras do vocabulário popular. Por isso, de modo prévio, em dezembro de 1962⁴⁵, um grupo de estudantes esteve em Angicos e realizou o levantamento do universo vocabular da população em favor da experiência.

Em uma sexta-feira, dia 18 de janeiro de 1963, o relato do coordenador da experiência pedagógica, Carlos Lyra, na publicação literária *As quarentas horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*, ressalta que “num calor de 40 Graus”, a solenidade de abertura contou com a presença do governador do Rio Grande do Norte, Aluísio Alves [angicano], o Secretário da Educação e Cultura, Francisco Calazans Fernandes, professores,

⁴⁴ Em consulta ao Recenseamento Geral de 1950 não se obteve dados acerca da escolaridade da população.

⁴⁵ “Angicos era uma vedete na vitrine das ambiciosas metas do Secern (Convênio Sudene, MEC, Usaid e Governo do Estado), que tinha uma equipe ‘porreta’, como diria Jorge Amado. No final de 1962, um grupo do setor de construções escolares desce de teco-teco em uma cidadezinha do interior e se dirige diretamente aos locais de seu trabalho.” LYRA, Carlos. *As quarentas horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 17

componentes da caravana governamental, jornalistas, fotógrafos e universitários coordenadores de Círculos de Cultura. Ainda assim, esclarece que a população os recebia com desconfiança:

“apesar da afirmação de que era possível aprender a ler e escrever em quarenta horas, os munícipes quedavam descrentes. Os CCs, em sua grande maioria, foram instalados nas casas dos próprios alunos, que cederam salas e alpendres. Até no prédio da Maternidade criou-se um CC. No presídio de Angicos, o CC tornou-se um espaço de liberdade, onde presos, familiares e soldados ‘noite após de noite, ficaram conscientes de que a maior desgraça do homem era o atraso, a ignorância, o analfabetismo, e que lendo e escrevendo o homem vence a miséria, a fome e até a seca (Luiz Lobo)’ [...]”⁴⁶

A quadragésima hora/aula, realizada em uma terça-feira, dia 2 de abril de 1963⁴⁷, contou com a presença do presidente João Goulart, da extensa comitiva de autoridades, de jornalistas e dos muitos alunos e alunas. Dentre os discursos, o “*satisfeito*” de Antônio Ferreira⁴⁸, realizado em nome dos/das colegas, consagra, junto às cartas de reivindicações entregues pessoalmente ao presidente, uma esperança popular de aprendizado. Carlos Lyra, em passagem anterior antecipava o sentimento:

[...] De repente, despertando a consciencia de sua dignidade, aparece um grupo de jovens universitários, e provavelmente, os únicos que lhes dedicaram um pouco de atenção. Idealizamos um Brasil sem desigualdades. Sabemos as nossas limitações e, sem varinha mágica, temos consciência de que não estamos criando um novo mundo, mas, com a argamassa da palavra, damos um intrusmento para que essas pessoas abram seus próprios caminhos e tenham uma vida mens árdua e sofrida, mas nem por isso inatingível.⁴⁹

Figura 09 – Paulo Freire em Angicos reunido com alguns alunos após 30 anos, na Escola José Rufino, em 1993



Fonte: Memorial Virtual Paulo Freire⁵⁰.

⁴⁶ LYRA, Carlos. *As quarentas horas de Angicos...* op. cit., p. 22

⁴⁷ Idem. Ibidem., p. 109

⁴⁸ Idem. Ibidem., p. 113

⁴⁹ Idem. Ibidem., p. 86

⁵⁰ Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/620e8be4-312c-48e1-841e-8e0993bda247>. Acesso em 30 de março de 2024

Na cidade secularizada, o vínculo oriundo do período colonial entre a Igreja e o Estado se diferencia definitivamente. A sociedade já está imbricada às relações da política e do sistema econômico, mesmo quando inconscientemente. Esse caráter é nítido, por exemplo, nas entrelinhas que originam e findam a experiência das “quarentas horas” em Angicos, o caráter civil ou laico é protagonista. Entretanto, é nesse modelo de cidade que, a partir da segunda metade do século passado, a relação com o lote permanece determinante para a definição do programa arquitetônico, do desenho da cidade e representação da paisagem.

Sob um contexto de especulação financeira quanto às frações de solo urbano, as dimensões dos lotes praticamente se mantêm inalteradas ao longo de 300 anos. Os 10 metros de frente, citados outrora por Nestor Goulart Reis Filho⁵¹, ainda são a medida mais frequente, variável em metade ou dobro a depender da localização do lote, se no núcleo embrionário da cidade ou nas áreas mais afastadas.

Nesse sentido, em análise do quadro demográfico ao longo das décadas, por exemplo, embora a população em termos de município diminuía decênio após decênio, em vista de, principalmente, desmembramentos que originaram novos municípios e o êxodo aos centros urbanos industrializados regionais e nacionais, a população urbana segue em crescimento e, entre 1940 e 1950 duplica. No final do século já havia sido quintuplicada conforme os índices do quadro 04:

Quadro 04 – População de Angicos ao longo do tempo

Década (ano)	População total	População urbana
1872	5.160	-
1881	5.680	300
1940	19.957	572
1950	16.853	1.410
1960	9.542	1.551
1970	14.372	4.799
1980	12.920	6.025
1991	14.510	8.935
2000	11.611	9.377
2010	11.626	10.089

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados do IBGE (2024)

O crescimento populacional da cidade, em paralelo, ocasiona a demanda por solo urbano. Assim, a procura fundamentada no lote como produto gera descontrole nos preços e abrange, inclusive, os já ocupados, tidos como atrativos à instalação de atividades comerciais

⁵¹ Cf. REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

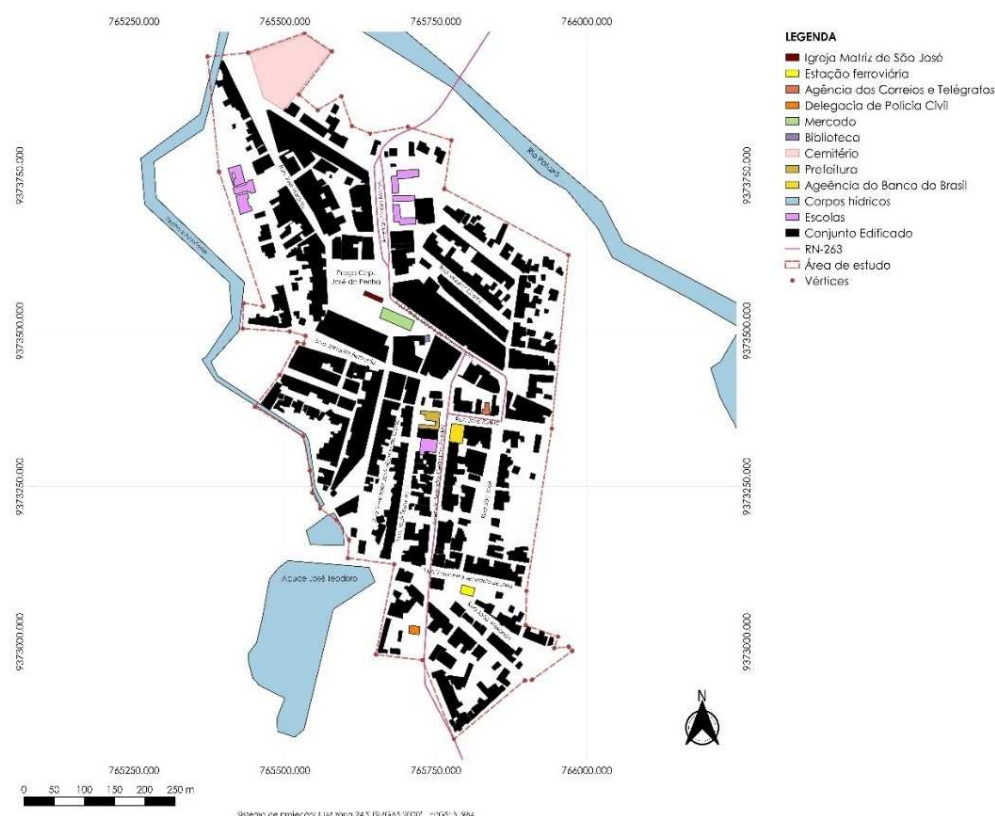
em detrimento do uso unicamente residencial. Ainda que em cidades menores esse processo ocorra em intensidade menor, as perdas de exemplares arquitetônicos do conjunto edílico preexistente acontecem sob tais circunstâncias. A substituição da função residencial para a comercial no núcleo original de Angicos mobiliza o surgimento de bairros periféricos e de novas tipologias construtivas:

Nem diminui o valor dos lotes privilegiados a sua volta, ou a excelência do casario vizinho, que provavelmente vai logo sucumbir para que outras construções maiores e mais sofisticadas acompanhem de perto a moda arquitetônica ou a tendência dos negócios na cidade⁵².

O parcelamento do solo recebe um valor monetário e se intensifica, sobretudo no século XX, pela necessidade de moradia ocasionada pelo êxodo rural. Nesse aspecto, os terrenos e as construções aumentam num ritmo maior por conta da conjuntura socioeconômica. De tal maneira surgem novos bairros mais distantes do centro administrativo, como Alto do Triângulo, Alto da Esperança, Alto da Alegria, Monsenhor Pinto, Zélia Alves, Jaime Batista e Dom Manoel Tavares.

Em 1986, cinquenta anos após a obtenção do *status* de cidade, a linha férrea havia declinado e as rodovias passaram a ser o meio de deslocamento privilegiado pela política desenvolvimentista nacional e estadual. Foram projetadas estradas importantes que unem Angicos a centros econômicos do Rio Grande do norte: o entroncamento com a BR-304 que liga Natal a Mossoró e segue em direção ao Ceará; a rodovia estadual 263 que conecta Angicos a Afonso Bezerra e Pedro Avelino. Se no início do século passado o traçado da malha ferroviária induziu a ocupação do solo urbano e a reconfiguração da forma *urbis* de Angicos, a rodovia estadual interliga os principais equipamentos da cidade entre si, como se observa no mapa temático 11.

⁵² MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem...** op. cit., p. 13.

Mapa 11 – Angicos em 1986, hipotético

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Nas fotografias 10 e 11, há os registros de dois edifícios institucionais conservados e protagonistas da história do processo de urbanização de Angicos: a escola José Rufino inaugurada em 12 de março de 1912, conforme menção feita pela senhora prof.^a Marileide Matias da Silva à mídia local⁵³. Suas instalações foram base da experiência das “quarenta horas” lideradas pelo exercício pedagógico de Paulo Freire. Soma-se à escola a sede da prefeitura que, em meados dos anos 1970, passou a funcionar a biblioteca municipal. Essas instituições são testemunhas das alterações históricas da paisagem e, por isso, lugares de memória da cidade.

Figura 10 – Escola José Rufino, inaugurada em 1912

Fonte: Cunha, 1992, p. 155

Figura 11 – Biblioteca Municipal, instituída na década de 1970

Fonte: Cunha, 1992, p. 154

⁵³ Disponível em: <https://cnrn.com.br/noticia/11234/homenagem-da-8-direc-ao-aniversario-de-109-anos-de-fundacao-da-escola-estadual-jose-rufino-em-angico.html>. Acesso em 1 de abr. 2024

Nas fotografias de 1980, o mercado público, se comparado com o registro fotográfico de 1930 (Figura 07), apresenta sua fachada alterada devido à adição de novos elementos tectônicos e decorativos. Com a perda de função nas derradeiras décadas do século, a arquitetura da estação ferroviária recebeu novos espaços que sugerem a absorção informal de novos usos, paralelamente ao domínio público, reestabelecido pelo tombamento pela Fundação José Augusto, em 23 de março de 2006⁵⁴. Apesar disso, a restauração manteve o acréscimo sem diferenciação temporal.

Figura 12 – Mercado Público, por volta de 1980



Fonte: Cunha, 1992, p. 148

Figura 13 – Estação Ferroviária em 1987



Fonte: Cunha, 1992, p. 147

Posterior ao início do funcionamento da instituição, a agência do Banco do Brasil de Angicos, registrada em 1990 (Figura 14), exibe uma arquitetura de volumes pesados, relativamente brutos. Ainda assim, o prolongamento horizontal da cobertura e as pérgolas verticais exemplificam uma arquitetura que se atentou às condições bioclimáticas da cidade, pela inserção de elementos que permitem a iluminação natural e, simultaneamente, protegem da incidência direta dos raios solares.

Figura 14 – Agência do Banco do Brasil, em 1990

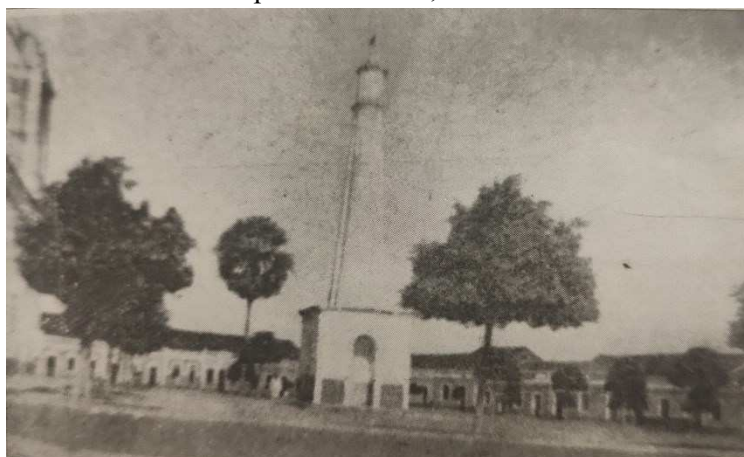


Fonte: Cunha, 1992, p. 146

⁵⁴ Consulta em: <https://www.ipatrimonio.org/angicos-antiga-estacao-ferroviaria/#!/map=38329&loc=-5.667128999013213,-36.600416994459486,17>. Acesso em 1 de abril de 2024

A história interpretada por diversos discursos historiográficos traz ao presente fragmentos dos eventos acinzentados pelo tempo. Quando pensada com olhos, o silêncio e o barulho, sob os quais a cidade é construída e reconstruída diariamente, assumem muitas colorações, algumas já vistas, mas não observadas atentamente. Tais cores são fonte de inquietações acerca da constituição da paisagem, da beleza, das perdas e dos símbolos que, por meio da memória, representam vínculos afetivos e os vestígios de épocas pregressas. Por analogia, o monumento em comemoração ao início do século XX, situado ao lado da igreja matriz testemunha o novo cromatismo da paisagem urbana e a mudança de seu significado.

Figura 15 – Monumento ao século XX, conjunto edificado em plano de fundo, em 1920



Fonte: Cunha, 1992, p. 135

Figura 16 – Monumento ao século XX, em 2023



Fonte: acervo do autor (2023)

3. ARQUITETURA E MEMÓRIA

Em arquitetura e urbanismo, a memória configura-se por significados atribuídos pelos grupos sociais inseridos no contexto cultural de cidades e territórios. A residência da família evoca vínculos aos que por lá habitaram, vivenciaram, do mesmo modo que uma cidade é signo de afeto aos que ali vivem ou viveram uma parcela de tempo suficientemente forte para a construção de vínculos. Ainda que em um período temporal tomado pela velocidade de eventos virtuais e artificiais, em que a sucessão dos acontecimentos é confusa, interrompida e, por vezes, sem identificação, mantém-se imprescindível o convívio sensível e comunicativo entre as pessoas, de modo por ora insubstituível, ambientado em espaços irrevogavelmente arquitetônicos.

3.1 Arquitetura Popular: a memória do saber fazer

Por construção metodológica, a produção arquitetônica é retratada a partir de um discurso historiográfico sobreposto, baseado em uma cronologia linear. Contudo, a sucessão dos acontecimentos históricos em arquitetura não segue uma trajetória retilínea, pois há variações socioculturais, regionais e climáticas, expressados de forma criativa em diferentes circunstâncias geográficas. Nesse sentido, a visualização parcial é limitante e incorre no risco de invisibilização e/ou desapareço das produções locais. Essa reflexão está alinhada aos comentários elucidativos de Marina Waisman e Ecléa Bosi:

[...] os fios que aparentemente percorrem de forma contínua a história são construções historiográficas. Acontece que, na história da arquitetura, a sucessão no tempo não se dá de forma linear, mas, além disso, mesmo dentro do mesmo organismo arquitetônico, são produzidos diferentes ritmos de desenvolvimento, saltos e anacronismos [...]⁵⁵

O fetichismo da técnica não consegue explicar por que nada substitui a reflexão solitária. A interação não esgota o alcance da comunicação. Caso contrário, nós nos comunicaríamos apenas com os contemporâneos o que seria uma grave perda [...]⁵⁶

Günter Weimer⁵⁷ em *Arquitetura popular brasileira* ressalva que a arquitetura não é a ciência da inovação sem precedentes. Todavia, ele informa a importância das edificações “comuns” para o vocabulário histórico e construtivo da disciplina. A primazia das soluções “simples” como as mais adequadas e a relevância das moradas dos antepassados para o entendimento das moradas contemporâneas estão sinalizadas em seu comentário:

⁵⁵ WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 63.

⁵⁶ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 19.

⁵⁷ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Editora WMF, 2012.

Se as influências das diversas correntes históricas, dentro da arquitetura erudita, sobre manifestações posteriores é um capítulo muito complexo pela variedade de condicionantes que se produziram ao longo do tempo [...], deve ficar claro que as influências recíprocas entre as manifestações erudita e popular se caracterizam por uma complexidade bem maior, pelo simples fato de se tratar de dois universos em que as regras seguem geratrizes completamente diferentes⁵⁸.

Nesse sentido, em contraposição às eventuais intenções pejorativas de sua designação, a arquitetura popular contesta o entendimento de que o termo “vernacular” representa inferioridade da sofisticação e exerce função capital na construção do imaginário arquitetônico das cidades brasileiras. Reiterada a asserção de seus métodos e méritos, nas soluções técnicas e de sensibilidade plástica, a “desobediência” aos padrões estéticos eruditos elucida a essência das construções populares e de seus símbolos, em aspectos culturais, sociais e ambientais. O historiador e crítico de arte argentino Damian Bayón é categórico ao afirmar que “*todo el mal viene de una falta de sensibilidad a las formas sino de una sola palabra exagerada o parcial [...]*”⁵⁹

Dentre os principais problemas pontuados por Ramon Gutiérrez⁶⁰ em *Arquitetura latino-americana* está a relação conflituosa entre a atuação dos arquitetos e urbanistas no processo prático de urbanização em que a arquitetura não feita por profissionais situa-se em segundo plano de interesse. Para Gutiérrez, esse tipo de consideração é alheia à sensibilidade do povo, pois a “arquitetura oficial” está profundamente orientada pelos aspectos de vaidade instruídos pelo academicismo de origem francesa. Nesse sentido, a arquitetura se distanciou da noção de ciência construtiva para adotar a pretensão de ciência teórica, carregada de utopias e idealizações. Assim, o sentimento é sempre de insatisfação por conta do atendimento de uma expectativa culta e de formação contemporânea da urbanidade na América Latina⁶¹.

Pela natureza atenta a tópicos que ainda precisam do sentimento, a arquitetura passeia pelo pensamento cartesiano, mas mantém-se íntima das dúvidas e dos receios. Isso posto, a sensibilidade humana representada nos espaços e formas variadas reforçam que a memória está associada a um cenário no qual se constroem as relações sociais. O isolamento, recorrentemente apresentado como inerente à modernização da vida, reduz a sensibilidade e a interação entre os indivíduos, alternativas que minimizariam a forte sensação de insegurança patrimonial.

⁵⁸ Idem. Ibidem., p. 284-286.

⁵⁹ BAYÓN, Damián. **Pensar con los ojos**. 2 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, S.A., 1993, p. 56. Em tradução à língua portuguesa: todo o mal vem da falta de sensibilidade às formas, senão de uma única palavra exagerada ou parcial.

⁶⁰ GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana**. Tradução: Isa Mara São Paulo: Nobel, 1989.

⁶¹ Idem. Ibidem., p. 63.

[...] as casas descritas tinham janelas para a frente; ver a rua era uma diversão apreciada não havendo a preocupação com o isolamento, como hoje, em que altos muros mantêm a privacidade e escondem a fachada⁶².

Ainda mais, a caracterização da arquitetura popular se dá inclusive pela diversidade plástica. Com efeito, a composição arquitetônica se ajusta ao que Gutiérrez chamou de “transculturação”⁶³, isto é, tradução de formas importadas ao ambiente, às necessidades locais, refletida pela interação entre culturas e histórias diversas. Aqui, as arquiteturas indígena, africana e europeia se entrelaçaram de maneira criativa.

A transmissão dos saberes arquitetônicos é significativa na construção simbólica e material da arquitetura e do urbanismo brasileiros. Ela ressalta a construção do que é entendido como “tradicional”, que perpassa de geração em geração, e atende à disponibilidade de recursos naturais. Em termos de Nordeste, a madeira, a pedra e o barro receberam aprimoramentos técnicos e ressemantizações estéticas ao longo do tempo, como descrevem as fontes pesquisadas e os relatos de viajantes que por aqui passaram⁶⁴. A ressignificação da beleza contida na diversidade visual representa um registro primoroso de muitas construções que correm risco de desaparecimento na paisagem de cidades pequenas e médias, como as construções populares de Angicos, reflexo vivo da história, cultura e ambiente locais.

A retomada histórica da memória urbana e arquitetônica parte da observação de Sérgio Buarque de Holanda quanto à origem das cidades brasileiras, que aponta a existência de um modelo lusitano “semeado”, cujo traçado é de linhas irregulares e um modelo hispânico “ladrilhado”, cujo traçado dos arruamentos é regrado em grelha⁶⁵. Ainda mais, usufrui da observação de Louis Léger Vauthier, que aponta uma suposta padronização dos lares brasileiros, “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas”⁶⁶. Contudo, a assertiva do engenheiro francês é paradoxal, pois o universo das “quase todas” é diferente de “todas”.

Em termos de morada dos colonizadores portugueses, Weimer comenta:

As casas térreas sempre foram relacionadas à pobreza, ao estrato popular: os nobres portugueses sempre fizeram questão de morar em casas de mais de um andar, nos assim chamados sobrados. Com a evolução histórica dos domínios das conquistas, a diferença entre nobres e plebeus, suseranos e vassalos foi atenuada, e qualquer cidadão

⁶² BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória...**op. cit., p. 25.

⁶³ GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana...**op. cit., p. 54

⁶⁴ Cf. KOSTER, Henri. **Viagem ao Nordeste do Brasil**. Trad.: Luís da Câmara Cascudo. 2 vols. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

⁶⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O semeador e o ladrilhador. In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 111-165.

⁶⁶ *Apud* WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira...**op. cit., p. 193.

português aspirava morar num sobrado. Muitas vezes fazia o possível e tentava até o impossível para dar a aparência de um sobrado a sua casa térrea⁶⁷.

Sob esse panorama da casa do colonizador português, Weimer ressalta que a rigidez da semelhança está nas fachadas, “da rua para fora”, mas que as disposições espaciais da planta baixa são diversificadas e equacionadas conforme a necessidade dos moradores, embora alguns exemplares possuam uma sala logo na entrada da morada, que segue um corredor, ora central (caso a implantação permita), ora lateral (em lotes mais estreitos), que dá acesso às alcovas, quantas forem necessárias à domesticidade da família, e ao final de tal corredor a cozinha (também tratada por comedor ou copa).

3.2 Sociedade: a cidade e seus agentes construtores

Nas versões que sobrevivem ao esquecimento, são poucos os rostos e os nomes que alcançam o prestígio da recordação, da idolatria, da devoção ou, por outro lado, da repulsa e da aversão. Contudo, é no silêncio da memória que narrativas se desenvolvem, da ferida à cicatriz, que permanentemente denuncia as ocorrências de fatos históricos, como bem refletiu Bosi:

Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano [sic] das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época [...] ⁶⁸

Gilberto Freyre catalisa as mudanças da arquitetura e do urbanismo no Brasil por meio do estudo das raízes históricas e sociais de nossas cidades. Para o sociólogo pernambucano, por analogia, a compreensão dos sobrados se dá como símbolos de poder e riqueza em coexistência aos mucambos⁶⁹, que representam a marginalização de uma parte da população e a escassez de recursos mínimos à dignidade, inclusive de habitação e de uso de certos espaços públicos. Não obstante, as “insígnias” e as “tipologizações” são mais complexas do que a disposição antagônica entre os extremos, pois em sua natureza constitutiva, o povo brasileiro é marcado pelos arranjos de classe, raça e região. A complexidade do fenômeno arquitetônico e urbano no Brasil, é muito bem apontado por Rubenilson Teixeira:

Os costumes evoluem, os usos se diversificam e se tornam mais sofisticados, mas conformes às influências exógenas, primeiramente europeias, em seguida americanas⁷⁰. Afinal de contas, a modernidade era sinônimo, particularmente no início do século, de mimetismo dos modelos dos países de capitalismo avançado, atitude,

⁶⁷ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**...op. cit., p. 206.

⁶⁸ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**...op. cit., p. 18.

⁶⁹ A palavra mucambo possui a variação “mocambo”, também aceita na norma culta da língua portuguesa. Cf. FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2013.

⁷⁰ Em referência aos Estados Unidos da América.

aliás, típica de um país colonizado, à procura de sua própria identidade. Aos poucos, e como em todo lugar, o teatro, o cinema, o rádio, e posteriormente a televisão, da mesma forma que o *tramway*⁷¹ e o automóvel, fazem sua entrada triunfal na cidade. A sofisticação tecnológica representa apenas uma dimensão da sofisticação que se verifica em termos gerais e no uso do espaço urbano em particular⁷².

Se a observação de Rubenilson Teixeira descreve uma sociedade capitalista de meados do século XX, a do século XXI, circunscrita por fronteiras virtuais, aprofundou-se nas influências “exógenas” e tanto produz como é produto da cultura em massa. Por si, a expansão dos horizontes culturais não gera prejuízo ao corpo social. Entretanto, a linha entre a ampliação e a imposição é tênue, vista a tendência de que as representações locais deem passagem à moda dominante e, irreversivelmente, produza esquecimentos.

3.3 A memória e o esquecimento

Definições simplificadas informam que a história diz respeito às evidências e métodos críticos e a memória é subjetiva e emotiva. Todavia, unanimemente, entende-se que ambas estão intrinsecamente ligadas ao tempo e à compreensão do passado. Nesse sentido, o tempo desempenha um papel fundamental na construção da coletividade, que influencia a narrativa histórica e como os eventos anteriores são selecionados, interpretados e transmitidos. Mais ainda, a coletividade é composta por individualidades somadas, que reunidas são influentes⁷³.

A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas. [...] Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade. [...] Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais⁷⁴.

Por seu turno, a psicóloga Ecléa Bosi argumenta que a história, enquanto disciplina, volta-se à descrição dos grandes conflitos, enquanto confere importância secundária ao cotidiano. Em consonância ao pensamento por ela proposto, a escala dos microcomportamentos conota a inteireza da construção histórica. Por isso, reforça-se a dimensão da vivência humana enquanto prática social e espacial estruturada pela memória oral, instrumento de constituição dos aspectos identitários. Ela comenta:

⁷¹ Em tradução livre para a língua portuguesa, refere-se ao bonde, veículo sobre trilhos, usado para o transporte de passageiros.

⁷² TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Da cidade de Deus à cidade dos homens...* op. cit., p. 161.

⁷³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

⁷⁴ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória...* op. cit., p. 16 e 20.

Se o olhar demora e fixa, retém o estereótipo, não uma coisa viva como a imagem que sobe do passado com todo o seu frescor. Chamada de novo, trabalhada pela percepção do agora, arrisca-se a fugir da captura de um presente que não se reconhece nela⁷⁵.

A memória reúne as lembranças e as lapida em produto afetivo. Enquanto subjetividade, a memória é enriquecida pela capacidade de concatenação, variabilidade e continuidade que dá aos relatos e narrativas históricas. Contudo, como instrumento de poder, ela representa o cerne de disputas pelo domínio das narrativas, necessária à manutenção da estrutura social hegemônica, estratificada em classes, em que o controle é simbólico, e às vezes sutil. Por tal viés, a história aparece como justificativa propositalmente aplicada na condenação de alguns à pobreza e ao esquecimento.

Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época [...] E há formas de comunicação insubstituíveis como a conversa espirituosa entre amigos em volta da mesa, cujo charme a técnica não conseguiria reproduzir [...]. Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais [...]⁷⁶

O esquecimento, causado por sucessivas omissões voluntárias e involuntárias, é basilar na construção das narrativas históricas. Impacta a sensibilidade popular e incide diretamente sobre a compreensão dos acontecimentos de uma dada época e, por conseguinte, sobre as percepções do presente. A memória surge como uma forma intensa de apropriação do que já não mais pertence ao indivíduo, permite a manutenção de laços com experiências pregressas e oferece um sentido de continuidade na vida das pessoas.

[...] Como em cada sistema há uma combinação de variáveis em escalas diferentes, cada sistema transmite elementos cuja datação é diferente. O próprio subespaço receptor é seletivo: nem todas as variáveis "modernas" são acolhidas e as variáveis acolhidas não pertencem todas à mesma geração. Desse modo, o problema das superposições se apresenta em toda sua inteireza. Não se trata apenas de uma superposição no tempo, pois a cada momento os elementos que entram na combinação têm diferentes idades. Há, também, superposição, a um mesmo tempo, de influências originárias de múltiplos pontos ou múltiplos espaços. Todas essas superposições atribuem a cada lugar uma combinação específica, uma significação particular que é, ao mesmo tempo, temporal e espacial. Poderíamos falar de um tempo espaço próprio a cada lugar.⁷⁷

Correspondentemente, a comunicação do dia a dia é uma lídima e autêntica forma de transmissão da memória. As conversas informais e interações descontraídas promovem uma conexão genuína e compartilham significados e experiências que a tecnologia ainda não supre

⁷⁵ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória...**op. cit., p. 20.

⁷⁶ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória...**op. cit., p. 18-20.

⁷⁷ SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012, p. 257

ou replica. Ainda mais, a sua perda implica em diminuição na qualidade das relações humanas. No contexto atual de sistemas informacionais rápidos, o desenraizamento e a perpetuação do esquecimento parecem regras, pois ambos levam à perda de vínculos familiares e espaciais à medida que as pessoas circulam e estabelecem residência em outras localidades que não as originais. Tal movimento dificulta a preservação e a transmissão das experiências, tradições e memória:

Condenados pelo sistema econômico à extrema mobilidade perdemos a crônica da família e da cidade mesma em nosso percurso errante. O desenraizamento é condição desagregadora da memória [...] A sociedade de consumo é apenas mais rápida na produção, circulação e descarte dos objetos de status⁷⁸.

As imposições do sistema econômico capitalista neoliberal exigem desprendimento, fruto do intenso processo de universalização da comunicação. A sociedade, agora distanciada dos lugares de origem, passa a descartar além dos objetos, os vínculos afetivos dos indivíduos e as formas que esses afetos se materializam em arquitetura e cidade.

Não obstante, aquém do quão inconclusivos apresentam-se, os significados coletivos integram o sujeito ao passado. A retomada do passado é uma ação “salvadora”⁷⁹ dos enredos e narrativas múltiplas. O passado evidencia o processo de reconhecimento e de elucidação do presente e do futuro. Isto é, a nitidez em relação ao tempo pretérito permite clareza ao gerúndio e ao infinitivo, metáfora de conjugação verbal ao presente e ao futuro de uma ação. Nesse caso, o verbo “lembrar” foi, é e será lembrado. Do mesmo modo em que o verbo “reconhecer”, tão forte, será igualmente conjugado. Bosi reitera:

É a história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessas. Não se deve julgá-lo [o verbo reconhecer] como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado⁸⁰.

Em termos práticos e de exercício adotado neste trabalho, o registro fotográfico apresenta-se como umas das alternativas de manutenção da memória das cidades e da arquitetura. As fotos (antigas e atuais) tornam-se “lugares de memória”⁸¹, pois cristalizam em suas imagens a memória espacial, o pertencimento e os afetos daqueles que as possuem ou registraram. Somam-se à fotografia, desenhos pessoais da paisagem urbana, de plantas das casas e fachadas, ou, ainda, relatos dos moradores que descrevem sensivelmente os espaços que habitam, circulam, vivem e se tencionam no cotidiano.

⁷⁸ Idem. Ibidem, p. 27-29.

⁷⁹ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**...op. cit., p. 33.

⁸⁰ Idem. Ibidem., p. 32-33.

⁸¹ NORA, Pierre. *Les lieux de la mémoire* (Lugares de memória), vol. I. Paris, Gallimard, 1984.

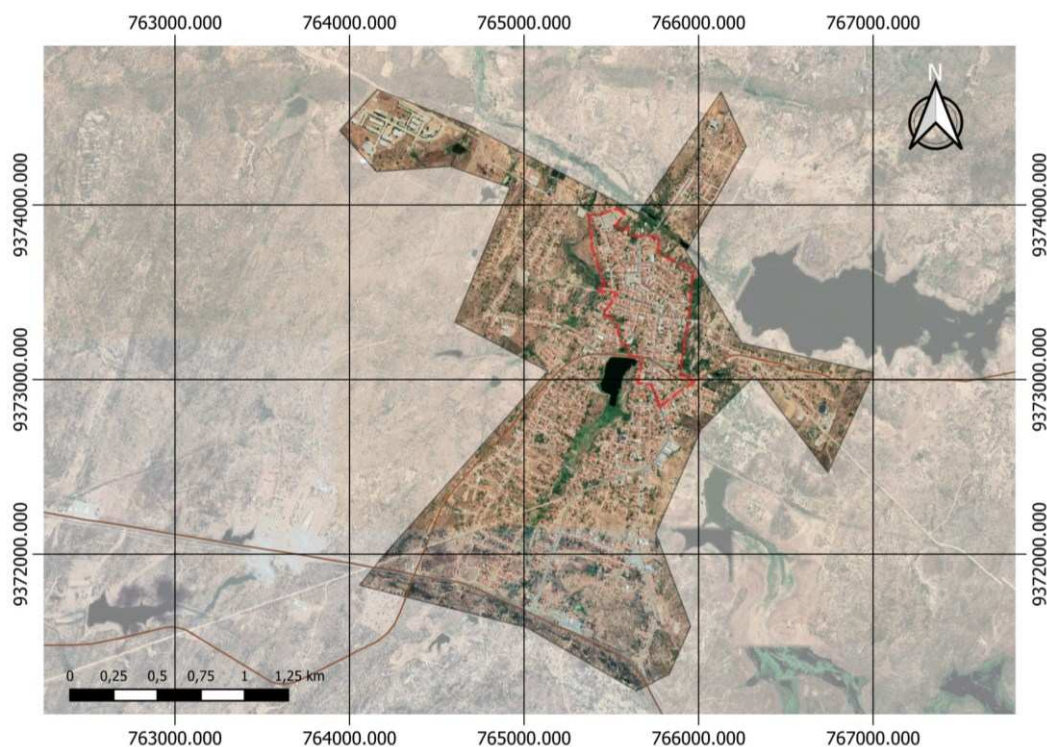
4. (RE)CONHECER ANGICOS

A caracterização está dividida em aspectos urbanos, que dizem respeito à morfologia, à concepção territorial e às dimensões gerais do espaço em que se desenvolve a pesquisa. A finalidade de delimitação do objeto de estudo representa imagetivamente as memórias coletiva, individual, urbana e arquitetônica de Angicos. De fato, as edificações situadas na área de estudo representam simbólica e efetivamente os lugares em que a comunidade convive e constrói a dinâmica vitalista da cidade, isto é, lembrar, reconhecer e esquecer.

4.1 Aspectos da área de estudo

O perímetro urbano de Angicos é constituído atualmente pelos bairros Centro, Alto do Triângulo, Alto da Esperança, Alto da Alegria, Monsenhor Pinto, Zélia Alves, Jaime Batista, Dom Manoel Tavares e Conjunto Habitacional Wilma de Faria. Respectivamente, os 4 (quatro) primeiramente elencados constituem áreas da primeira ocupação do solo, isto é, cuja formação deu-se em decorrência do processo de urbanização ocorrido no início do século XX. Os demais bairros surgem, majoritariamente, em função de políticas habitacionais de interesse social.

Mapa 12 – Perímetro urbano e suburbano de Angicos, em contorno vermelho a área de estudo deste trabalho

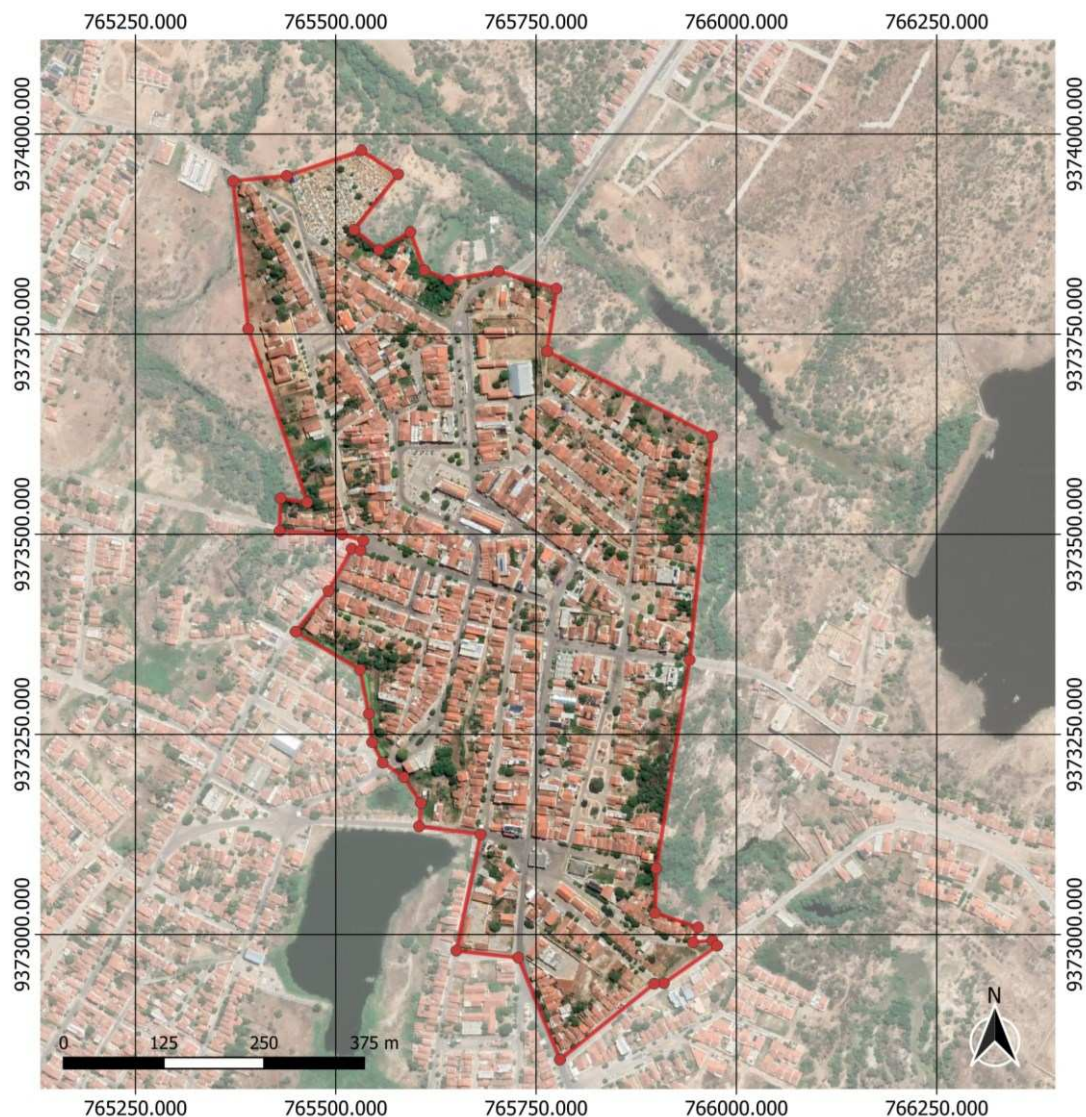


Fonte: elaborado pelo autor pelo autor a partir de sobreposição do Google Earth (2024)

A área de estudo corresponde ao perímetro do bairro Centro e logradouros limítrofes que, eventualmente, estejam adjacentes à poligonal pré-determinada. Salienta-se que a

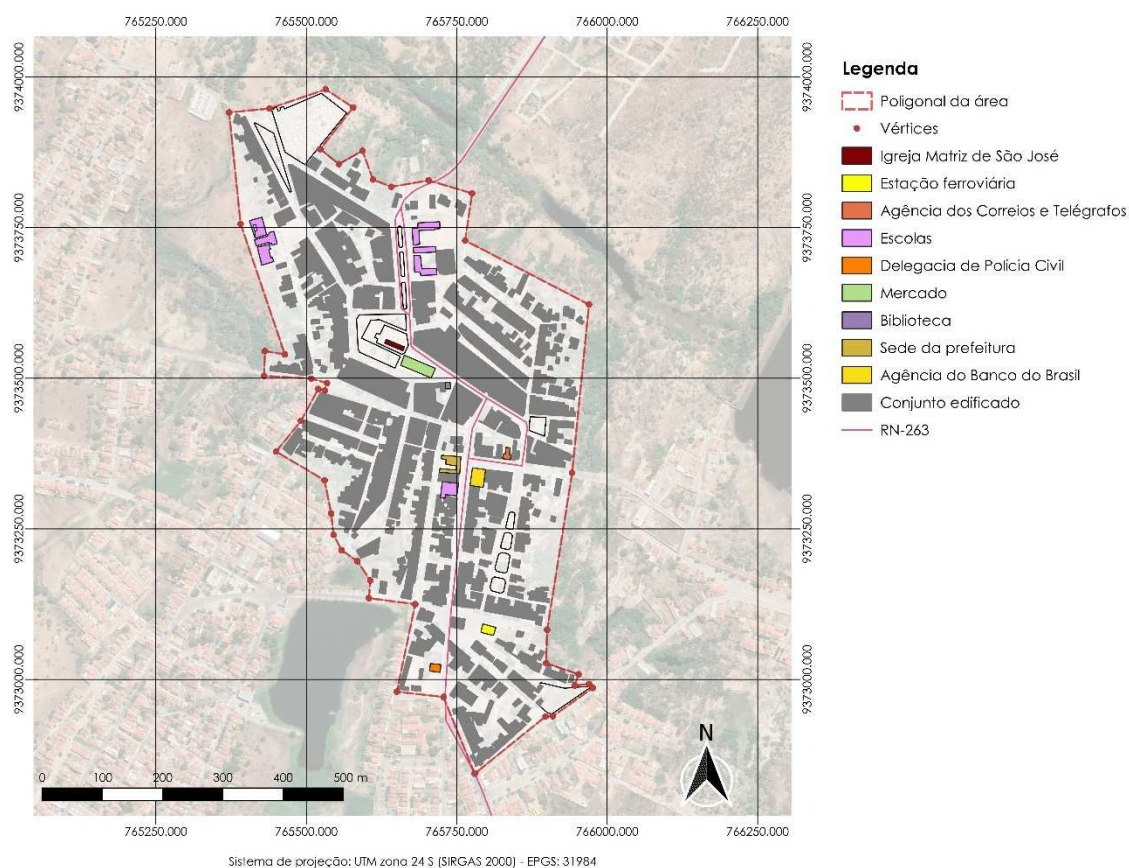
prefeitura e a igreja matriz de São José dos Angicos estão situadas neste recorte espacial, que abrange a núcleo embrionário mais antigo da cidade com algumas edificações ainda existentes.

Mapa 13 – Poligonal da área de estudo



Fonte: elaborado pelo autor pelo autor a partir de a partir de sobreposição do Google Earth (2024)

Em destaque a seguir (Mapa 14) estão certas instituições como a igreja matriz da paróquia, a estação ferroviária, a agência dos Correios e Telégrafos, do Banco do Brasil, o mercado público municipal Teonila Amélia Cruz de Araújo, a biblioteca municipal Francisco Pinheiro Alves de Souza, o palácio Espedito Alves, sede da Prefeitura, a delegacia de Polícia Civil e a escolas, em destaque a escola José Rufino. Em tons de cinza todo o conjunto edificado que constitui o centro da cidade e a rodovia estadual RN-263 que recorta a área urbana.

Mapa 14 – Ocupação do solo na área de estudo

Fonte: elaborado pelo autor a partir de sobreposição do Google Earth (2024)

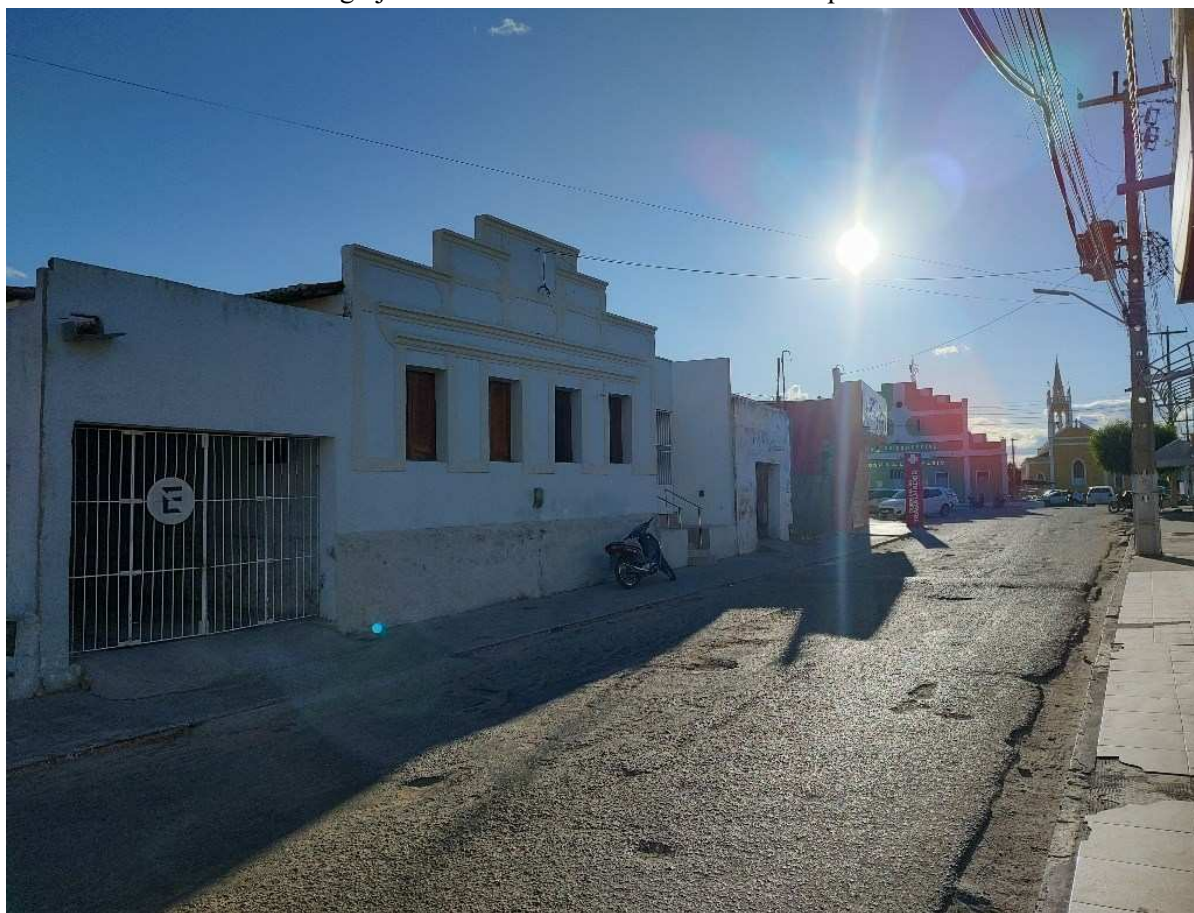
Preliminarmente, observa-se a centralidade desempenhada pela igreja matriz na formação espacial, com uma extensão do adro e afastamento das edificações seculares, que somadas resultam na atual Praça Capitão José da Penha. Apenas o mercado municipal interrompe o total protagonismo espacial do templo, pois está situado logo atrás. Em contrapartida ao largo, as demais vias apresentam-se estreitas e longas; mas, em conjunto, a área possui traçado irregular, sem geometria estrita, embora, como argumentado anteriormente, a linearidade da ocupação das casas seja mantida. Além disso, há vazios perceptíveis, interrupções de continuidade espacial. Nesse aspecto, recorre-se mais uma vez a Murillo Marx:

Não é mais a capela ou a igreja que domina a povoação, mas a sua matriz; não é mais o seu terreiro, mas o largo da matriz. Esta presença dominante revigorada se dá, contudo, em que tipo de aglomerado? Ainda de reduzidas proporções e, o que é mais importante, com traços físicos característicos, muito claramente repetidos. Irregular, com ruas tortas, de largura incerta, de ladeiras, se for o caso, de inclinações variadas e por vezes excessivas⁸².

⁸² MARX, Murillo. **Cidades no Brasil, terra de quem...** op. cit., p. 28.

Com relação ao traçado das cidades, o urbanista Vicente del Rio⁸³ informa que, em muitos casos, ele decorre da informalidade, dos modelos dinâmicos, da participação comunitária, da flexibilidade da figura irregular e das especificidades do cotidiano. Por isso, propõe a definição de “desenho urbano” como a de “a dimensão físico-ambiental da cidade, enquanto conjunto de sistemas físico-espaciais e sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas”⁸⁴. Definição esta que extrapola a perspectiva excessivamente pragmática e reducionista de cidade, como propõe os modelos de cidades idealizados pelo urbanismo racionalista/funcionalista do modernismo.

Figura 17 – Vista do Centro a partir da Rua Pedro Moura de Vasconcelos, em plano de fundo a Igreja Matriz e o Mercado Público Municipal



Fonte: acervo do autor (2023)

4.2 A arquitetura oficial

Na exemplificação arquitetônica, algumas edificações representam o elo afetivo e de memória com a população local, especialmente as de atribuição institucional, religiosa e

⁸³ DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990. p. 54

⁸⁴ Idem. Ibidem.

administrativa. Nesse sentido, as imagens seguintes introduzem comentários breves da plasticidade das fachadas frontais. A Igreja Matriz de São José (Figura 18), marco arquitetônico da paisagem de Angicos, preserva ao longo das décadas a posição privilegiada em relação à cidade, inalterada pelas alterações arquitetônicas às quais recebeu. Por sua vez, o mercado público municipal Teonila Amélia Cruz de Araújo (Figura 19) passou por uma série de reformas nos últimos 15 (quinze) anos, por vezes contestadas pela população.

Figura 18 – Igreja Matriz de São José dos Angicos



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 19 – Mercado Público Municipal Teonila Amélia Cruz de Araújo



Fonte: Portal Tribuna do Cabugi.⁸⁵

Edificações de uso institucional, a delegacia de Angicos, data ao ano de 1952 (Figura 20). Com o tempo, ela recebeu intervenções na fachada que, na completude, não modificaram o frontão, ainda que a pintura em uma única tonalidade omita as linhas do friso e dos estuques. A agência dos Correios e Telégrafos (Figura 21) conserva toda a volumetria externa, embora internamente tenha recebido reformas no sentido de adaptá-la aos padrões de acessibilidade e tecnologia correspondentes à atualidade, isso inclui a instalação de uma nova esquadria no acesso principal.

Figura 20 – Delegacia de Polícia Civil



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 21 – Agência dos Correios e Telégrafos



Fonte: acervo do autor (2023)

⁸⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/uMWY1>. Acesso em 21 de agosto de 2023

A biblioteca pública (Figura 22) é exemplar eclético que diversifica a paisagem urbana da área de estudo. Já a estação ferroviária (Figura 23), cuja construção data de 1933, testemunha as novas dinâmicas da sociedade, pois seu uso e função foram alterados para atender às novas demandas de Angicos. Atualmente funciona como centro cultural, suas instalações abrigam ateliês de bordadeiras e outras atividades artesanais, apresenta bom estado de conservação.

Figura 22 – Biblioteca Pública Municipal



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 23 – Antiga Estação Ferroviária



Fonte: acervo do autor (2023)

A antiga sede da Casa de Comércio (Figura 24) permanece erguida e abriga atividades comerciais variadas e, silenciosamente, remete ao passado de primeira edificação com fins comerciais. A escola José Rufino (Figura 25) permanece no exercício de suas funções pedagógicas do nível primário da rede estadual de ensino.

Figura 24 – Antiga Casa de Comércio



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 25 – Escola Joana Honório



Fonte: acervo do autor (2023)

Na fotografia de 2024 da agência do Banco do Brasil (Figura 26), a arquitetura geral mantém-se inalterada se comparada com a imagem em preto e branco da figura 14, registro fotográfico provavelmente dos anos 1990. As modificações nesse exemplar da arquitetura moderna de Angicos buscaram a adaptação dos espaços à normativa de acessibilidade e dialogam com os princípios de funcionamento do edifício. O logotipo do banco e o elemento

metálico em azul horizontal da fachada, inserido em contraste à cor branca do edifício, reforçam a comunicação visual estabelecida como indispensável ao modelo econômico.

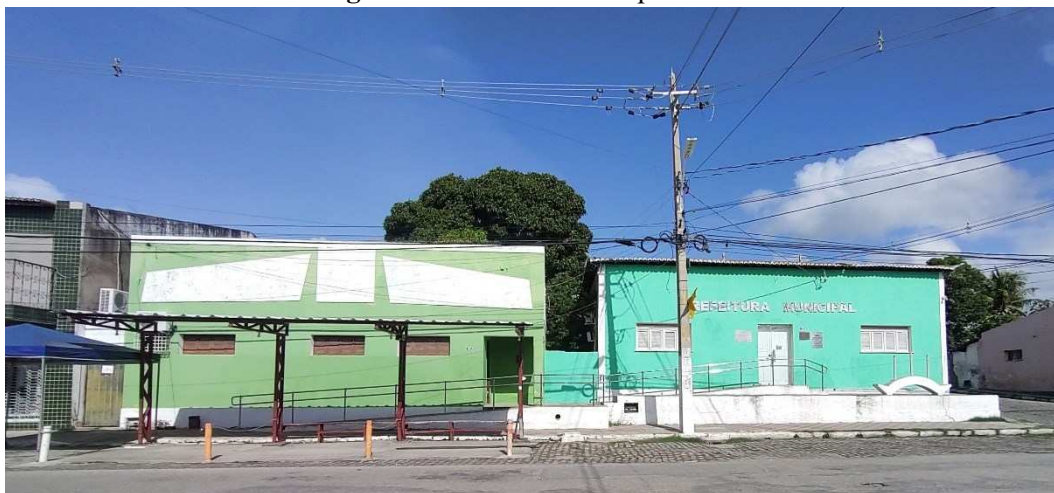
Figura 26 – Agência do Banco do Brasil



Fonte: acervo do autor (2024)

Há poucos passos da escola José Rufino, encontra-se a atual sede da prefeitura (Figura 27), composta por edifício anexo que abriga secretarias municipais. As fachadas remetem à simplicidade da arquitetura de moradias (meia morada e morada inteira) e representa um momento posterior às dinâmicas fundamentadoras do tecido urbano.

Figura 27 – Atual sede da prefeitura



Fonte: acervo do autor (2024)

Em suma, a arquitetura oficial ocupa uma posição central em relação à construção historiográfica da cidade, no que respeita à originalidade das construções ou, pelo menos, da permanência e na condição simbólica atribuída. Em detrimento disso, as residências pouco aparecem nos registros fotográficos, pouco são citadas e, muitas vezes, sucumbem à comercialização do solo urbano. Por isso, a proposição de uma discussão baseada no

reconhecimento dos exemplares arquitetônicos e da importância de tal produção, na técnica e na rememoração, em paralelo à urbanização é um desafio provocativo.

4.3 A arquitetura das moradas

Nestor Goulart Reis Filho, em *Quadro da arquitetura no Brasil*, ressalva que não cabe uma tentativa de comprovação sistemática de nossa arquitetura⁸⁶ dada a diversidade arquitetônica do país. Mais à frente, observa que, mesmo na cidade contemporânea, os lotes permanecem uniformes, com formas longilíneas, padrão semelhante aos insistentemente comercializados pelo capital mobiliário da atualidade em loteamentos de glebas, geralmente localizados nas periferias das cidades pequenas. No entanto, originalmente a construção colonial sobre os limites laterais do lote, característica observada sobretudo nas edificações das áreas centrais, tinha por expectativa que as cumeeiras vizinhas tivessem a mesma altura, para que houvesse estabilidade e proteção das empenas contra a chuva. Reis Filho complementa:

Um traço característico da arquitetura urbana é a relação que a prende ao tipo de lote em que está implantada. Assim as de frente de rua, do período colonial, cujas raízes remontam às cidades medievo-renascentistas da Europa, ou as casas de porão habitável com jardins do lado, características do século XIX ou, ainda, os edifícios de apartamento das superquadras de Brasília, são conjuntos tão coerentes que não é possível descrevê-las completamente sem fazer referência à forma de sua implantação⁸⁷.

Afora a análise técnica de modo pragmático, a sensibilidade das lentes de Anna Mariani em seu *Pinturas e Platibandas*⁸⁸ quanto às moradas dos sertões do Nordeste brasileiro inspira o que nesta pesquisa é apenas um quadro recortado em relação ao conjunto edilício angicano precedente e os respectivos exemplares ainda presentes na paisagem urbana, que resulta na catalogação⁸⁹ de trinta edificações. De igual, a permanência dessas casas representa a memória edificada e o processo de produção da cidade, significados que se contrapõem aos olhares pejorativos e de desvalorização. Logo, não se trata de um conceito baseado em nostalgia ou de negação dos processos de sobreposição e das novidades, mas sim de oposição ao apagamento e ao esquecimento. Ou seja, a necessidade de reconhecimento dos objetos que constituem a paisagem por um olhar atento e de estima.

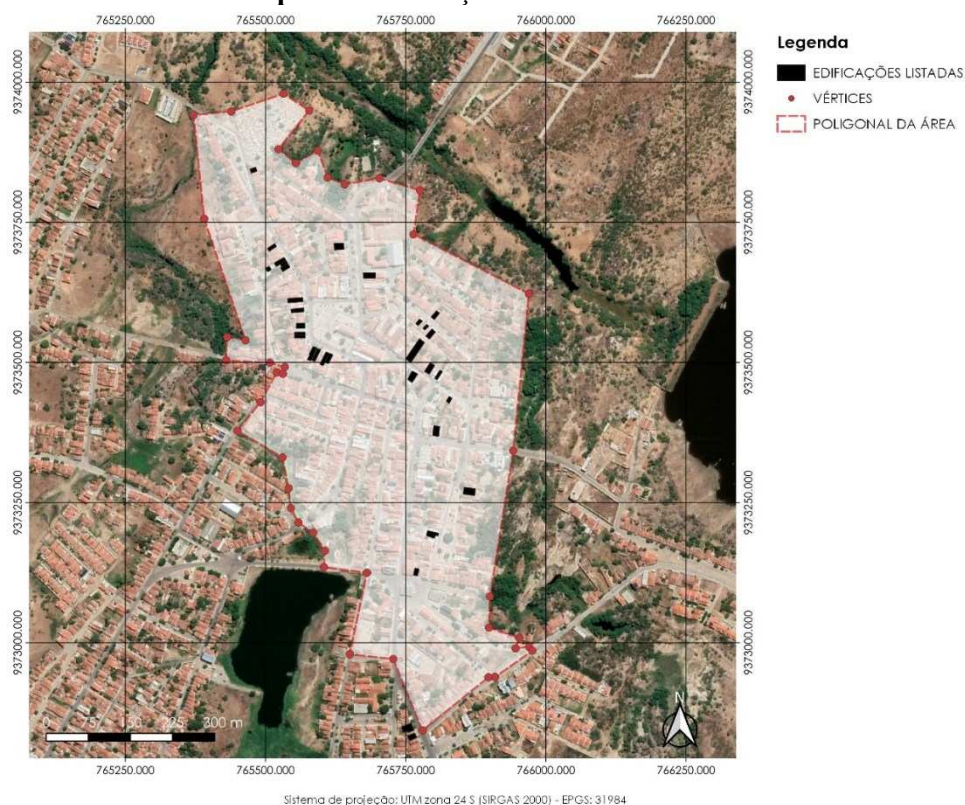
⁸⁶ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil...* op. cit., p. 19

⁸⁷ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil...* op. cit., p. 16

⁸⁸ MARIANI, Anna. *Pinturas e platibandas*. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles [Ims], 2010.

⁸⁹ Ver apêndice

Mapa 15 – Edificações residenciais listadas



Fonte: elaborado pelo autor a partir de sobreposição do Google Earth (2024)

Os 4 (quatro) exemplares situados no pátio da Igreja Matriz de São José identificados por *Residência 85, Praça Capitão José da Penha* (Figura 28); *Residência 159, Praça Capitão José da Penha* (Figura 29); *Residência 181, Praça Capitão José da Penha* (Figura 31); e *Residência 65, Praça Capitão José da Penha* (Figura 32) constituem juntas um recorte da paisagem pregressa de Angicos e, no presente, colore a memória arquitetônica da cidade. Por categorização, são variações do que Günter Weimer catalogou como “casa de porta e janela” e as dimensões são semelhantes. No entanto, os ornamentos inseridos nas fachadas distinguem-se, tanto em volume quanto em simplicidade, pois são o produto visual da expressão sensível e plástica dos moradores e dos aspectos socioeconômicos.

Os ornamentos da fachada da *Residência 85, Praça Capitão José da Penha*, são simétricos e estabelecem a platibanda em duas alturas, um patamar central mais alto e outros dois laterais abaixo, dois elementos nas extremidades dispostos em semelhança a pilastras e um horizontal. A fachada da *Residência 159, Praça Capitão José da Penha* é constituída por dois volumes em eixo assimétrico de linhas retas para o lado das salas e um escalonamento semelhante a uma pirâmide planificada para os quartos.

Figura 28 – Residência 85, Praça Capitão José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

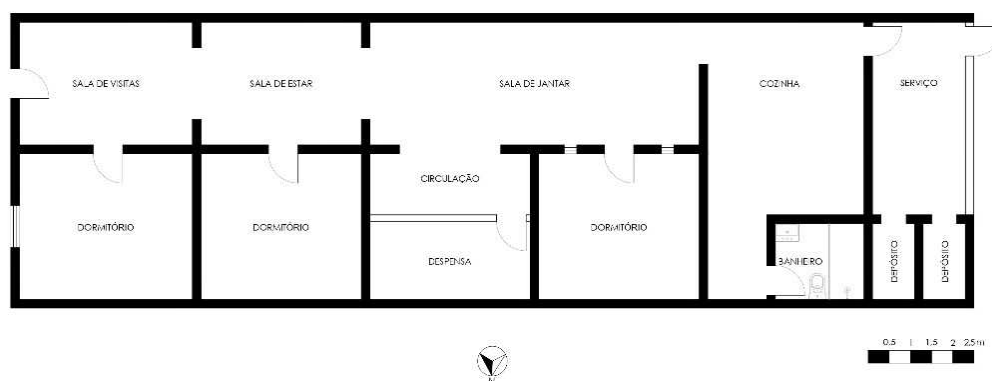
Figura 29 – Residência 159, Praça Capitão José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

Exemplificadas pela planta baixa (Figura 30) da *Residência 159, Praça Capitão José da Penha*, tais residências possuem forma de lote longilíneo, com testada frontal mais estreita. A implantação sem recuos, notadamente unia as empenas dos telhados e delimitava um ombro de moradias conjugadas, cuja única janela estava disposta de frente à via. Originalmente, a disposição dos ambientes delimitava-se na longitude de um eixo, com uma sucessão de salas que introduzia a visita até o encerramento na sala de jantar; do outro, outrora alcovas interligadas internamente, deram origem a dormitórios, e as portas internas foram vedadas e substituídas por portas de acesso pela zona social. Além disso, cozinha e banheiro foram anexados na contemporaneidade e os atuais depósitos sinalizavam os primeiros aparelhos sanitários ainda desprendidos da edificação.

Figura 30 – Planta baixa da Residência 159, Praça Capitão José da Penha



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

A presença de balaústres é recorrente em exemplares arquitetônicos de outro momento em Angicos, retratados mais à frente. Contudo, a *Residência 181, Rua Capitão José da Penha* é um precedente e inova ao dispô-los na platibanda em composição com o frontão triangular feito em relevos diversos. A fachada da *Residência 65, Praça Capitão José da Penha* possui friso marcado por três elementos geométricos, transladados pelo eixo, um retângulo chanfrado e dois elementos em cruz.

Figura 31 – Residência 181, Praça Capitão José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 32 – Residência 65, Praça Capitão José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

Embora a *Residência 53, Rua José Horácio* (Figuras 33 e 34) seja um dos exemplares cujo tipo esteja nos moldes das edificações de “porta e janela” e, igualmente, não possua janelas laterais devido à implantação sem recuos, a platibanda mais baixa propícia a sensação de que a edificação é mais larga em contraponto ao programa arquitetônico simples. A fachada frontal apresenta cimalkhas com ornamentos na platibanda, em que o friso vertical a separa em duas partes e demarca a divisão interna da morada (Figura 35): do lado esquerdo os espaços íntimos, no lado direito a área social e a cozinha. A singularidade dessa casa reside justamente na sensibilidade de decorar a platibanda com motivos apreciados pelos primeiros moradores ou o próprio mestre construtor.

Figura 33 – Fachada frontal Residência 53, Rua José Horácio



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 34: Detalhes no frontão da Residência 53, Rua José Horácio



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 35 – Planta baixa Residência 53, Rua José Horácio



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Vistos os exemplares de “porta e janela” nos quais a implantação não possui recuo frontal e lateral, aos mais recentes são acrescidos sutis recuos laterais e, por isso, os telhados gradativamente se individualizam, sem empena única em uma fileira conjugada por edificações geminadas. Tais afastamentos, de forma geral, dão acesso aos comodos de serviço, geralmente dispostos na zona posterior do imóvel. As quatro casas listadas abaixo possuem tais características. Não obstante, as composições de fachadas são singulares, na *Residência 129, Rua Manoel Cosme* (Figura 36) o coroamento é feito por uma platibanda em forma triângulo escaleno; na *Residência 95, Rua Manoel Cosme* (Figurs 37) a silhueta é simétrica e configurada por quatro elementos verticais espessos e um coroamento em forma de pirâmide escalonada; a *Residência 111, Rual Manoel Cosme* (Figurs 38) emprega a simplicidade de um frontão regular, demarcado por um contorno de frisos retos e finos, que descem até o piso em detalhe de encunhamento; e a *Residência 168, Rua Vicente Germano* (Figura 39) assume a mesma simplicidade na platibanda, mas por meio da assimetria de dois retângulos de alturas e larguras diferentes, contornados por linhas finas.

Figura 36 – Residência 129, Rua Manoel Cosme



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 38 – Residência 111, Rua Manoel Cosme



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 37 – Residência 95, Rua Manoel Cosme



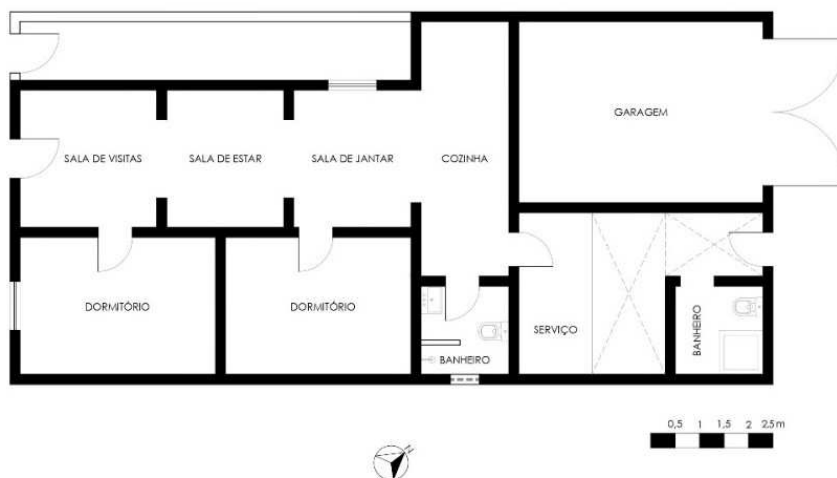
Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 39 – Residência 168, Rua Vicente Germano



Fonte: acervo do autor (2023)

A disposição de planta baixa da *Residência 95, Rua Manoel Cosme* (Figura 40) endossa a leitura visual acerca dos afastamentos laterais em relação aos limites do lote, em que a implantação permite circulações externas às salas. Por outro lado, o percurso interno com antessalas é mantido, graduado por visitas, estar e jantar até o acesso à cozinha. Concomitantemente, os dormitórios são acessados diretamente pelos ambientes sociais. Por questões de adaptação de uso, um banheiro foi adicionado ao interior da moradia, mas que ainda mantém um ambiente sanitário no exterior. Por fim, o programa arquitetônico foi acrescido por uma garagem.

Figura 40 – Residência 95, Rua Manoel Cosme

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

A *Residência 59, Praça Capitão José da Penha* (Figura 41) é um caso exemplar da “casa de morada inteira”, cuja fachada possui um eixo de simetria de reflexão, frisos verticalizastes classificados pela literatura do início do século XX como “estilo moderno”⁹⁰ e concluem-se no topo em graduações escalonadas que destacam a porta e o eixo central de rebatimento. A *Residência 91, Rua José Horácio* (Figura 42) é uma edificação com características ímpares, contrastante às edificações vizinhas por possuir telhado aparente, ainda com duas águas paralelas à guia, disposição recorrente que divide as quedas entre o passeio e o quintal. Além disso, a testada frontal estreita e a proximidade entre as esquadrias frontais sugerem a parte frontal como ambiente único. A concepção da fachada dialoga com as expressões estéticas do conjunto com apuro por meio da inserção dos frisos geométricos abaixo do beiral e o ritmo da moldura em fita que segue dos encunhamento às esquadrias.

⁹⁰ Essas edificações com essas características plásticas são geralmente classificadas como *Art Decó*. Entretanto, em decorrência da proposta conceitual deste trabalho, que se baseia em teorias com perspectiva latino-americanas, optou-se por nomear essa arquitetura de “modernas”. Sobre esse assunto, recomenda-se a leitura dos artigos de jornais escritos pelo arquiteto Abelardo Gama para o *Diário da Manhã*, em circulação da cidade de Recife nas primeiras décadas do século XX. Cf. GOMES, Geraldo. O estilo moderno na arquitetura de Pernambuco. In: *Anais do II Seminário DO.CO.MO.MO Brasil*. São Paulo, 8-10 de dezembro de 1999.

Figura 41 – Residência 59, Rua Praça Cap. José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 42 – Residência 91, Rua José Horácio



Fonte: acervo do autor (2023)

A disposição de planta baixa da *Residência 59, Praça Capitão José da Penha* (Figura 43) reorganiza o ambiente interno em acomodação a um programa arquitetônico contemporâneo. Ainda assim, há simetria nos eixos das paredes, com uma circulação central que separa as zonas, as salas de um lado e do oposto os ambientes íntimos, isto é, dormitórios e banheiros. Em solução à implantação em lote estreito e profundo, há uma abertura zenital posicionada no eixo transversal da edificação que auxilia a ventilação cruzada e traz iluminação ao interior da moradia.

Figura 43 – Planta baixa da Residência 59, Praça Capitão José da Penha



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

O lote amplo possibilitou à *Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos* (Figuras 44 e 45) a implantação com recuos laterais e o acesso principal ao interior pela lateral, que na época da construção exercia a função de jardim. Dessa forma, a fachada, desenhada por eixo de simetria de reflexão, é composta por um ritmo de 4 janelas e o frontão escalonado, adornada

por octógonos em diferentes proporções e linhas emolduradas no entorno das esquadrias. A mureta de acesso com pequenos vazios foi subtraída, dá lugar à sala de visitas.

Figura 44 – Fachada da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos, 2024



Fonte: acervo do autor (2024)

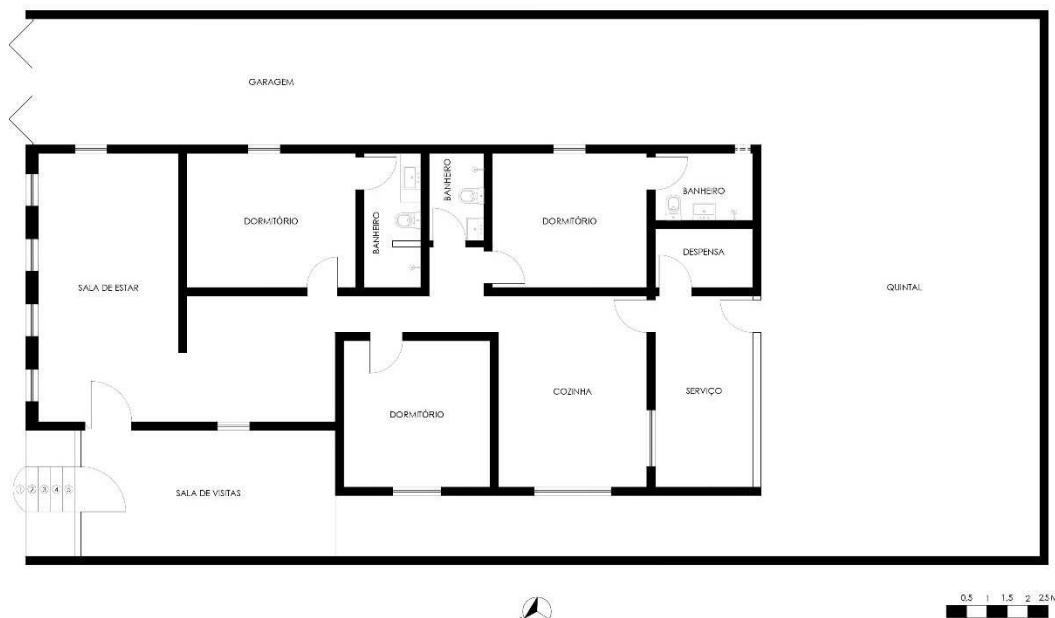
Figura 45 – Fachada da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos, em 2020



Fonte: acervo pessoal de Paula Carvalho (2020)

A temporalidade das fachadas corresponde à reforma da edificação iniciada em 2020, em que toda a parte interna foi reconstruída. Desse modo, o programa arquitetônico (Figura 46) adotado utiliza o corredor central como eixo de interligação dos ambientes, com uma sala de visitas imediatamente ao acesso, uma sala de estar dividida em dois momentos e dormitórios em ambos os lados, acompanhados por banheiros, na zona posterior, cozinha, área de serviço e despensa.

Figura 46 – Planta baixa da Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

A *Residência 07, Rua Prefeito Espedito Alves* (Figura 47) aparece em uma fotografia de uma longínqua Angicos de 1920, há mais de cem anos. Ainda mais, a presença de duas portas e uma única janela é inabitual no conjunto edilício. A pilastra que divide a fachada em eixos

provavelmente descreve a espacialidade das antessalas e salas de um lado e dormitórios do outro. Esse acréscimo gera dualidade de funções ao imóvel, pois a nova abertura acomodaria novas atividades ao cômodo frontal, de comércio, oficina ou outra atividade terciária.

Figura 47 – Residência 07, Rua Prefeito Espedito Alves



Fonte: acervo do autor (2024)

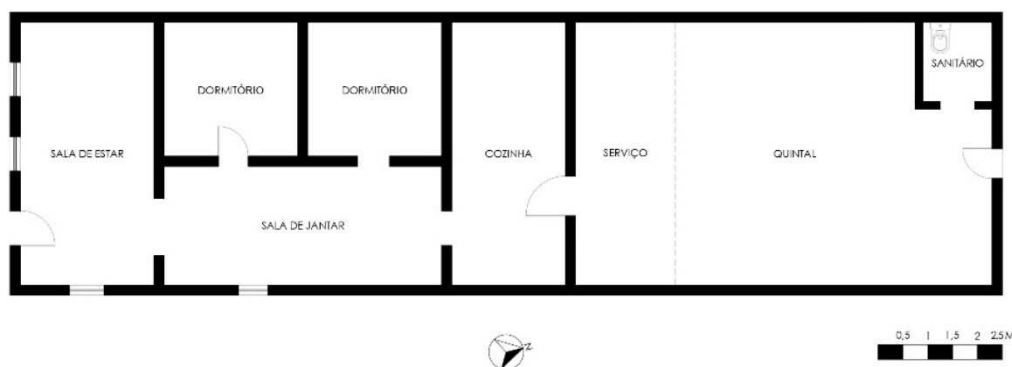
Figura 48 – Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra



Fonte: acervo do autor (2024)

A *Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra* (Figura 48) é uma meia morada, com fachada em simetria de reflexão, em que as linhas verticais possuem semelhança com pináculos, reforçada pelo frontão triangular. Com ambientes modulares, a planta baixa da possui três linhas de parede transversais e uma linha longitudinal, que resulta em espaços proporcionais. Nesse aspecto, sala de estar, sala de jantar, acesso aos dois dormitórios e uma cozinha posterior. O banheiro permanece desanexo da edificação, isolado ao fundo do quintal. O ritmo das esquadrias na sala de estar é marcado pela proporção exata (Figura 49).

Figura 49 – Planta baixa da Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra



Fonte: acervo do autor (2024)

A *Residência N/A na Rua Pedro Moura de Vasconcelos* (Figura 51) é uma arquitetura simples do modelo “casa de meia morada” com duas janelas na fachada. A verga acima das esquadrias exerce função ornamental e o coroamento é feito por uma platibanda triangular sem adornos. A *Residência 45, Rua José Horácio* (Figura 50), também “meia morada”, apresenta

um alinhamento de fachada mais largo e frisos decorados com geometrias. A *Residência N/A, Avenida Pedro Matos* (Figura 52), de esquina, ao invés de duas janelas, apresenta duas portas, a fachada formula-se por uma linha sobressaliente no friso e geometrias no topo.

Figura 50 – Residência 45, Rua José Horácio



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 51 – Residência N/A, Rua Pedro de Vasconcelos



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 52 – Residência N/A, Avenida Pedro Matos



Fonte: acervo do autor (2023)

Notabilizados pela simplicidade compositiva, os exemplares identificados por *Residência 112, Rua Manoel Cosme* (Figura 53) e *Residência 24, Rua José Horácio* (Figura 54) apresentam os telhados com duas águas perpendiculares à via, e pé esquerdo mais baixo. São moradas erguidas posteriormente aos exemplares antes estudados. Desse modo, demarcam um processo de concepção habitacional fundamentado na redução dos custos de construção, mas que implicou na redução do programa arquitetônico e na diminuição dos padrões de imóvel. A padronização da habitação oferecida à população pobre denuncia questões mais do que duradouras ou quase inexoráveis em um Brasil de tantas vicissitudes. Ainda assim, a sensibilidade é afirmada pelo encunhamento nas laterais. Na 24, o vazio é substituído por vedação e modificações identificadas pela pintura expõem a perda de volumes na fachada.

Figura 53 – Residência 112, Rua Manoel Cosme



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 54 – Residência 24, Rua José Horácio



Fonte: acervo de pesquisa

A *Residência 70, Rua Pedro Moura de Vasconcelos* (Figura 55) e a *Residência 131, Praça Capitão José da Penha* (Figura 56) apresentam recuos em relação ao alinhamento do passeio, este espaço é adornado por jardim, mas não há recuos laterais. Todavia, ao contrário dos volumes frontais vistos em outras casas históricas de Angicos, as quais normalmente tendem à busca por simetria e harmonia compositiva, nota-se na *Residência 70, Rua Pedro Moura de Vasconcelos* que à moldura das esquadrias e ao frontão adotam-se linhas diagonais e assimétricas. Enquanto o construtor da *Residência 131, Praça Capitão José da Penha* usou como ornamento as linhas retilíneas e empregou uma disposição de platibanda mais sóbria, essas casas apresentam molduras de esquadrias que assemelham.

Figura 55 – Residência 70, Rua Pedro Moura de Vasconcelos



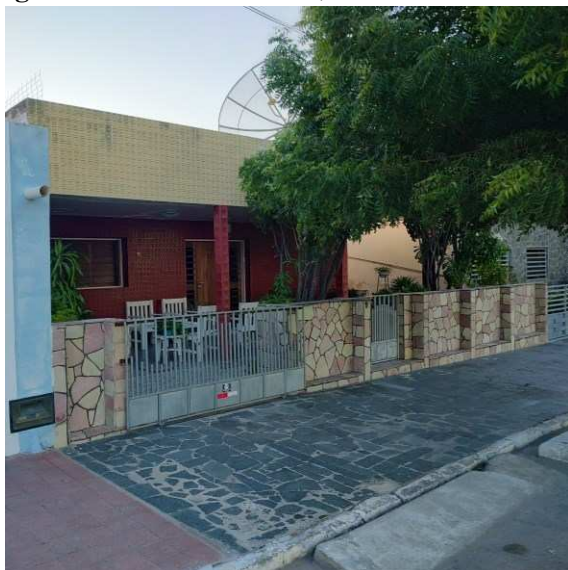
Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 56 – Residência 131, Praça Capitão José da Penha



Fonte: acervo do autor (2023)

A *Residência 163, Avenida Pedro Matos* (Figura 57) e a *Residência 33, Rua José Rufino* (Figura 58) são arquiteturas residenciais do conjunto edilício da cidade com traços estéticos que releem o movimento arquitetônico modernista a partir uma concepção regionalista, com a fachada recuada, pilares aparentes, linhas retas, uso de cobogós e esquadrias amplas. Na *163*, a textura e a cor das vedações são pouco recorrentes e se destacam na paisagem. Ambas registram a introdução das paredes das salas internas frontal e/ou lateralmente recuadas e a inserção dos jardins frontais, assim como de uma pequena mureta que divide a área do lote do passeio público e preserva a permeabilidade visual.

Figura 57 – Residência 163, Avenida Pedro Matos

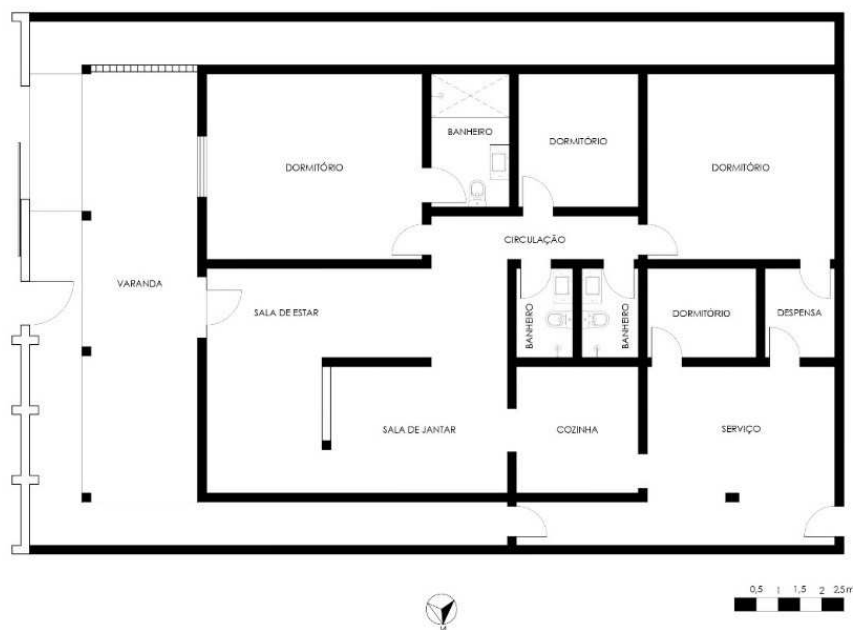
Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 58 – Residência 33, Rua José Rufino

Fonte: acervo do autor (2023)

A inserção da *Residência 163, Avenida Pedro Matos* é “solta” em relação aos limites do lote. As dimensões da testada frontal são mais largas do que os exemplares até então mencionados. Além da composição externa descrita anteriormente, a partir de sua planta baixa (Figura 59) percebe-se um programa arquitetônico com fluxos e disposições dos ambientes distintos, a quantidade de ambientes aumenta proporcionalmente ao número de vedações internas. Nesse exemplo, os espaços não estão mais dispostos em linha, mas sim ao redor de uma circulação que, como núcleo, secciona as áreas social, íntima e de serviços. Além disso, a presença de banheiros aumenta, inclusive com a criação de uma abertura zenital naquele que está ligado diretamente à suíte. Ainda que a casa esteja recuada nas laterais do lote, os moradores decidiram não abrir esquadrias de ventilação nas paredes laterais. E, em manutenção de hierarquizações enraizadas, a um dormitório de menor dimensão, inserido junto à área de serviço.

Figura 59 – Planta baixa da Residência 163, Avenida Pedro Matos



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Figura 60 – Parede em cobogó na Residência 163, Avenida Pedro Matos



Fonte: acervo do autor (2023)

Dentre as moradas reconhecidas no conjunto edilício angicano, há um modelo caracterizado pela implantação com recuos e jardim frontais, exemplificado nas casas catalogadas e identificadas como *Residência 86, Rua Pedro Moura de Vasconcelos* (Figura 61); *Residência N/A, Rua Vicente Germano* (Figura 62); *Residência 247, Rua São José* (Figura 63); e *Residência 325, Rua São José* (Figura 64). Essas residências apresentam mureta baixa com balaústres ritmados de mesmo modelo, que coroam a fachada com um elemento ornamental cuja inserção mantém a visualização da parte interna à externa e vice-versa, mas eleva a divisão edificada entre o passeio público e a propriedade privada.

Acrescenta-se que os exemplares expõem vestígios de transitoriedade e transmutação entre os momentos arquitetônicos da cidade, com a conservação da platibanda e/ou das decorações em relevo na fachada da edificação em paralelo à inclusão de garagem ao programa arquitetônico, peculiar à popularização do automóvel como meio de transporte e a interiorização das rodovias como eixo de ligação entre as cidades.

Figura 61 – Residência 86, Rua Pedro Moura de Vasconcelos



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 62 – Residência N/A, Rua Vicente Germano



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 63 – Residência 247, Rua São José



Fonte: acervo do autor (2023)

Figura 64 – Residência 325, Rua São José



Fonte: acervo do autor (2023)

Conforme a planta baixa da *Residência 247, Rua São José* (Figura 65), tais exemplares apresentam dimensões de testada frontal alargadas, com a edificação solta dos limites do lote, que permite a inserção de janelas e aumento da quantidade de ambientes, com destaque à inserção do banheiro de fluxo direto ao dormitório, a suíte; o estreitamento da zona de circulação que assume a forma de corredor e acompanha o desuso das várias divisões em “salas” simbólicas na demarcação até a intimidade da família. A cozinha não mais está no plano posterior da edificação, passa a ser um ambiente de convívio de maior permanência pela anexação das funções de sala de jantar.

Figura 65 – Planta baixa da Residência 247, Rua São José

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Em Angicos, não foram identificados exemplares de sobrados, cuja construção estava associada à riqueza da família e, por vezes, unia uso residencial ao comercial com lojas no pavimento térreo. Talvez isso aconteça porque, em meados do século XX, o aglomerado urbano ainda apresentava uma urbanização incipiente, e a arquitetura residencial e institucional da cidade ainda era construída e decorada com modelos e motivos estéticos da primeira metade do século XIX, ou seja, marcada por um processo tardio e relativamente anacrônico. Mas esse anacronismo não representava retardamento da modernidade nos sertões; ao contrário, o sentido de modernidade apresentava lógicas próprias, às vezes pouco sintonizadas com aquele fundamentado nos principais centros urbanos do estado ou do Brasil.

Em termos gerais, observa-se que há poucos exemplares residenciais em que o lote permitisse uma tipologia de maiores aberturas na fachada frontal, resultante na predominância de casas de “porta e janela”. Todavia, a diversidade de composição das fachadas indica a uso desta como modo “quadro” de expressão pintado por cada família para com o seu lar. Além disso, as edificações institucionais são mais recentes que as residenciais. Ou seja, vestígios materiais do crescimento populacional e da complexidade das relações cotidianas, que ocasionaram novas demandas para a urbanização de Angicos e fundação de novas instituições de serviço.

Por fim, a história contada por apagamentos, no impedimento da formulação de ideias críticas quanto à arquitetura, submerge à especulação, ao desenraizamento e, sobretudo, ao esquecimento. Por outro lado, a história contada com atenção à sensibilidade estética, às

singularidades de cada edificação e em busca dos relatos das pessoas, aprofunda os significados afetivos. Logo, a publicização do acervo de residências angicanas traz reconhecimento à paisagem por parte dos olhares anteriormente e corriqueiramente desatentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a organização de um breve esboço historiográfico e, em conjunto, uma análise contemporânea das reminiscências arquitetônicas da cidade de Angicos/RN. Observou-se que a cidade nasce conforme os imperativos políticos e religiosos vigentes no período colonial, em que a consagração de um terreno a um santo padroeiro, São José, acionou uma rede de agentes no povoamento dos arredores da capela. No século XIX, em razão de motivos socioeconômicos e de estratégia territorial, o poder provincial concedeu os títulos de freguesia e vila em 1836. Posteriormente, a categoria de vila foi retirada de Angicos e dada a Macau devido à promissora economia do sal. Contudo, isso não representou a estagnação do crescimento material da povoação, que retomou a autonomia em 1936; ao contrário, embora apresentasse ritmo próprio de urbanização, os vestígios materiais e simbólicos que permanecem na paisagem de Angicos atestam sua participação nas relações sociais e comerciais operadas no Rio Grande do Norte.

As informações históricas encontradas para a reconfiguração hipotética do tecido urbano de Angicos centram-se, sobretudo, em leis provinciais encontradas em bancos de dados digitalizados pela Biblioteca e Arquivo nacionais e em fotografias gentilmente fornecidas por moradores locais. Infelizmente, a inserção da comunidade nas discussões reduziu-se à informalidade, não obstante as informações obtidas e os relatos apresentados acerca das edificações individualmente e do conjunto edilício fundamenta e norteia o conteúdo, o entendimento espacial e a produção da paisagem urbana. Parte processo processual, que envolve etapas de pesquisa na busca do preenchimento de hiatos deixados por estudos anteriores. Logo, a perspectiva é de continuidade à leitura da memória espacial de Angicos com foco nas narrativas pessoais de seus moradores e construtores.

Ainda assim, o contato com a população presta papel imprescindível, mesmo quando intrincada de sutileza e incipiência, pois insere as discussões acerca da produção arquitetônica aos que a produzem de forma “inconsciente” e, em conformidade, efetiva as qualidades estéticas, imagéticas e afetivas menosprezadas pelo risco do esquecimento e a imposição de uma perspectiva mercadológica quanto aos espaços; a recíproca é verdadeira pela oportunidade de enxergar a cidade de dentro para fora, com o vocabulário técnico incutido na mentalidade, que permite uma experiência para além dos limites intramuro da academia, diante da disciplina e das idiossincrasias da “espontaneidade” urbana.

Sobretudo a publicização dos registros arquitetônicos e urbanísticos, por meio de fotografias, catalogação edilícia e da produção de mapas hipotéticos, infere que, independentemente das alterações pelas quais a cidade passou, passa ou eventualmente passará, uma época e os vestígios de tantas outras estão documentados, tornam-se “lugares de memória”. Principalmente no que diz respeito às residências, elo mais suscetível ao apagamento e, por consequência, ao esquecimento. Desse modo, lembradas no que representam à memória e reconhecidas no que representam à cidade.

Por fim, visa a compreensão das raízes da arquitetura e urbanismo no Brasil, por intermédio da significação da memória coletiva, da mesma maneira que incentiva a participação ativa da comunidade na construção e preservação de suas cidades. Em última análise, soma-se às pesquisas em temas semelhantes, em prol do enriquecimento do conhecimento sobre a história e o desenvolvimento urbano das cidades brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Evillyn Biazatti de; ARAÚJO, Naiara Rodrigues de; CASTOR, Ricardo Silveira; TAPAJÓS, Victória Ferreira Soares. **Modernismo em Cuiabá**: sede do Departamento de Correios e Telégrafos. Salvador: DO.CO.MO.MO. Brasil, 2019. UFMT. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/111020.pdf>.
- ARRAES, Damião Esdras Araujo. **Ecossistema de um suposto silêncio**: paisagem e urbanização dos “certoens” do Norte, c. 1666-1820. Tese (doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo, 2017. 528 f.
- BAYÓN, Damián. **Pensar con los ojos**. 2 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, S.A., 1993.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANCO, José Moreira brandão Castelo. Igrejas e freguesias no Rio Grande do Norte. **Revista (trimestral) do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**: volume 215 (abril-junho 1952). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II**. 2 vols. São Paulo: Edusp, 2016.
- CANAL DE NOTÍCIAS DO RN (Angicos). **Homenagem da direção da 8ª Direc ao aniversário de 109 anos de fundação da Escola Estadual José Rufino em Angicos celebrado neste dia 12 de março**. Escrita por Prof.^a Marileide Matias da Silva. 2021. Disponível em: <https://cnrn.com.br/noticia/11234/homenagem-da-8-direc-ao-aniversario-de-109-anos-de-fundacao-da-escola-estadual-jose-rufino-em-angico.html>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide. Título XLIII, artigo 174. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853.
- CUNHA, Maria Zélia Moreira Alves da. **Angicos Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Grafitto, 1992.
- DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.
- DESCRIÇÃO do município de Angicos-RN em 1881**. Manuscrito da Fundação da Biblioteca Nacional. Identificador: I – 31, 17, 36.
- DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da ribeira do Seridó**. 205 f. Dissertação (Mestrado) - História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP, São Paulo, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Angicos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/angicos/panorama>. Acesso em: 15 out. 2023.

IBGE. Divisão Territorial Brasileira. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divisao-territorial-brasileira.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

IBGE. Recenseamento do Brasil em 1872. Rio Grande do Norte. Disponível em <http://bibliotecaibge.gov.br>

IBGE. Recenseamento Geral do Brasil: (1º de setembro de 1940). Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p7_rn.pdf. Acesso em 3 abr. 2024.

IBGE. Recenseamento Geral do Brasil (1º de julho de 1950). Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1951. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/313/cd_1950.pdf. Acesso em 22 de mar. 2024

IBGE. VII Recenseamento Geral Do Brasil - 1960: Estado do Rio Grande do Norte. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1961. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/312/cd_1960_sinopse_preliminar_rn.pdf. Acesso em 22 de mar. 2024

IBGE. VIII Recenseamento Geral - 1970: Estado do Rio Grande do Norte. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1971. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_rn.pdf. Acesso em 22 de mar. 2024

IBGE. IX Recenseamento Geral - 1980: Estado do Rio Grande do Norte. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/310/cd_1980_v1_t1_n9_rn.pdf. Acesso em 22 de mar. 2024

IBGE. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – 1991. N° 10: Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n10_rn.pdf

IBGE. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/308/cd_2000_v7.pdf

IBGE. Sinopse do Censo Demográfico – 2010: Rio Grande do Norte. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/sinopse/index.php?dados=27&uf=24>.

IPATRIMÔNIO. Angicos – Antiga Estação Ferroviária. 24. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/angicos-antiga-estacao-ferroviaria/#!/map=38329&loc=-5.667128999013213,-36.600416994459486,17>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Global Editora, 2013.

GOMES, Geraldo. O estilo moderno na arquitetura de Pernambuco. In: **Anais do II Seminário DO.CO.MO.MO Brasil**. São Paulo, 8-10 de dezembro de 1999.

GUTIÉRREZ, Ramón. *Arquitetura latino-americana*. Tradução: Isa Mara. São Paulo: Nobel, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KOSTER, Henri. **Viagem ao Nordeste do Brasil**. Trad.: Luís da Câmara Cascudo. 2 vols. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LYRA, Carlos. **As quarentas horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MARIANI, Anna. **Pinturas e platibandas**. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles [IMS], 2010.

MARX, Murillo de Azevedo. **Cidade no Brasil, terra de quem?**. São Paulo: Nobel/USP, 1991.

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de; FERREIRA, Angela Lúcia de Araújo. **As estações de trem do Rio Grande do Norte**: um estudo sobre a sua implantação no ambiente urbano e inventário de suas condições atuais. Natal: UFRN, 2007. Disponível em: https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2021/01/ipatrimonio_Rio-Grande-do-Norte-Estações-ferroviárias-Fonte-Medeiros-Ferreira.pdf

MEDEIROS, Gabriel Leopoldino Paulo de. **Caminhos que estruturam cidades**: redes técnicas de transporte sobre trilhos e a conformação intra-urbana de Natal (1881-1937). 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - DARQ/UFRN. Natal, 2011.

NORA, Pierre. **Los lugares de memória**. Trad.: Laura Masello. Montevideo: Ediciones Trilce, 2008.

PORTAL TRIBUNA DO CABUGI (Angicos). **Centro Comercial de Angicos será reaberto nesta sexta, 22**. 2021. Disponível em: <http://www.tribunadocabugi.com.br/2021/10/centro-comercial-de-angicos-sera.html>. Acesso em: 15 out. 2023.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Resolução nº 9, de 13 de outubro de 1836. **Collecção de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte - 1835 A 1887**. Natal, Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=245291x&pesq=angicos&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=1623>.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

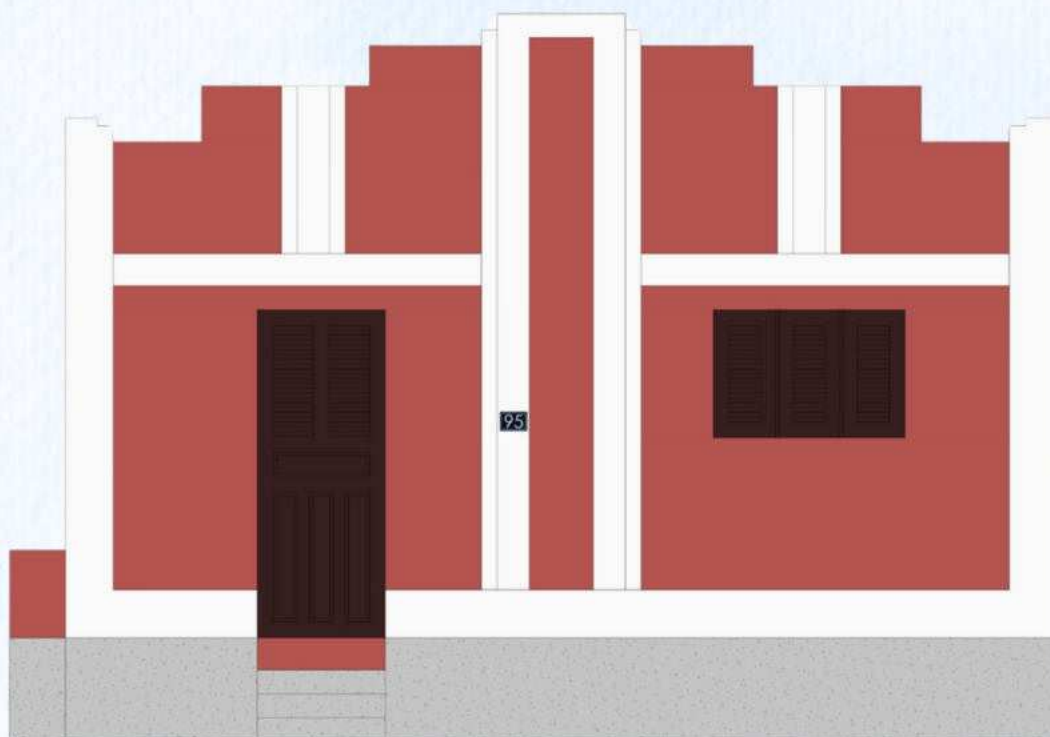
TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Da cidade de Deus à cidade dos homens**. A secularização do uso, da forma e da função urbana. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2009.

VIDAL, Laurent. Considerações sobre uma experiência negligenciada: a fundação de vilas no tempo das capitanias hereditárias (1534-1549). In: FRIDMAN, Fania (org.). **Espaço urbano latino-americano: ensaios sobre história política e territorial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Editora WMF, 2012.

APÊNDICES



Coordenadas da poligonal da área de estudo em UTM

P1	765779,870	9372843,601
P2	765727,862	9372970,899
P3	765650,421	9372979,672
P4	765680,959	9373124,938
P5	765604,066	9373134,977
P6	765606,259	9373164,165
P7	765585,001	9373196,390
P8	765558,596	9373214,527
P9	765545,352	9373240,172
P10	765541,303	9373275,518
P11	765530,336	9373330,689
P12	765449,858	9373378,267
P13	765491,109	9373429,136
P14	765519,918	9373482,113
P15	765530,927	9373479,667
P16	765534,385	9373492,067
P17	765507,981	9373499,449
P18	765429,865	9373503,962
P19	765431,257	9373545,045
P20	765464,325	9373539,646
P21	765390,765	9373756,279
P22	765371,699	9373941,278
P23	765438,680	9373947,689
P24	765532,150	9373979,577
P25	765577,872	9373949,630
P26	765523,039	9373880,455
P27	765554,083	9373855,485
P28	765593,226	9373877,756
P29	765610,772	9373829,840
P30	765641,142	9373817,693
P31	765703,230	9373828,490
P32	765775,441	9373806,895
P33	765763,968	9373728,610
P34	765969,677	9373622,402
P35	765941,670	9373343,005
P36	765900,165	9373082,505
P37	765898,478	9373026,997
P38	765952,383	9373008,523
P39	765945,972	9372989,964
P40	765969,972	9372992,494
P41	765975,920	9372985,830
P42	765909,403	9372939,011
P43	765897,424	9372938,505
P44	765779,870	9372843,601

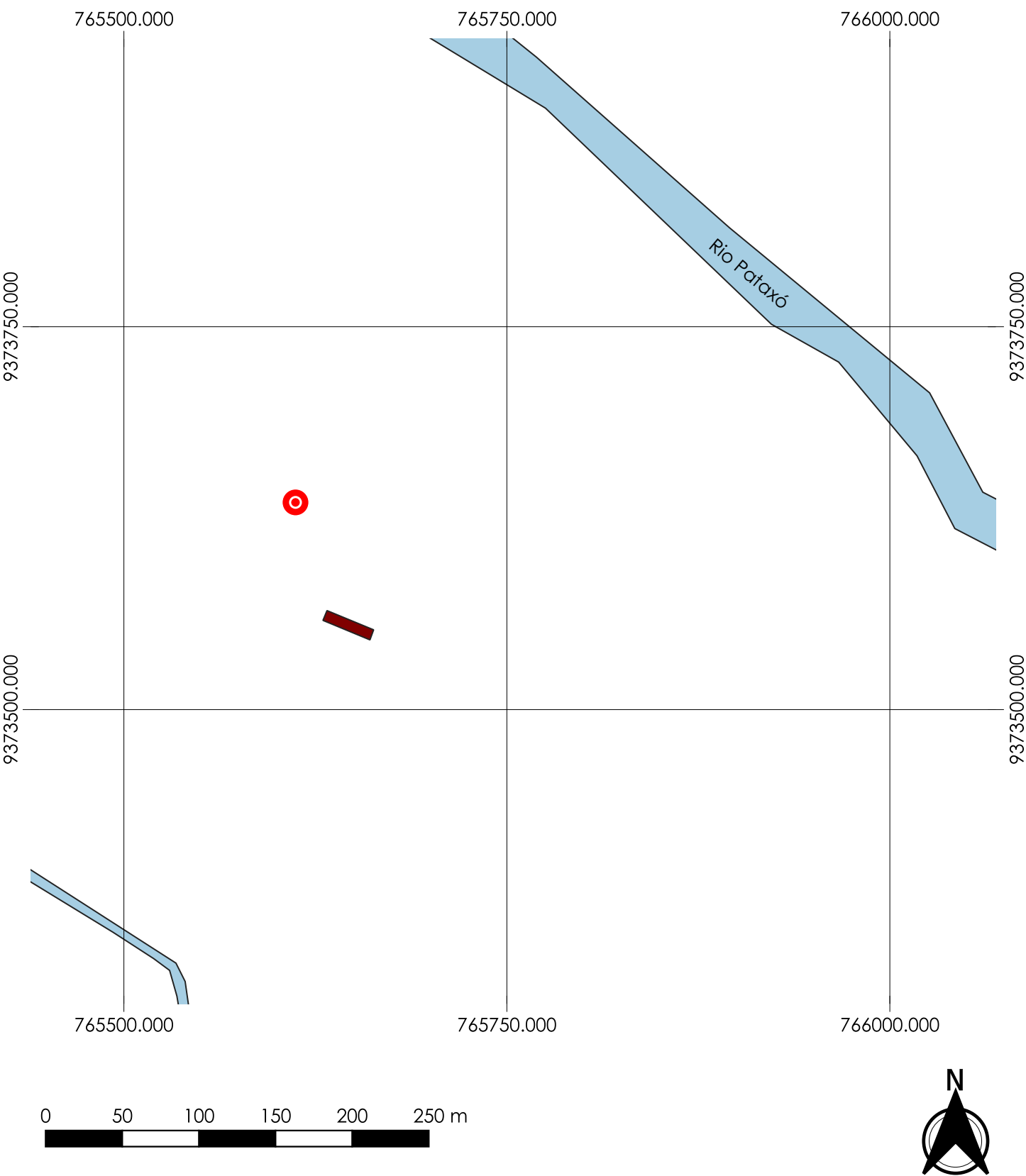
Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Listagem de edificações catalogadas

código	Endereço	Coordenadas UTM (em metros)
01	Residência 159, Praça Capitão José da Penha	765552,230-9373592,930
02	Residência 95, Rua Manoel Cosme	765794,620-9373552,790
03	Residência 119, Rua José Horácio	765519,014-9373676,017
04	Residência 53, Rua José Horácio	765532,422-9373674,395
05	Residência 247, Rua São José	765862,966-9373269,002
06	Residência 163, Avenida Pedro Matos	765626,160-9373709,916
07	Residência 129, Rua Manoel Cosme	765774,375-9373571,141
08	Residência 111, Rua Manoel Cosme	765785,712-9373561,539
09	Residência 181, Praça José da Penha	765542,013-9373612,371
10	Residência 59, Praça José da Penha	765612,670-9373509,800
11	Residência N/A, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	765827,607-9373432,334
12	Residência 70, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	765806,262-9373475,997
13	Residência 24, Rua José Horácio	765477,621-9373844,798
14	Residência 91, Rua José Horácio	765514,521-9373705,244
15	Residência 85, Praça Capitão José da Penha	765590,750-9373510,160
16	Residência 65, Praça Capitão José da Penha	765604,770-9373503,930
17	Residência 45, Rua José Horácio	765533,595-9373667,031
18	Residência 168, Rua Vicente Germano Guilherme	765760,896-9372831,982
19	Residência 33, Rua José Rufino	765804,620-9373380,530
20	Residência 136, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	765762,190-9373520,410
21	Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra	765767,644-9373123,935
22	Residência 112, Rua Manoel Cosme	765801,413-9373584,441
23	Residência N/A, Avenida Pedro Matos	765684,060-9373654,870
24	Residência 18, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	765759,580-9373472,430
25	Residência 86, Rua Pedro Moura de Vasconcelos	765794,360-9373490,720
26	Residência 131, Praça Capitão José da Penha	765557,697-9373564,653
27	Residência 119, Praça Capitão José da Penha	765563,374-9373550,931
28	Residência N/A, Rua Vicente Germano Guilherme	765749,380-9372848,494
29	Residência 325, Rua São José	765795,801-9373196,177
30	Residência 07, Rua Prefeito Espedito Alves	765714,022-9373485,793

Fonte: elaborado pelo autor (2024)

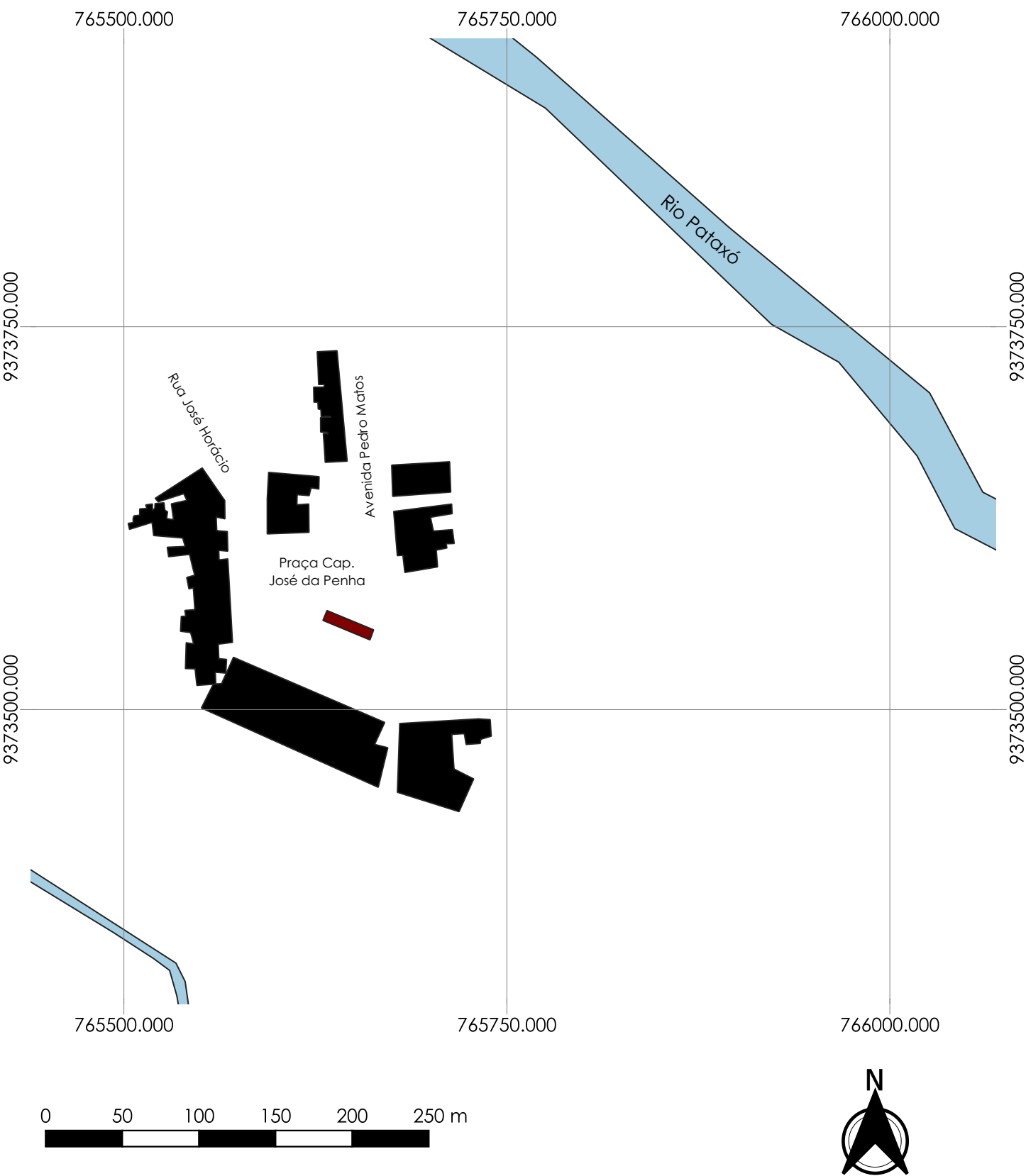
MAPA HIPOTÉTICO DE ANGICOS EM 1813



LEGENDA

- Capela de São José
- Rio Pataxó
- Sede da fazenda

MAPA HIPOTÉTICO DE ANGICOS EM 1836



LEGENDA

- Igreja Matriz de São José
- Conjunto Edificado
- Rio Pataxó

MAPA HIPOTÉTICO DE ANGICOS EM 1881



LEGENDA

-  Igreja Matriz de São José
-  Mercado
-  Casa de Câmara e Cadeia
-  Rio Pataxó
-  Conjunto Edificado

MAPA HIPOTÉTICO DE ANGICOS EM 1936

LEGENDA

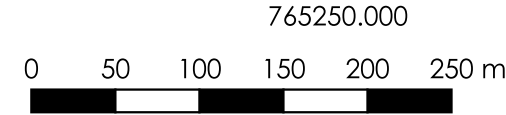
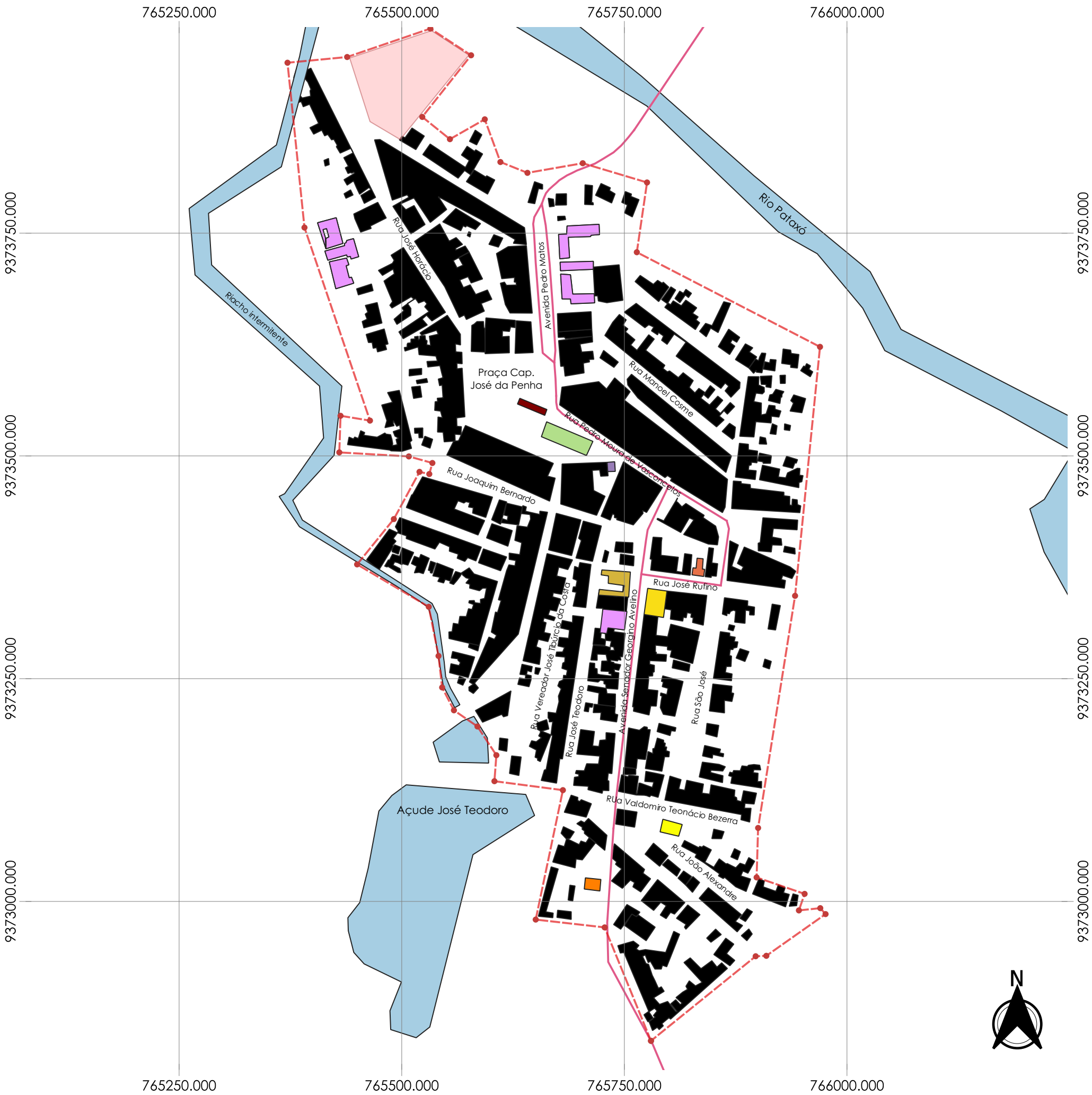
- Igreja Matriz de São José
- Estação Ferroviária
- Agência dos Correios e Telégrafos
- Mercado
- Biblioteca (à época, sede da prefeitura)
- Cemitério
- Corpos hídricos
- Escolas
- Agência dos Correios e Telégrafos
- Conjunto Edificado
- Linha férrea

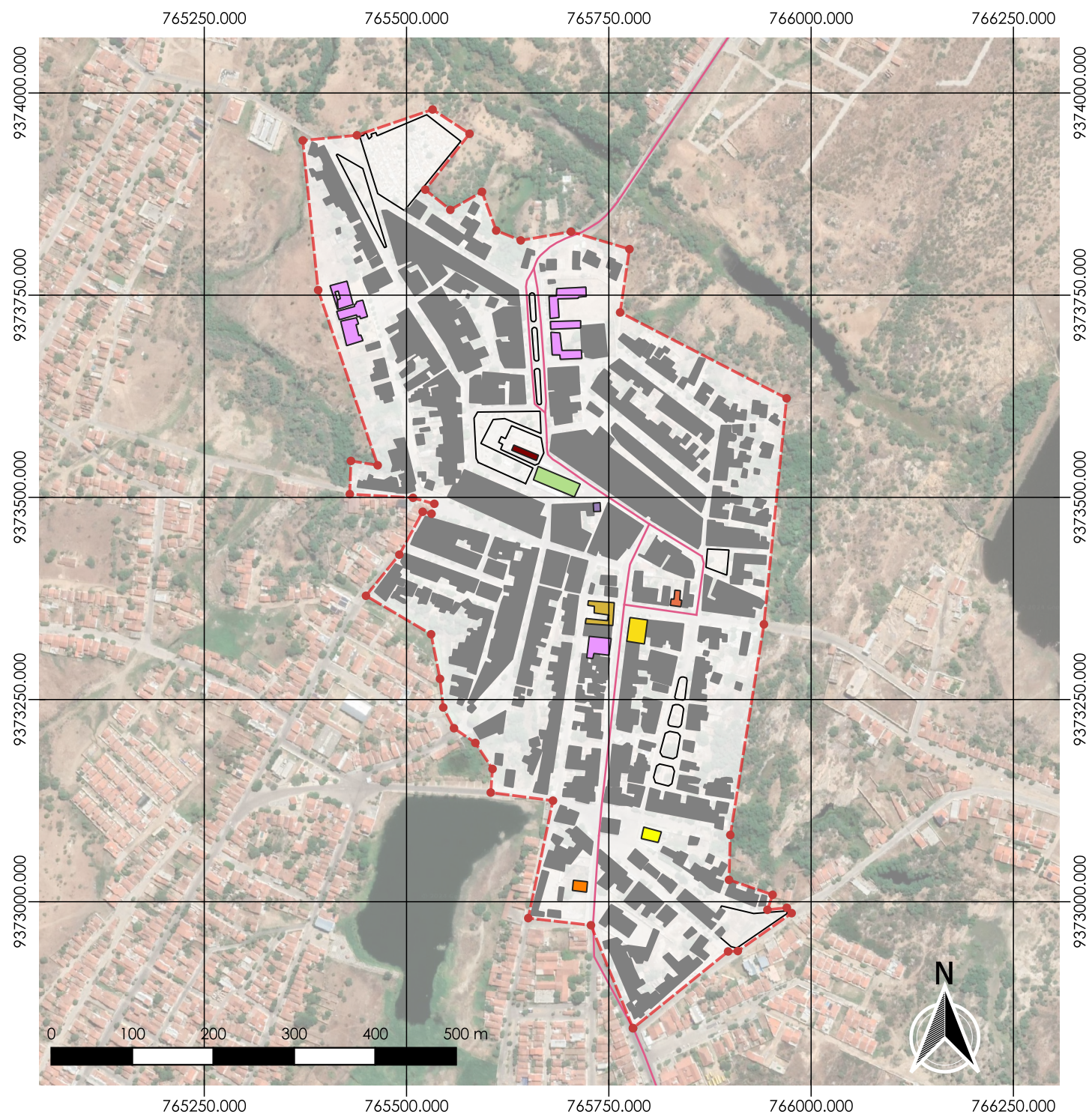


MAPA HIPOTÉTICO DE ANGICOS EM 1986

LEGENDA

- Igreja Matriz de São José
- Estação ferroviária
- Agência dos Correios e Telégrafos
- Delegacia de Polícia Civil
- Mercado
- Biblioteca
- Cemitério
- Prefeitura
- Ageência do Banco do Brasil
- Corpos hídricos
- Escolas
- Conjunto Edificado
- RN-263
- Área de estudo
- Vértices

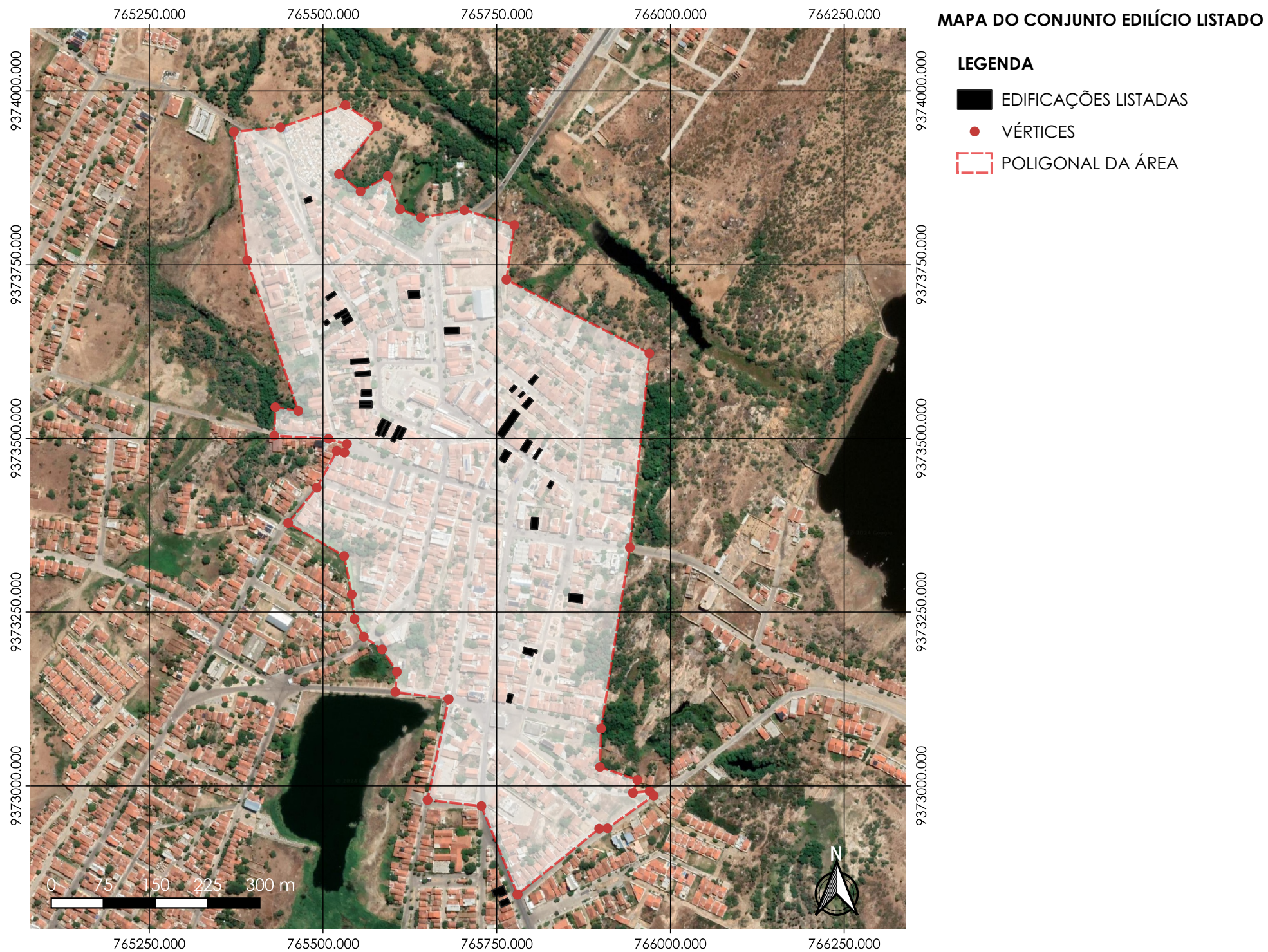




MAPA DA ARQUITETURA OFICIAL

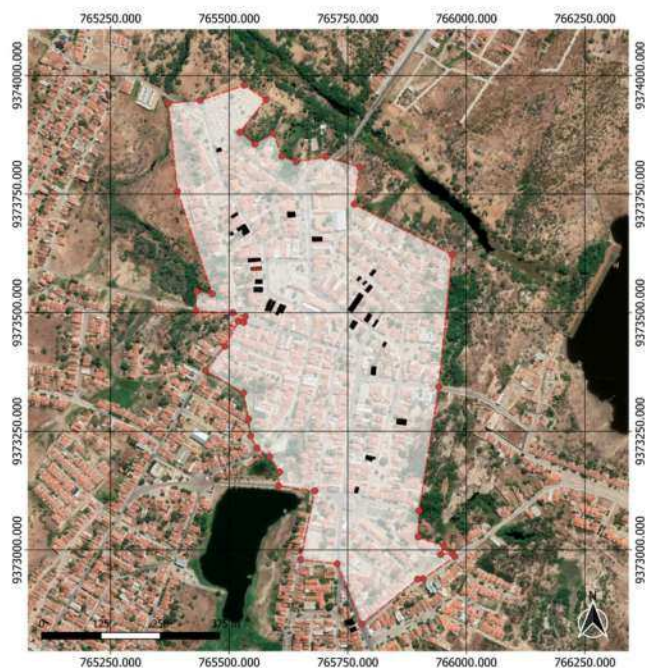
LEGENDA

- Vértices
- contorno
- Igreja Matriz de São José
- Estação ferroviária
- Agência dos Correios e Telégrafos
- Escolas
- Delegacia de Polícia Civil
- Mercado
- Biblioteca
- Sede da prefeitura
- Agência do Banco do Brasil
- Conjunto edificado
- RN-263



FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

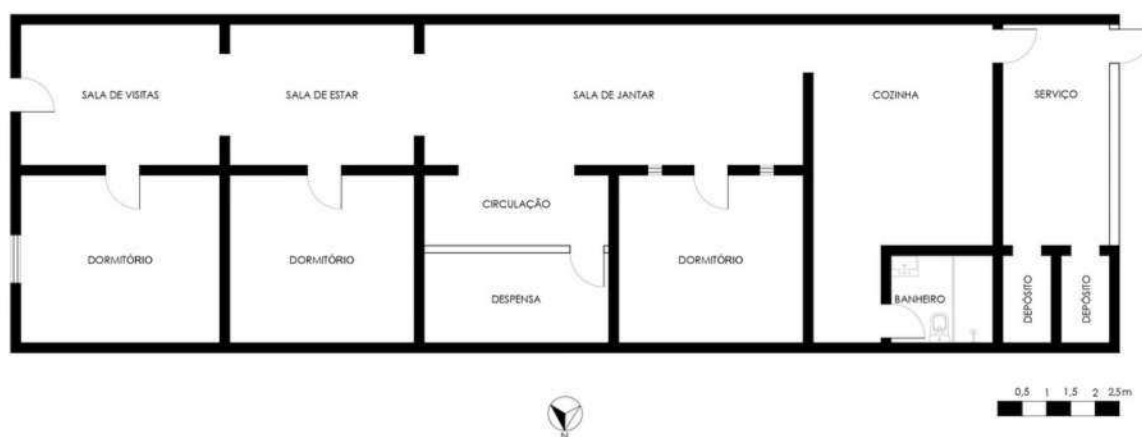
Fachada Frontal



Detalhes dos revestimentos de piso



Planta baixa



Dados

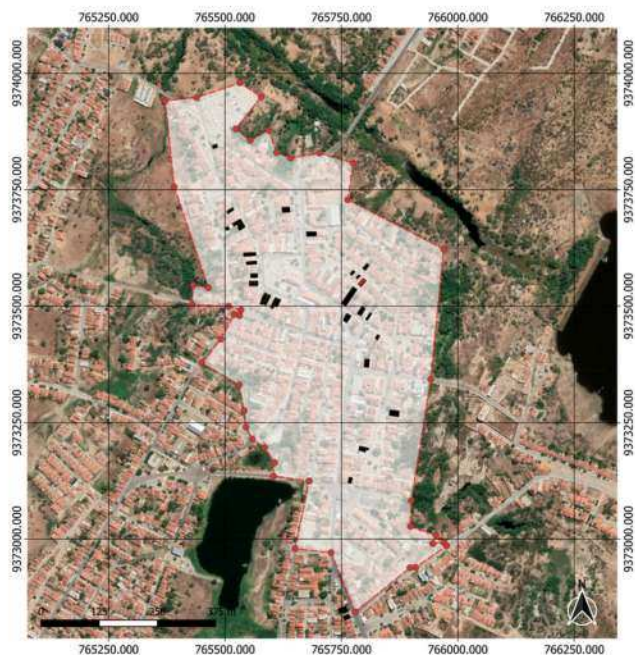
Endereço	Praça J. da Penha, 159, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000
Coordenadas (UTM)	765552,230 E - 9373592,930 N
Período	1933
Uso	Residencial
Implantação	Sem recuos frontal e lateral
Conservação	Bom
Preservação	Fachada preservada, esquadrias alteradas

Descrição

Tipologizada como "casa de porta e janela". A fachada é constituída por dois volumes em eixo assimétrico, de linhas retas para o lado das salas e um escalonado (semelhante a uma pirâmide planificada) para os quartos. Não há recuo frontal e laterais, piso revestido por ladrilhos e placas cerâmicas, paredes de tijolo maciço e telhado em armação de madeira e telhas cerâmicas (refeito). Recebeu reformas e ampliações.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal



Pendural em detalhe



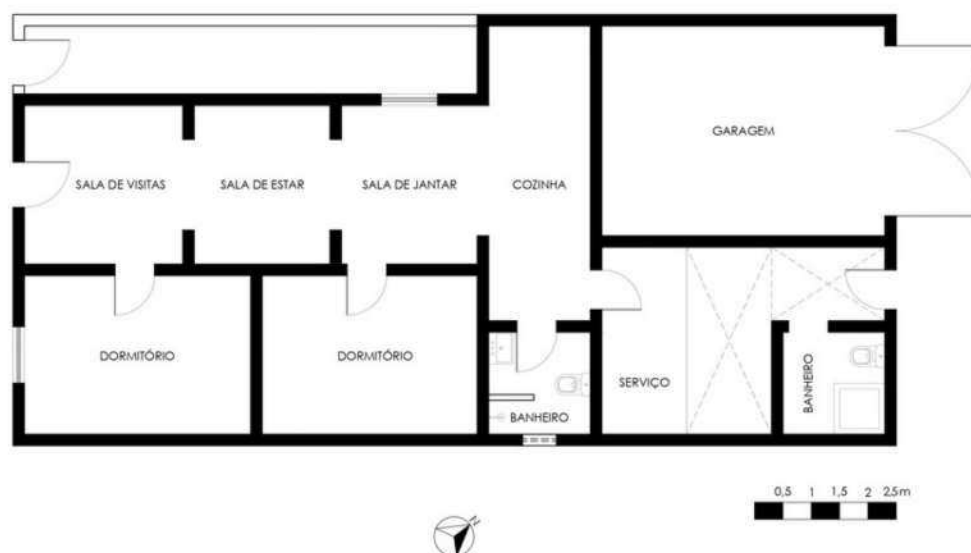
Telhado



Piso



Planta baixa



Dados

Descrição

Endereço Rua Manoel Cosme, 95, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765794,620 E - 9373552,790 N

Período 1950

Uso Residencial

Implantação Sem recuo frontal, com recuo lateral

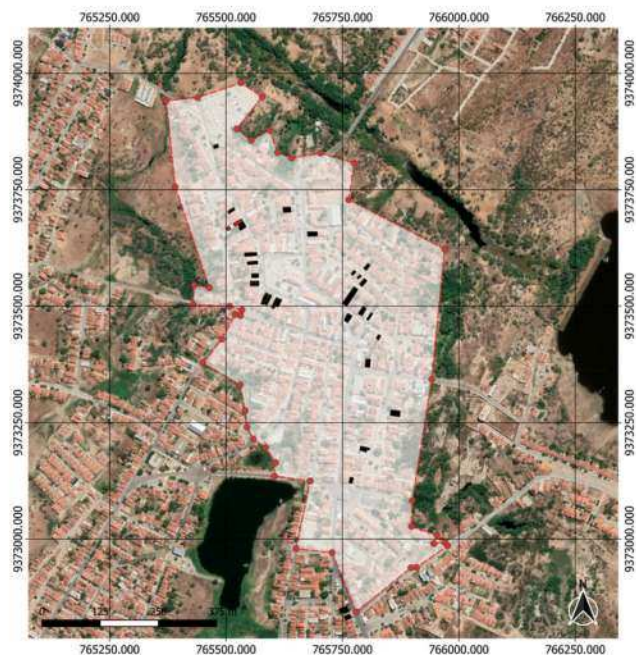
Conservação Bom

Preservação Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

Fachada concebida com elementos simétricos, coroada por frisos verticais. Implantação sem recuo frontal, piso em cimento queimado, paredes de tijolo maciço, telhado em armação de madeira e telhas cerâmicas. Reformada e ampliada, mantém banheiro à parte da edificação.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal



Detalhe do piso



Planta baixa



Dados

Descrição

Endereço Rua José Horácio, 119, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765519,014 E - 9373676,017 N

Período 1950

Uso residencial (locada)

Implantação Sem recuos frontal e lateral

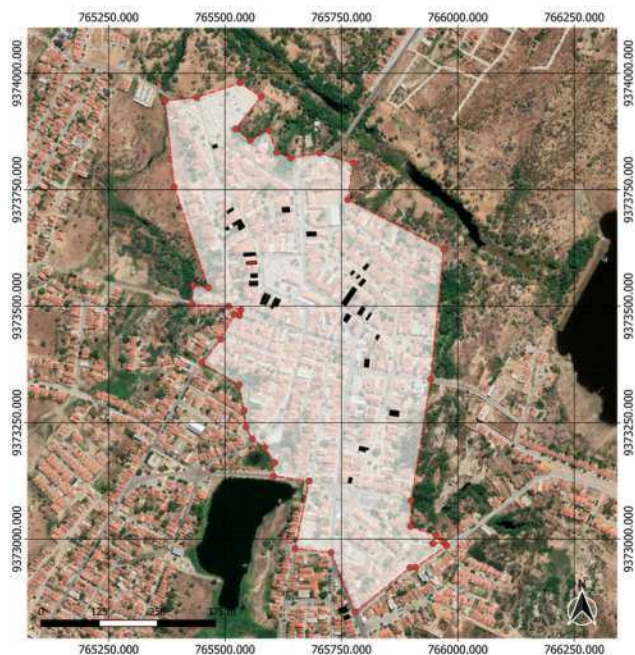
Conservação Regular

Preservação Descaracterizada

Fachada descaracterizada, marcada pela janela como elemento central, única na edificação. Implantada sem recuos, piso revestido por ladrilhos, paredes de tijolo maciço, telhado em armação de madeira e telhas cerâmicas. Recebeu reformas e ampliações.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada frontal



Detalhe na platibanda



Telhado



Planta baixa



0,5 1 1,5 2 2,5m

Dados

Descrição

Endereço Rua José Horácio, 53, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765532,422 E - 9373674,395 N

Período 1930

Uso residencial (locada)

Implantação Sem recuos frontal e lateral

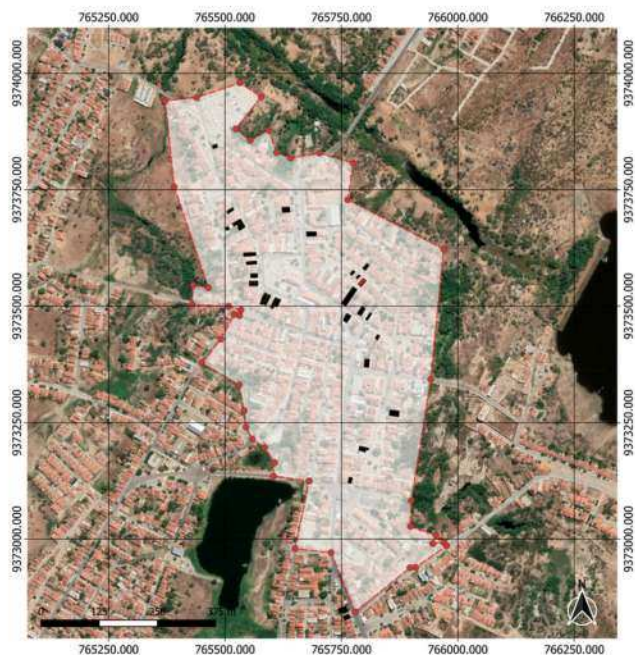
Conservação Regular

Preservação Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

Exemplar de "porta e janela" e implantação sem recuos, cuja fachada frontal apresenta cimbalhas com ornamentos na platibanda, em que o friso vertical a separa em duas partes e demarca a divisão interna da morada. Piso em cimento queimado, paredes de tijolo maciço, telhado em armação de madeira e telhas cerâmicas. Banheiro reformado.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
■ Área de estudo

Fachada Frontal



Esquadria em detalhe



Jardim frontal



Planta baixa



Dados

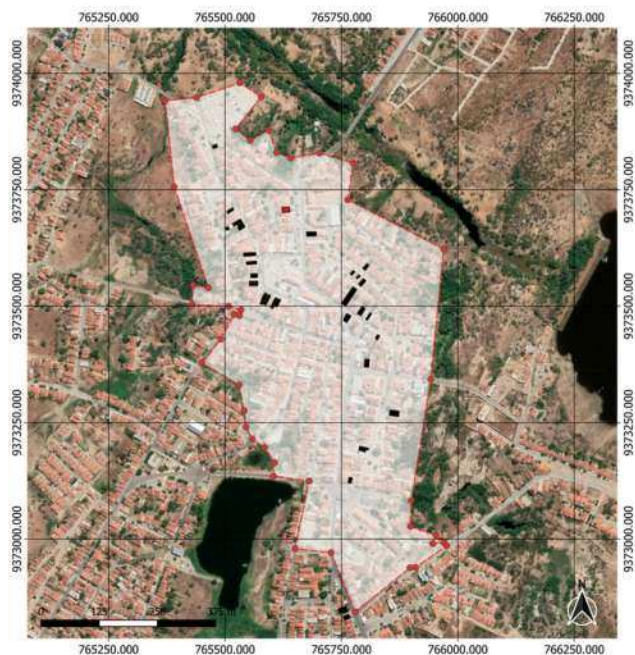
Descrição

Endereço	Rua São José, 247, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000
Coordenadas (UTM)	765862,966 E - 9373269,002 N
Período	1982
Uso	Residencial
Implantação	Com recuos frontal e lateral
Conservação	Bom
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

Fachada ornamentada por balaústres acima de uma mureta. Implantada com recuos frontal, lateral e posterior, possui jardim frontal, piso cerâmico, paredes em alvenaria, forro de gesso, telhado em 4 (quatro) águas, com armação de madeira e telhas cerâmicas. Planta baixa inalterada, acrescida por garagem e área de serviço.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

 Edificação referida
 Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal



Revestimento da parede



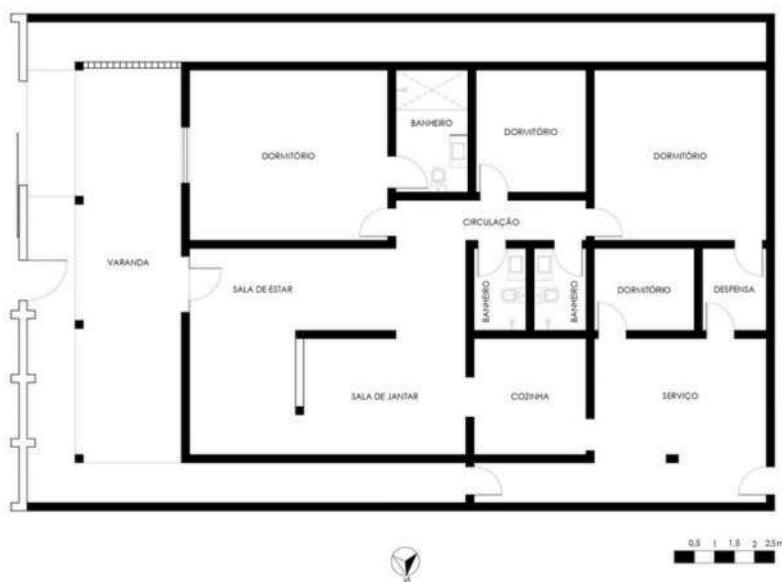
Alpendre e jardim



Parede de cobogós



Planta baixa



Dados

Descrição

Endereço Av. Pedro Matos, 163, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765626,160 E - 9373709,916 N

Período 1970

Uso Residencial

Implantação Com recuos frontal e lateral

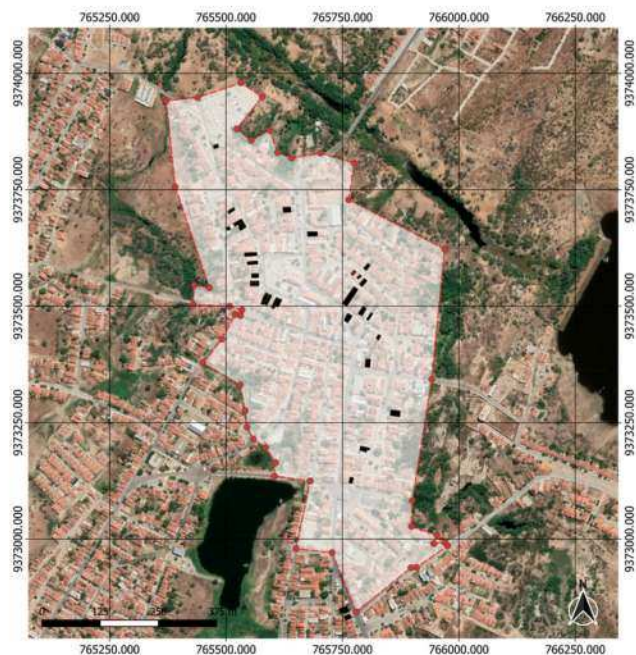
Conservação Bom

Preservação Preservada

Traços estéticos que remetem às teorias de Le Corbusier, com fachada recuada, pilares, linhas retas, cobogós e esquadrias amplas; a textura e a cor das vedações são pouco recorrentes e se destacam na paisagem. Apresenta inserção de jardim frontal, além de uma pequena mureta que divide a área do lote do passeio público e preserva a permeabilidade visual.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

 Edificação referida
Edificações listadas
Área de estudo

Fachada Frontal

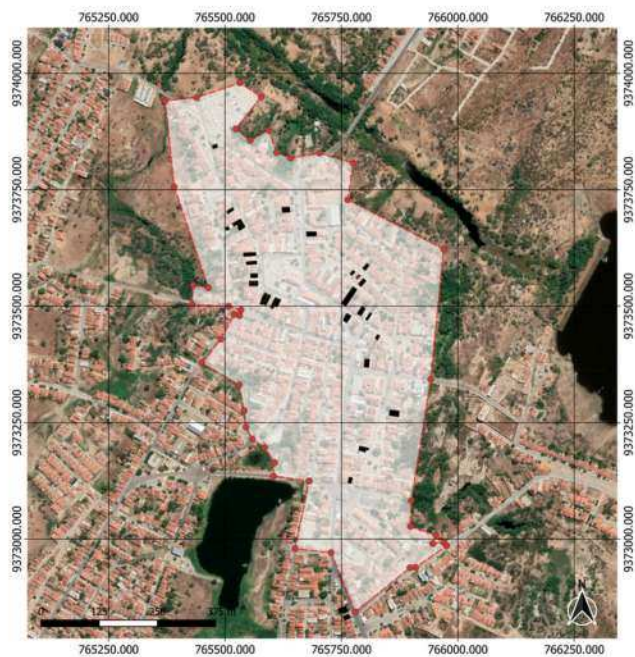


Dados		Descrição
Endereço	Praça J. da Penha, 159, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765774,375 E - 9373571,141 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservada, esquadrias alteradas	

Porta e janela, sem recuo frontal e lateral, platibanda assimétrica, com coroamento feito em forma de triângulo escaleno e frisos em linha.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

 Edificação referida
 Edificações listadas
 Área de estudo

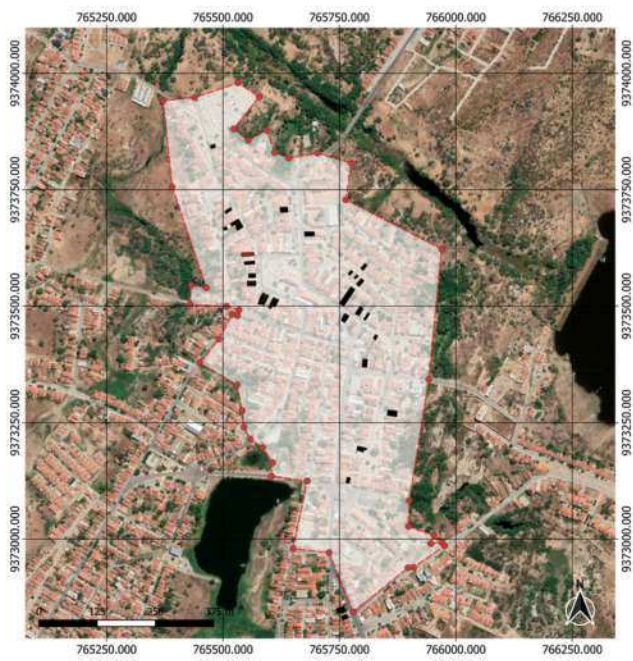


Dados		Descrição
Endereço	Rua Manoel Cosme, 111, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765785,712 E - 9373561,539 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Regular	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

Implanta sem recuos, de porta e janela, destaca-se pela simplicidade do coroamento desenhado por uma forma geométrica regular texturizada.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

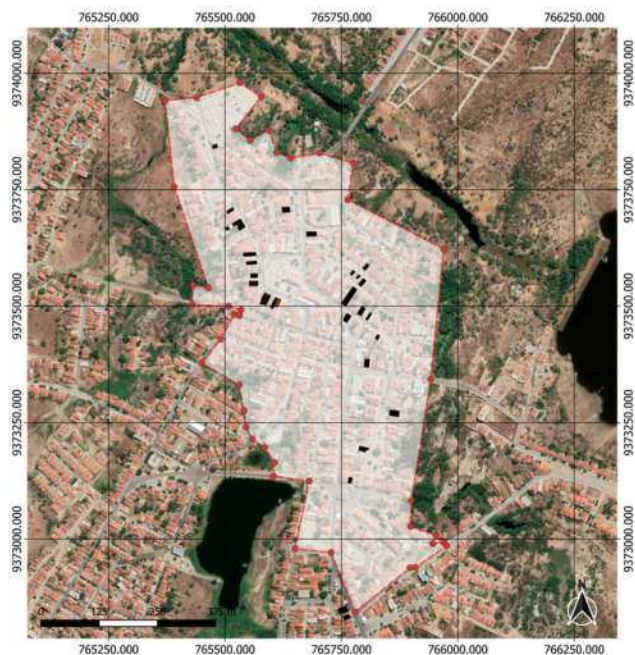
- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Praça J. da Penha, 181, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765542,013 E - 9373612,371 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Ruim	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

Porta e janela, sem recuos frontal e lateral. Inova pela disposição dos balaústres na platibanda em composição ao frontão triangular feito em relevo.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
□ Área de estudo

Fachada Frontal



Detalhe do piso



Planta baixa



Dados

Descrição

Endereço Praça J. da Penha, 59, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765612,670 E - 9373509,800 N

Período 1950

Uso Residencial

Implantação Sem recuos frontal e lateral

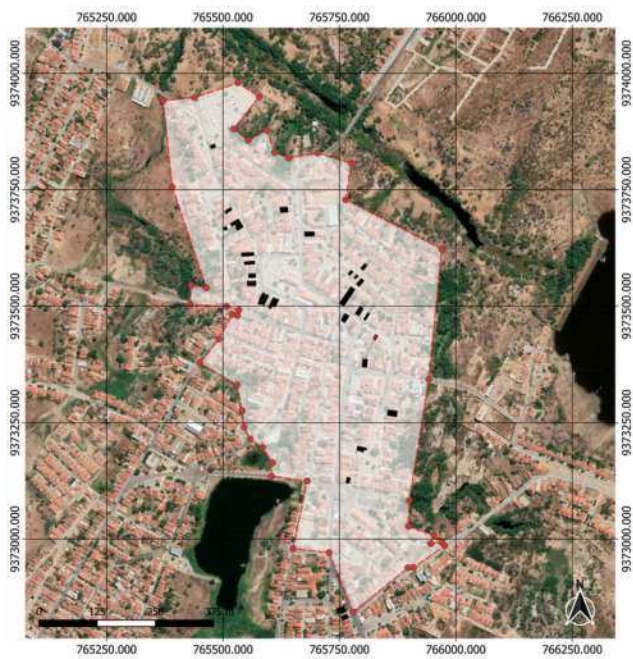
Conservação Bom

Preservação Elementos de fachada e esquadrias modificados

Exemplar da "casa de morada inteira", cuja fachada possui um eixo de simetria de reflexão, frisos verticalizantes e concluem-se no topo em graduações escalonadas que destacam a porta e o eixo central de rebatimento.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



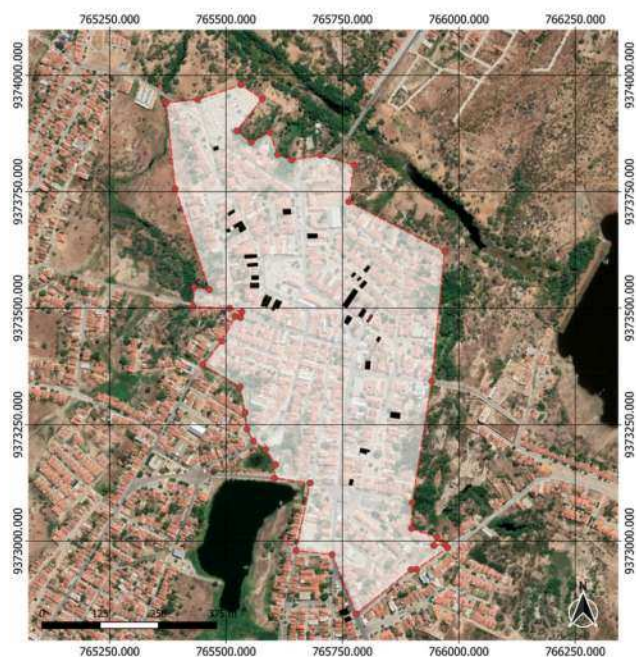
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

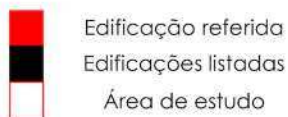
Dados		Descrição
Endereço	Rua Pedro M. de Vasconcelos, N/A, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765827,607 E - 9373432,334 N	
Período	-	Tipologizada com "casa de meia morada" com duas janelas na fachada, a verga acima das esquadrias exerce função ornamental.
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Ruim	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984



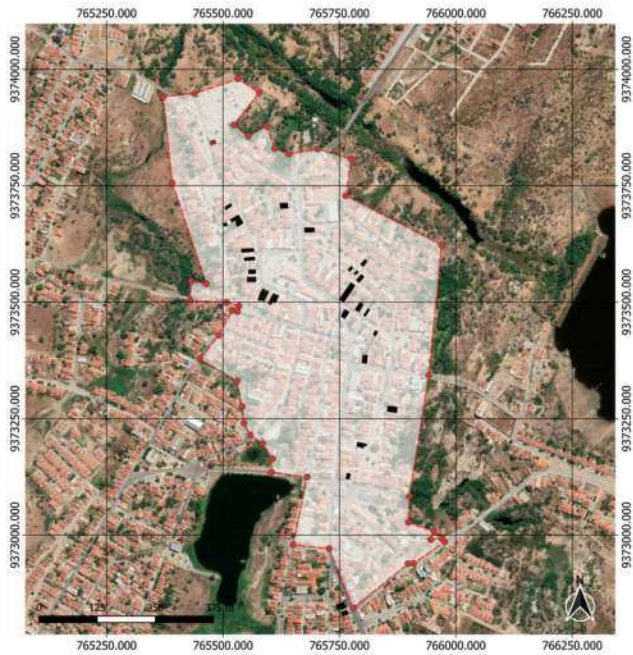
Fachada Frontal



Dados		Descrição
Endereço	Rua Pedro M. de Vasconcelos, 70, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765806,262 E - 9373475,997 N	
Período	-	Apresenta volume e assimetrias não vistos em outros exemplares de Angicos, que normalmente tendem à busca por simetria e harmonia compositiva.
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

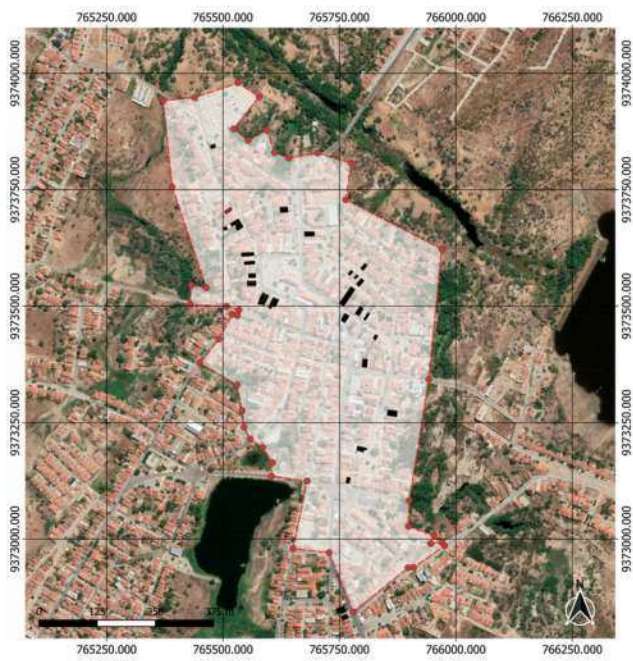
- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua José Horácio, 24, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765477,621 E - 9373844,798 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Ruim	
Preservação	Elementos de fachada modificados, esquadrias alteradas	

Originalmente de porta e janela, recebeu modificações que descaracterizam os elementos de fachada. Telhado aparente com duas águas perpendiculares à via, e pé esquerdo mais baixo.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



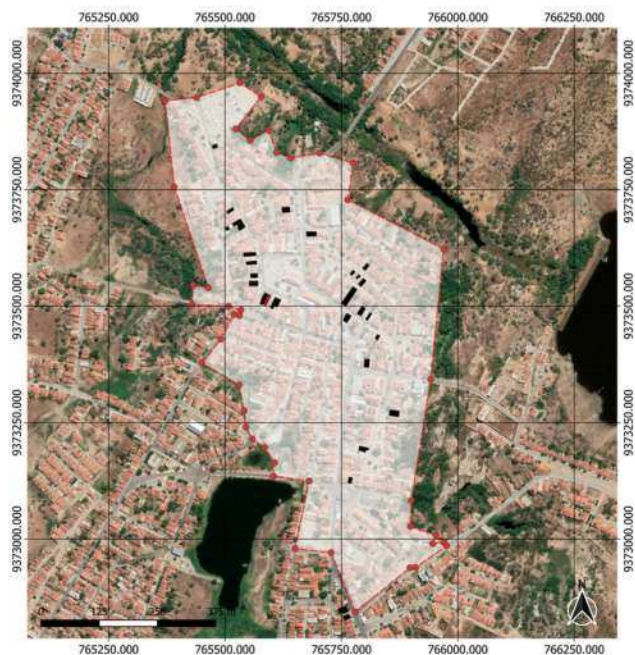
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua José Horácio, 91, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	contrastante às edificações vizinhas por possuir telhado aparente, embora com duas águas paralelas à guia, disposição recorrente que divide as quedas entre o passeio e o quintal. A testada frontal estreita e a proximidade entre as esquadrias frontais sugerem a parte frontal como ambiente único. A fachada expressa a estética por meio da inserção dos frisos geométricos abaixo do beiral e o ritmo da moldura em fita que segue dos encunhamento às esquadrias.
Coordenadas (UTM)	765514,521 E - 9373705,244 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal



Dados

Descrição

Endereço Praça J. da Penha, 85, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000

Coordenadas (UTM) 765590,75 E - 9373510,16 N

Período -

Uso Residencial

Implantação Sem recuos frontal e lateral

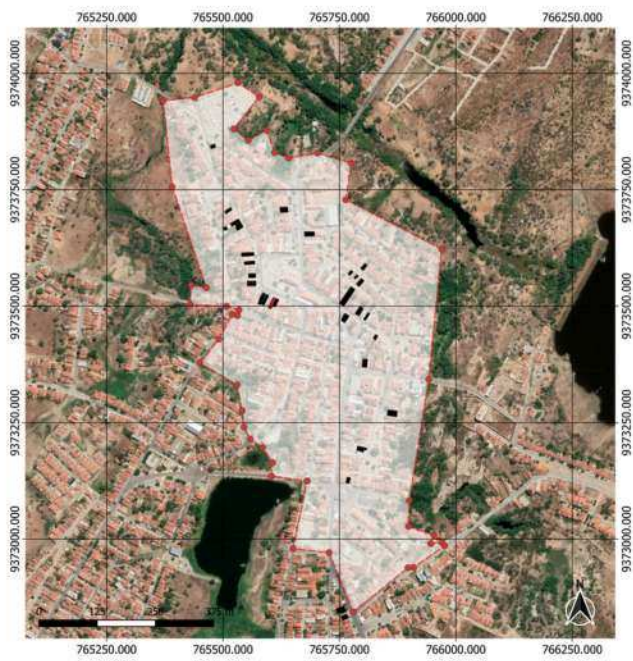
Conservação Ruim

Preservação Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

Porta e janela e platibanda mais alta do que o comum, os elementos ornamentais dão sensação de rigidez, com duas alturas, um patamar central mais alto e outros dois laterais abaixo, dois elementos espessos nas extremidades dispostos em semelhança a pilastras e um horizontal.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



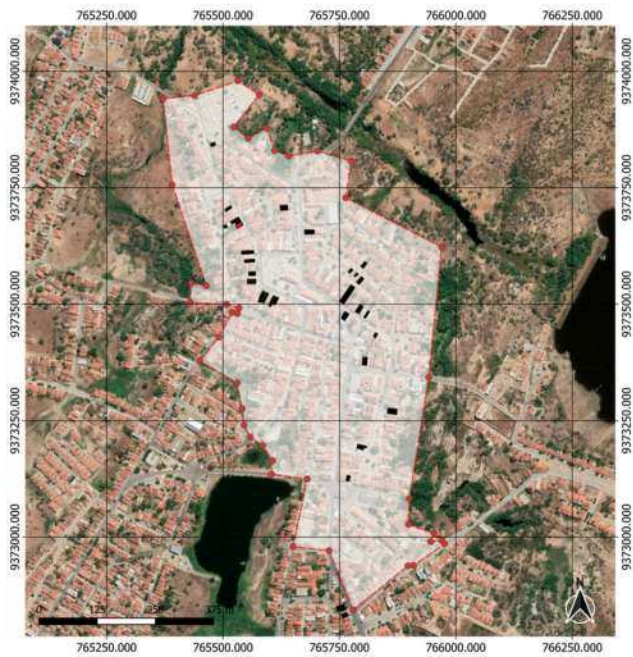
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Praça J. da Penha, 65, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765604,770 E - 9373503,930 E	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	Porta e janela, com friso marcado por três elementos geométricos, translado pelo eixo, um retângulo chanfrado e dois elementos em cruz.
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

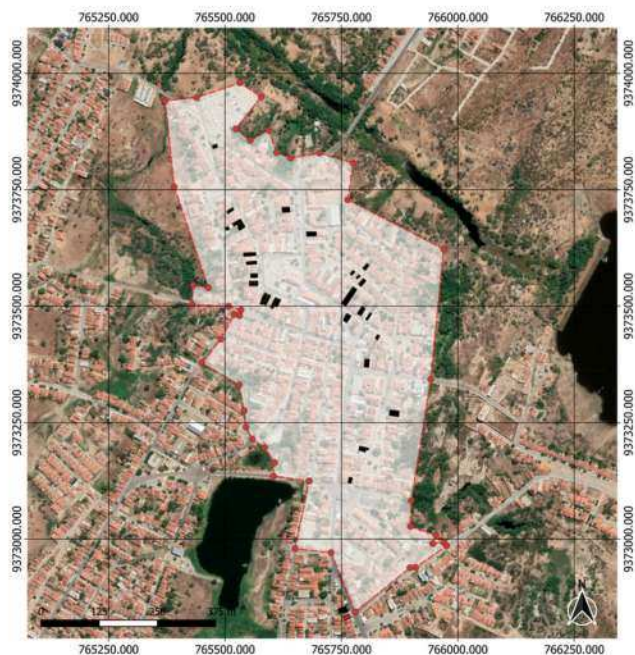
- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua José Horácio, 45, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765533,595 E - 9373667,031 N	
Período		
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Ruim	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

Meia morada, com esquadrias e encunhamento unidos por meio do ritmo da moldura. Elementos de friso disfarçados pela coloração.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
■ Área de estudo

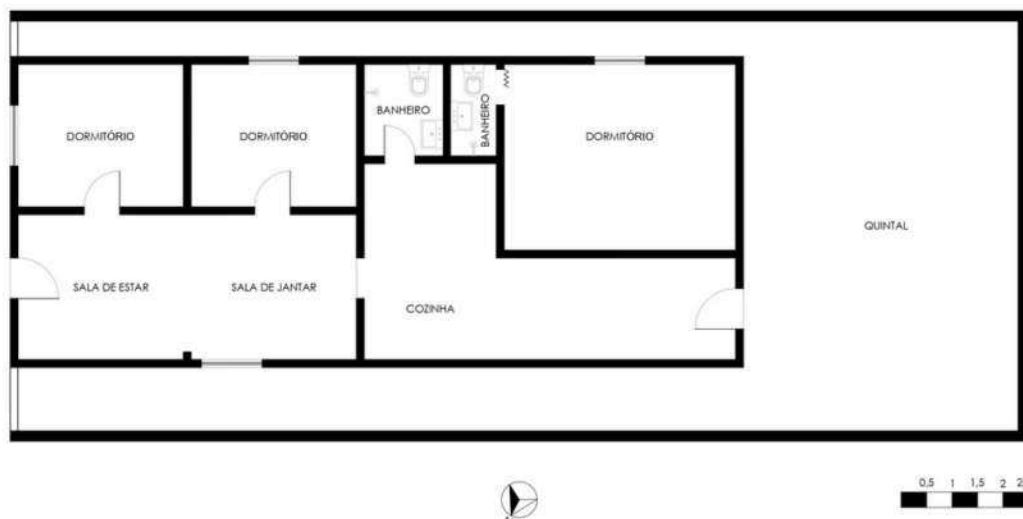
Fachada Frontal



Detalhes da cobertura e do piso



Planta baixa



Dados

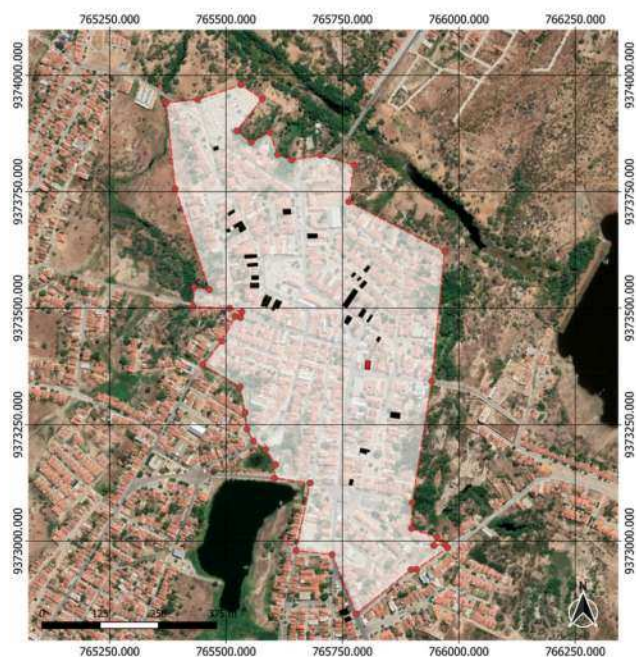
Descrição

Endereço	Rua Vicente Germano, 168, Alto do Triângulo, Angicos/RN - CEP 59515-000
Coordenadas (UTM)	765760,896 E - 9372831,982 N
Período	1930
Uso	Residencial
Implantação	Sem recuos frontal e lateral
Conservação	Bom
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

Exemplar de "porta e janela", que assume a simplicidade na platibanda por meio da assimetria de dois retângulos de alturas e larguras diferentes, contornados por linhas finas. O telhado foi reformado; cozinha e dormitório posterior são adições.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
■ Área de estudo

Fachada Frontal

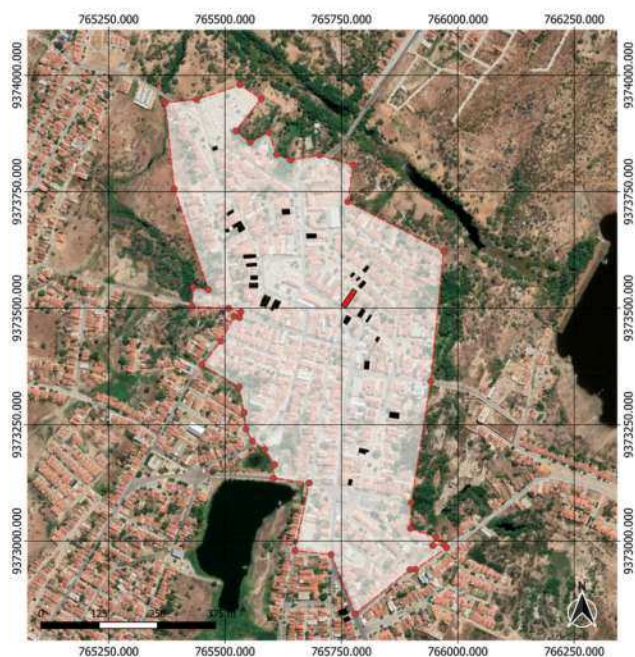


Dados		Descrição
Endereço	Rua José Rufino, 33, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765804,620 E - 9373380,530 N	
Período	1970	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Preservada	

Linha retas, pilares, paredes recuadas, mureta baixa, telhado escondido por platibanda sem adornos. É um exemplar das ideias modernistas sob a perspectiva regionalista.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

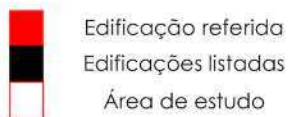
Localização da edificação



Fachada Frontal



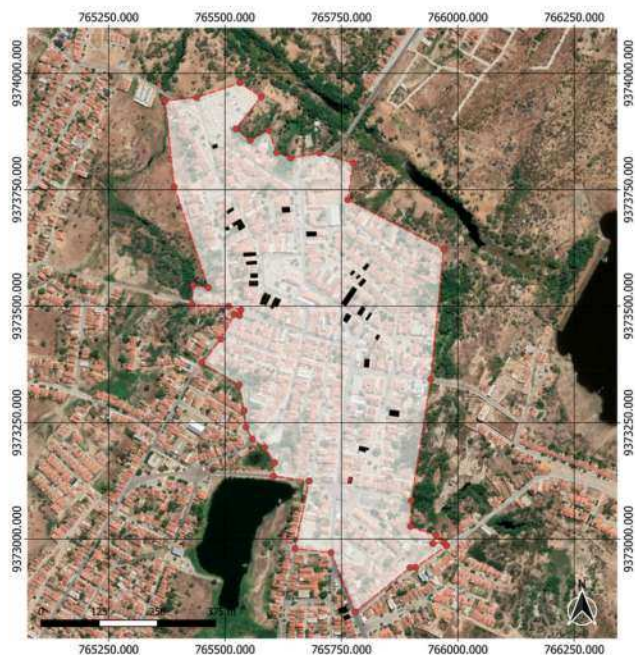
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984



Dados		Descrição
Endereço	Rua Pedro M. de Vasconcelos, 136, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	Recebeu modificações que descaracterizam parcialmente as formas da fachada, mas mantém o frontão com friso e cornija.
Coordenadas (UTM)	765762,190 E - 9373520,41 N	
Período	1900	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada modificados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

■ Edificação referida
■ Edificações listadas
 Área de estudo

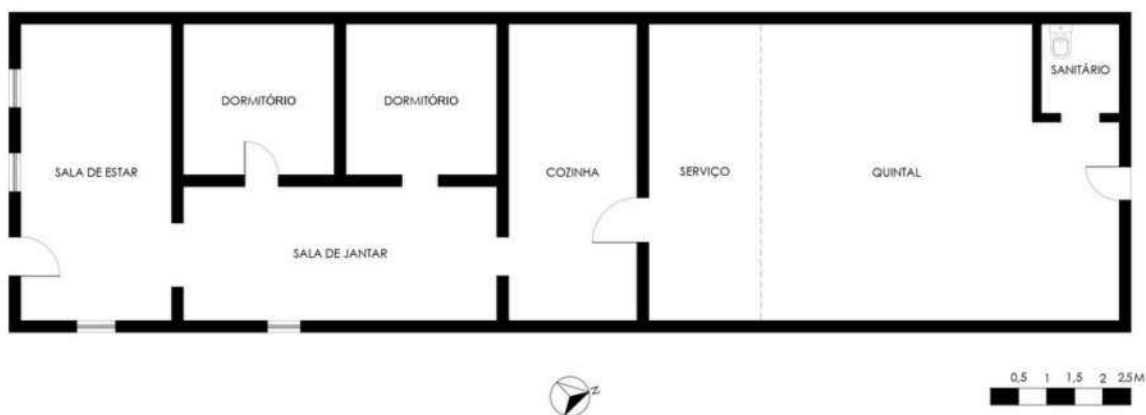
Fachada Frontal



Detalhes do piso e da parede interna



Planta baixa



Dados

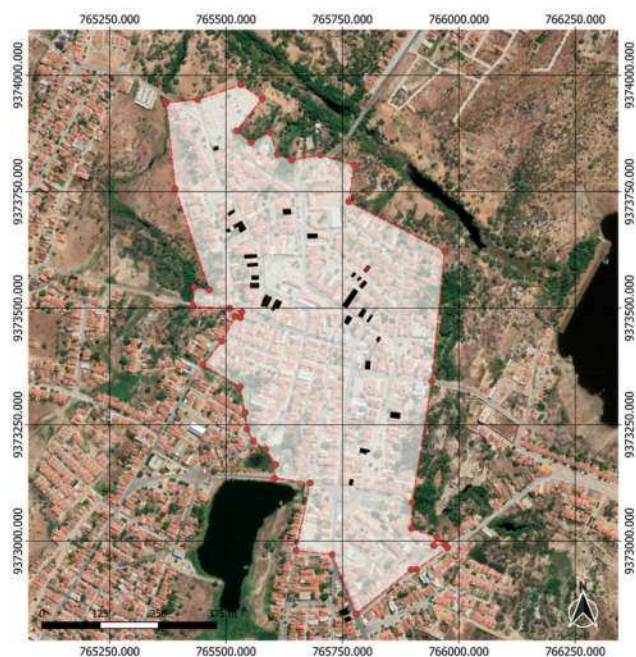
Descrição

Endereço	Rua Valdomiro Teonácio Bezerra, 21, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000
Coordenadas (UTM)	765767,644 E - 9373123,935 N
Período	1910
Uso	Residencial
Implantação	Sem recuos frontal e lateral
Conservação	Regular
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas

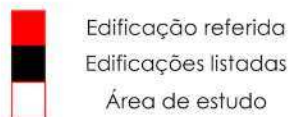
meia morada, com fachada em simetria de reflexão, em que as linhas verticais possuem semelhança com pináculos, reforçada pelo frontão triangular. O ritmo das esquadrias na sala de estar é marcado pela proporção exata. Ambientes modulares, definidos em três linhas de parede transversais e uma linha longitudinal. O banheiro permanece desanexo da edificação, isolado ao fundo do quintal.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

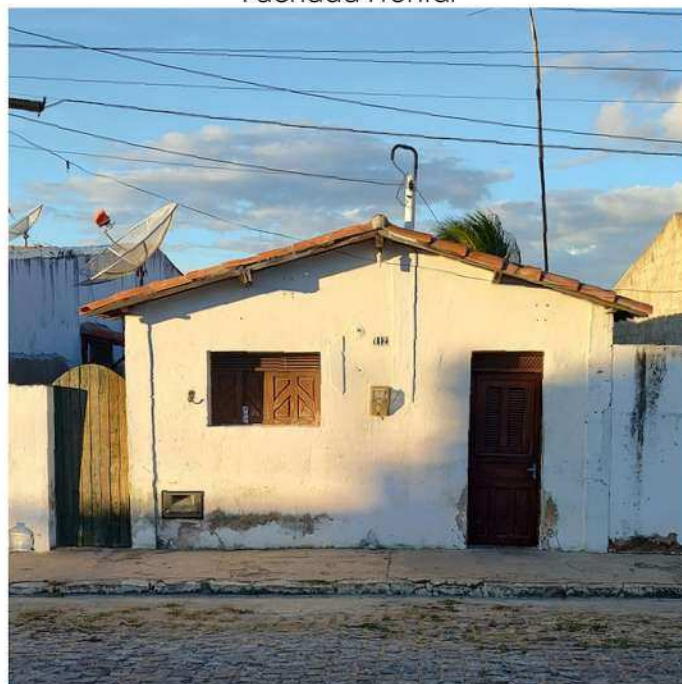
Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984



Fachada Frontal

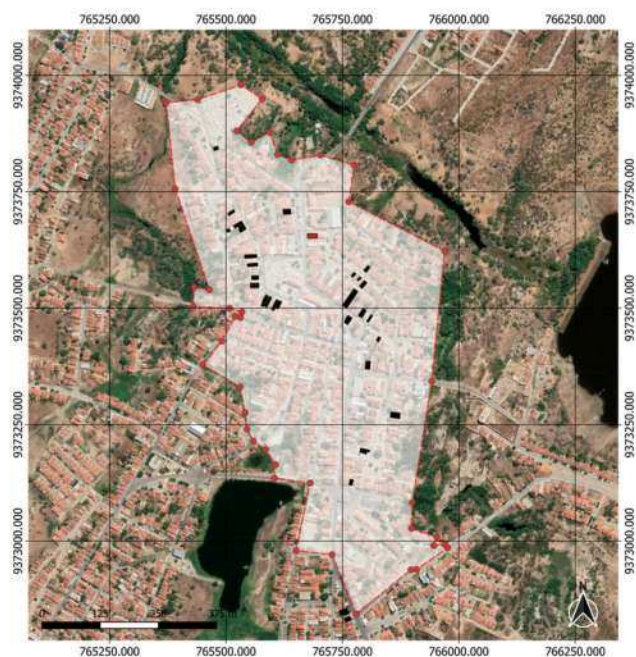


Dados		Descrição
Endereço	Rua Manoel Cosme, 112, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765801,413 E - 9373584,441 N	
Período	1970	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

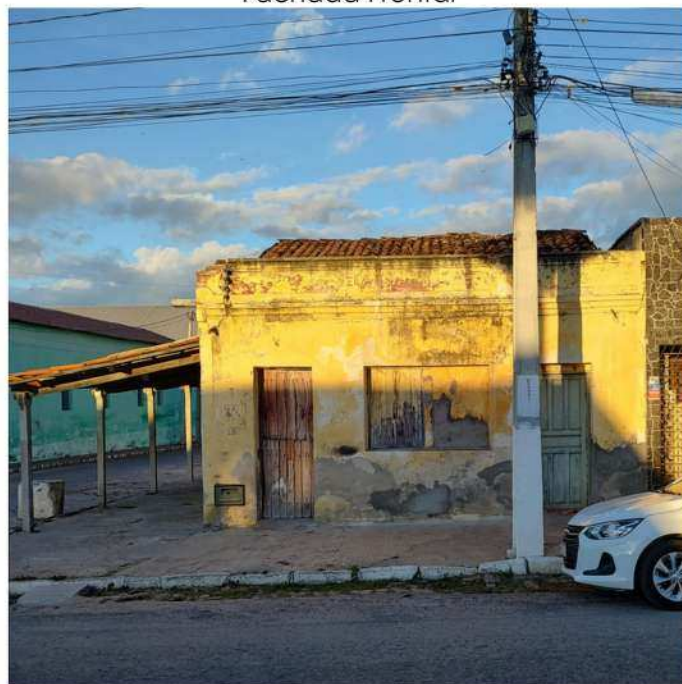
Porta e janela, implantada com recuos laterais, telhado aparente em duas águas perpendiculares à via e pé esquerdo mais baixo. Possui encunhamento nas laterais.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

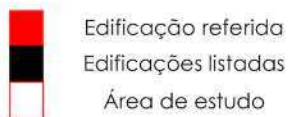
Localização da edificação



Fachada Frontal



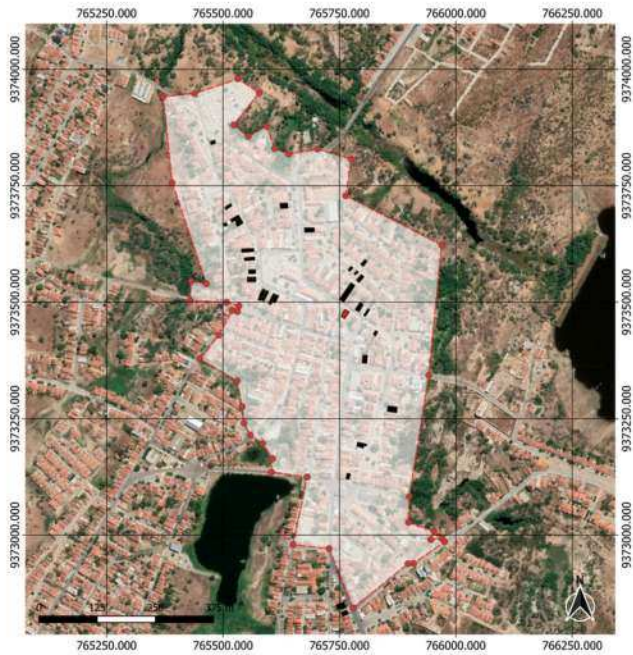
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984



Dados		Descrição
Endereço	Avenida Pedro Matos, N/A, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	Exemplar único com duas portas aos extremos e janela centralizada, de esquina. A fachada formula-se por uma linha sobressaliente no friso e geometrias no topo.
Coordenadas (UTM)	765684,060 E - 9373654,870 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Ruim	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

Edificação referida
Edificações listadas
Área de estudo

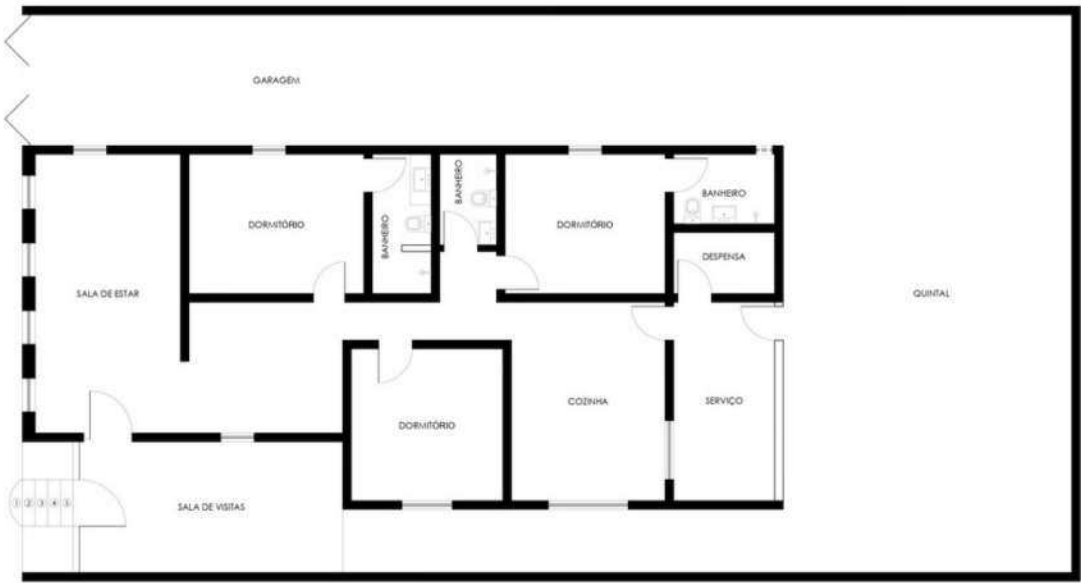
Fachada Frontal em 2024



Fachada Frontal em 2020



Planta baixa

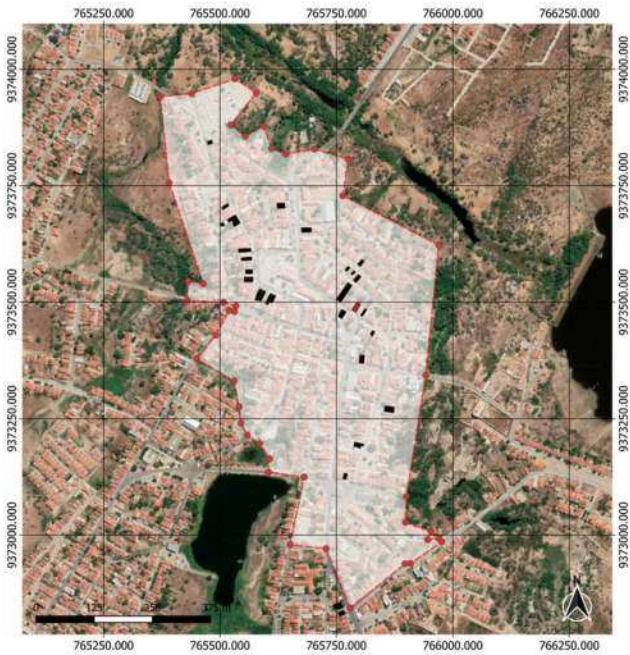


0,5 1 1,5 2 2,5M

Dados		Descrição
Endereço	Rua Pedro Moura de Vasconcelos, 18, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	O lote amplo possibilitou a implantação com recuos laterais e o acesso ao interior pela lateral que exercia a função de jardim. A fachada, desenhada por eixo de simetria de reflexão, composta por um ritmo de 4 janelas e o frontão escalonado, adornada por octógonos em diferentes proporções e linhas emolduradas no entorno das esquadrias. A mureta de acesso com pequenos vazios foi subtraída. A temporalidade das fachadas corresponde à reforma em que toda a parte interna foi reconstruída.
Coordenadas (UTM)	765759,580 E - 9373472,430 N	
Período	1890	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



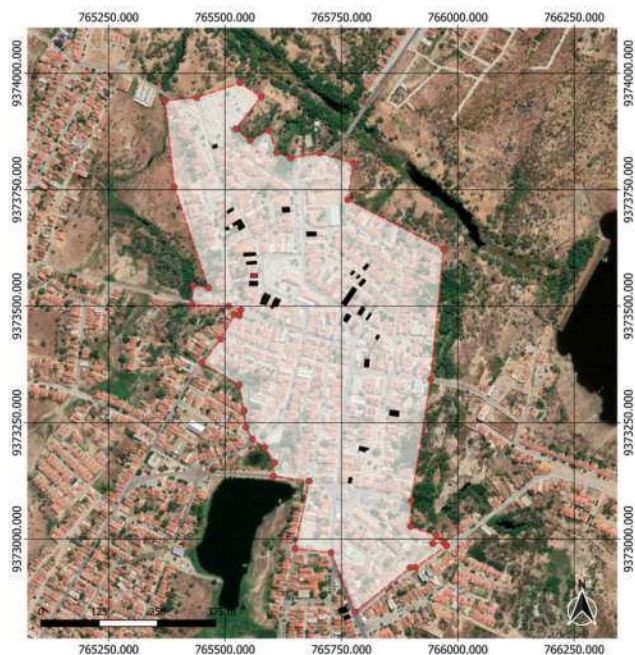
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua Pedro Moura de Vasconcelos, 86, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	Com recuos frontal e lateral, adornada por jardim e a mureta ritmada pelos balaústres, de mesmo modelo recorrente em outras edificações, que coroam a fachada com um elemento ornamental cuja inserção mantém a visualização da parte interna à externa e vice-versa, mas eleva a divisão edificada entre o passeio público e a propriedade privada. A fachada interna apresenta adornos.
Coordenadas (UTM)	765794,360 E - 9373490,720 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Regular	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

Edificação referida
 Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal

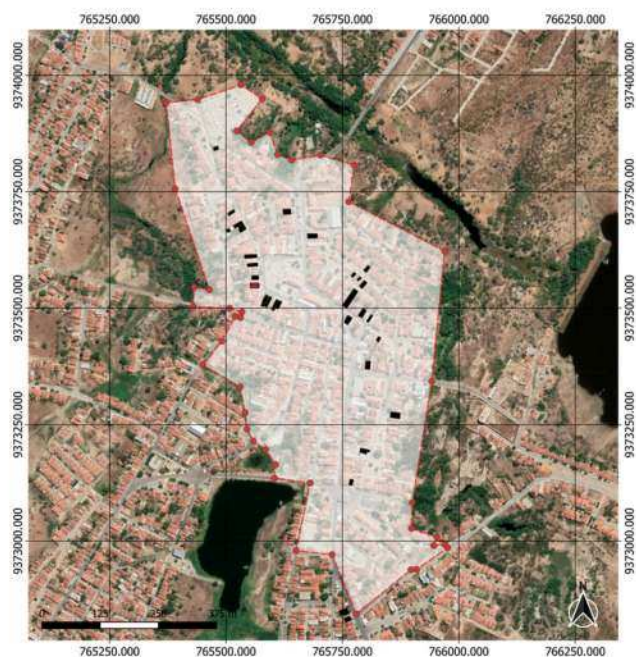


Dados		Descrição
Endereço	Praça J. da Penha, 131, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765557,697 E - 9373564,653 N	
Período	1940	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

Com recuos frontal e lateral, adornada por jardim e mureta. Molduras nas esquadrias semelhante às aplicadas em outros exemplares. O frontão possui apenas linhas horizontais.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

Edificação referida
 Edificações listadas
 Área de estudo

Fachada Frontal



Detalhes da platibanda, frisos e esquadria

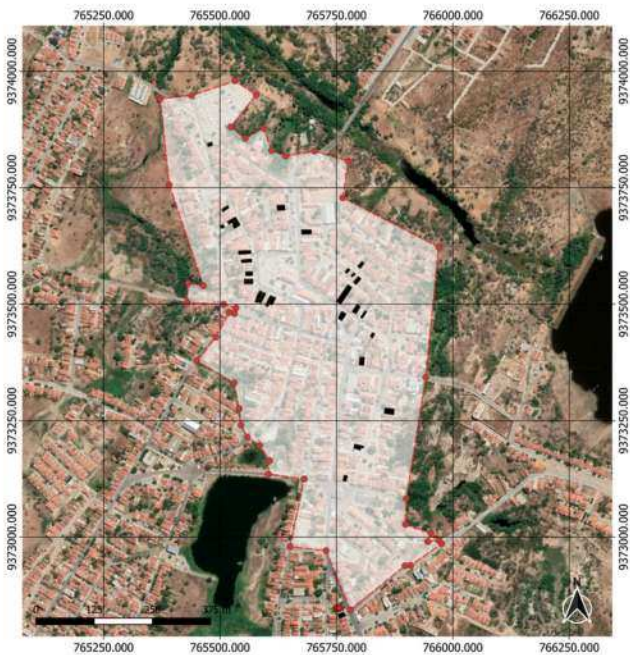


Dados		Descrição
Endereço	Praça J. da Penha, 119, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765563,374 E - 9373550,931 N	
Período	-	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Regular	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

"Gêmeas", as edificações constituem-se por porta e janela rebatidas em simetria de reflexão, com os elementos de fachadas unificados.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



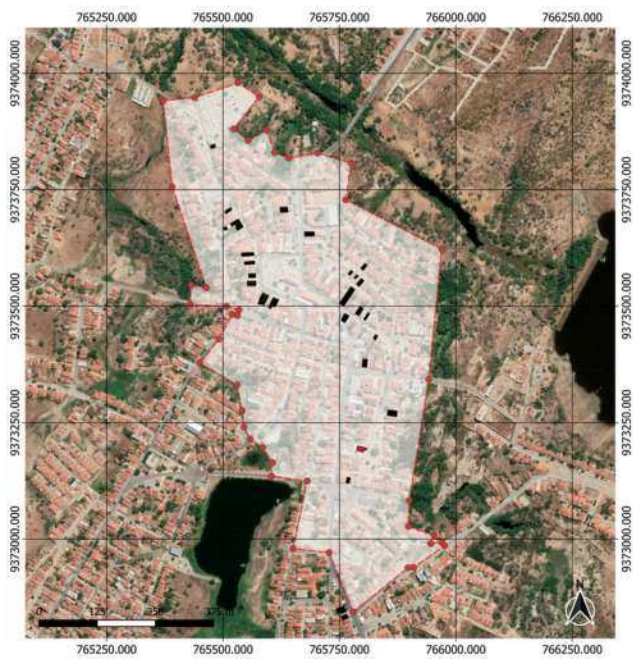
Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua Vicente Germano, N/A, Alto do Triângulo, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765749,380 E - 9372848,494 N	Com recuos frontal e lateral, adornada por jardim e a mureta ritmada pelos balaústres que coroam a fachada com um elemento ornamental cuja inserção mantém a visualização da parte interna à externa e vice-versa, mas eleva a divisão edificada entre o passeio público e a propriedade privada.
Período	1980	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Regular	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

Localização da edificação



Fachada Frontal



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984

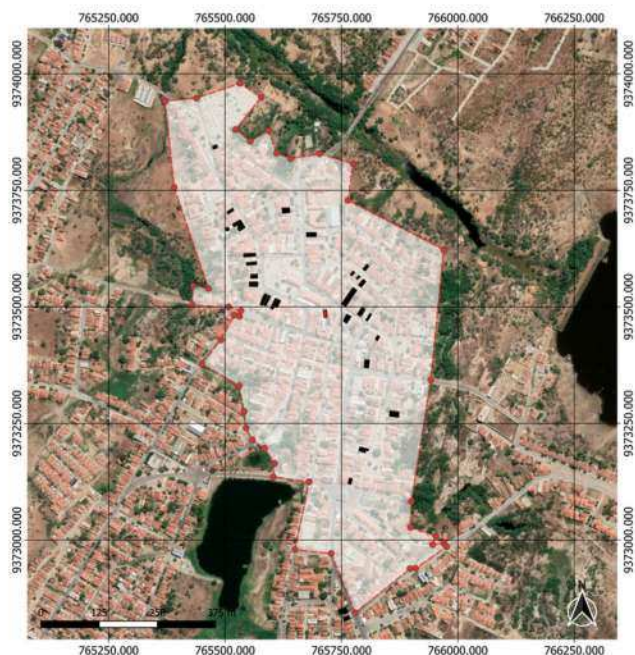
- Edificação referida
- Edificações listadas
- Área de estudo

Dados		Descrição
Endereço	Rua São José, 325, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765795,801 E - 9373196,177 N	
Período	1980	
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

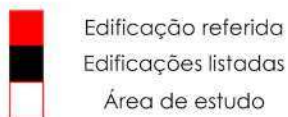
Com recuos frontal e lateral, adornada por jardim e a mureta ritmada pelos balaústres de mesmo modelo. Possui molduras na fachada interna, acesso de garagem e telhado com quatro águas.

FICHA DE CATALOGAÇÃO DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

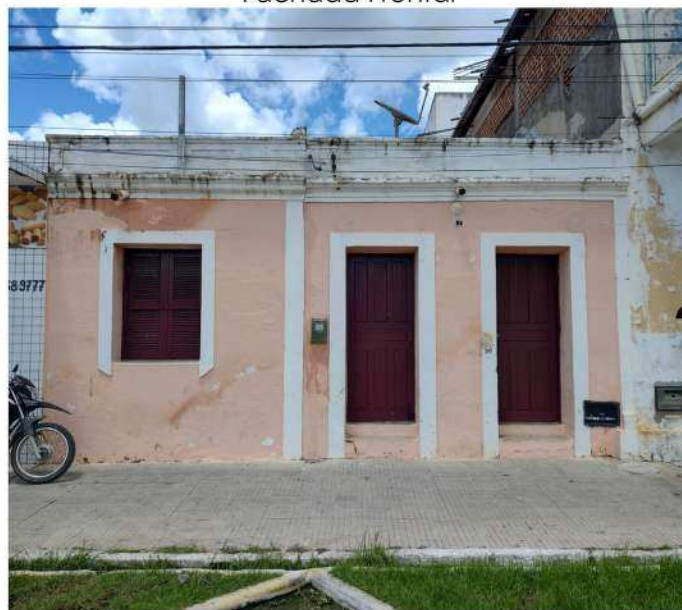
Localização da edificação



Sistema de projeção: UTM zona 24 S
(SIRGAS 2000) - EPSG: 31984



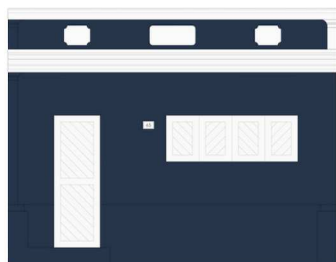
Fachada Frontal



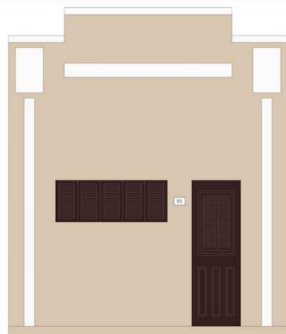
Dados		Descrição
Endereço	Rua Prefeito Espedito Alves, 07, Centro, Angicos/RN - CEP 59515-000	
Coordenadas (UTM)	765714,022 E - 9373485,793 N	
Período	1920	Exemplar único com duas portas ladeadas e apenas uma janela, as esquadrias são ornamentadas por molduras e eixo é dividido por um elemento que se assemelha a uma pilastra, com capitel e friso.
Uso	Residencial	
Implantação	Sem recuos frontal e lateral	
Conservação	Bom	
Preservação	Elementos de fachada preservados, esquadrias alteradas	

ILUSTRAÇÕES DE EDIFICAÇÕES EM ANGICOS/RN

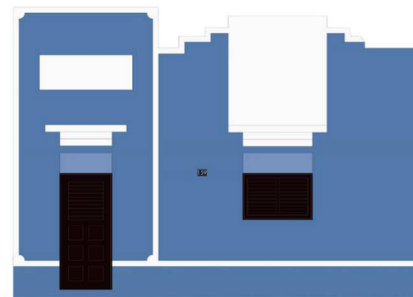
Residência 65, Praça Capitão José da Penha



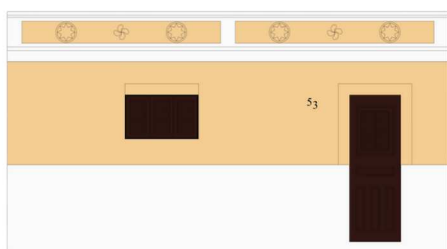
Residência 85, Praça Capitão José da Penha



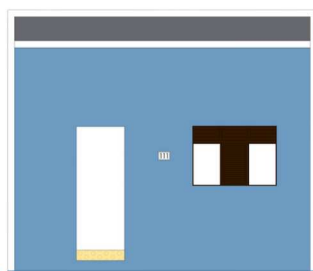
Residência 159, Praça capitão José da Penha



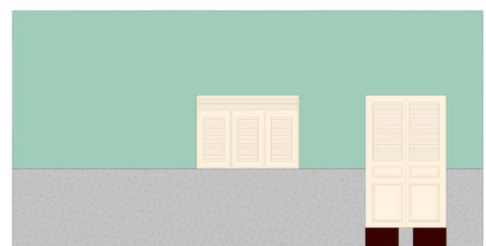
Residência 53, Rua José Horácio



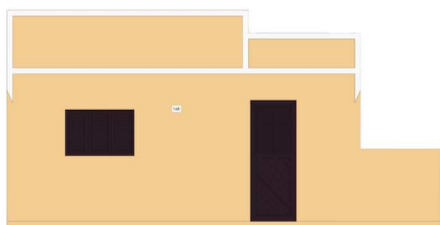
Residência 111, Rua Manoel Cosme



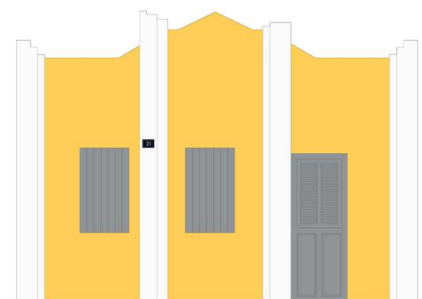
Residência 119, Rua José Horácio



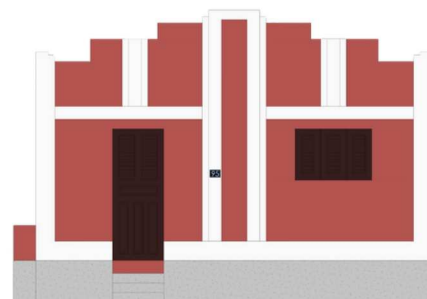
Residência 168, Rua Vicente Germano Guilherme



Residência 21, Rua Valdomiro Teonácio Bezerra



Residência 95, Rua Manoel Cosme



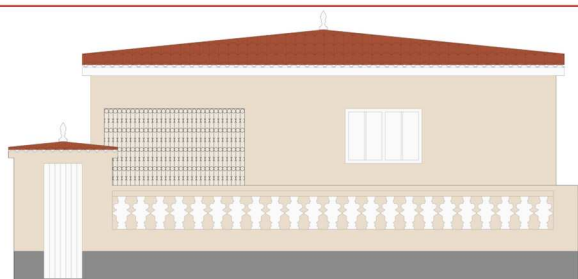
Residência 07, Rua Prefeito Espedito Alves



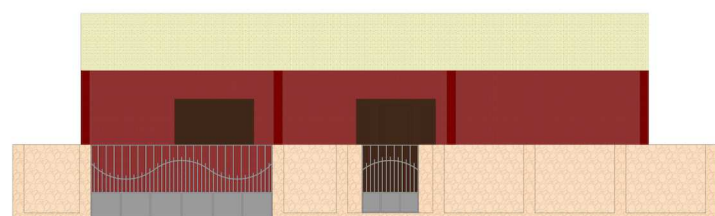
Residência 59, Praça Capitão José da Penha



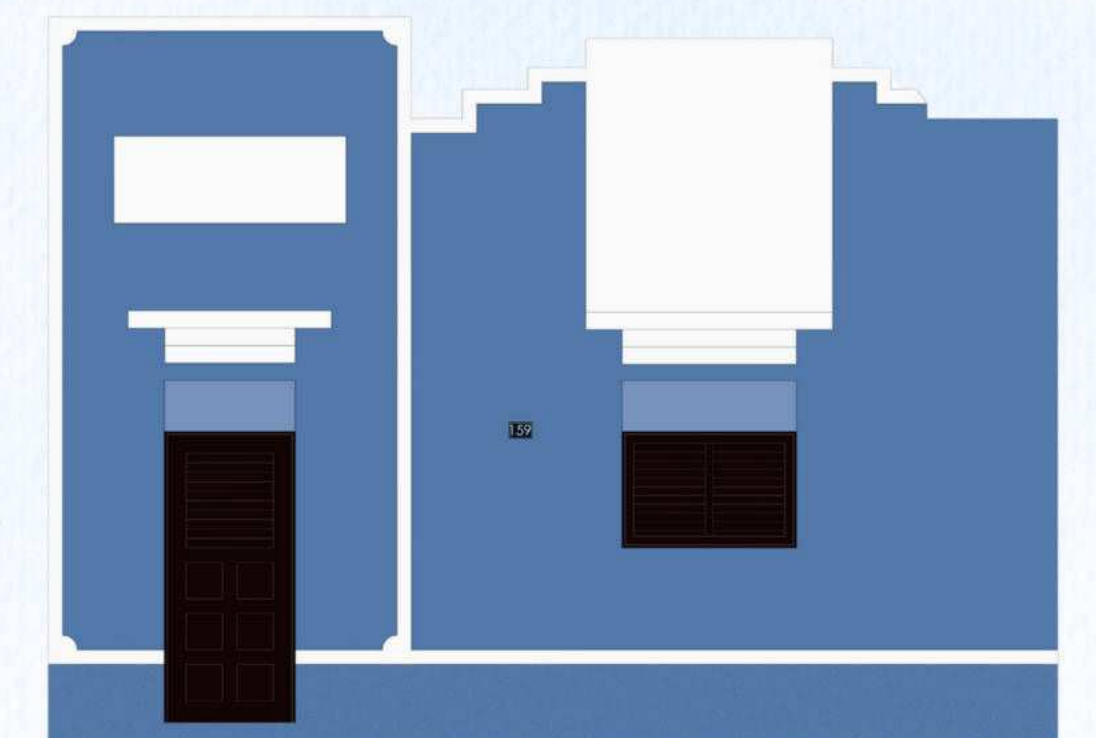
Residência 247, Rua São José



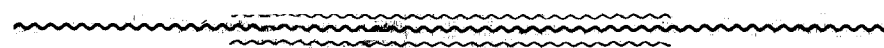
Residência 163, Avenida Pedro Matos



ANEXOS



RECENSEAMENTO DO BRAZIL EM 1872



RIO GRANDE DO NORTE

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

QUADRO GERAL DA POPULAÇÃO DA PAROCHIA DE S. JOSÉ DOS ANGICOS

CONDIÇÕES	SEXOS	ALMAS	Raças				Estados civis			Religião		Nacionalidades		Instrução				Defeitos phisicos					Casas		Fogos			
			Branços	Pardos	Pretos	Caboclos	Solteiros	Casados	Viuvos	Catholicos	Acatolicos	Brasileiros	Estrangeiros	Sabem ler e escrever	Analphabetos	População escolar de 6 a 15 annos			Cegos	Surdo-mudos	Aleijados	Dementes	Alienados	Ausentes		Transeuntes	Habitadas	Deshabitadas
																Frequentão escolas	Não frequentão escolas	Total										
Livres	Homens....	2416	1132	845	96	43	1716	632	68	2416		2413	3	366	2050	59	591	653	5	3	4	3		16	25	778	48	830
	Mulheres....	2225	1331	765	87	42	1501	632	89	2225		2222	3	181	2044	36	515	551	4	3	1		1	21				
	Somma....	4641	2763	1610	183	85	3220	1264	157	4641		4635	6	547	4094	95	1109	1204	9	6	5	3		29	49			
Escravos	Homens....	250		162	88		228	21	1	250		248	2		250									9		778	48	830
	Mulheres....	269		199	70		252	15	2	269		266	3		269				1					8				
	Somma....	519		361	158		480	36	3	519		514	5		519				1					17				
Somma geral.		5160	2763	1971	341	85	3700	1300	160	5160		5149	11	547	4613	95	1109	1204	10	6	5	3	1	46	49	778	48	830

Parochia de S. José dos Angicos

Sexos	Condições	Raças	População considerada em relação ás idades. Presentes. (População de facto)																				TOTAES								Ausentes (população accidental- mente)	Transeuntes (população fluctuante)	População legal																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
			Mezes											Annos completos					Quinquennios				Decennios						Maiores de 100	Não determina- das			das Raças				das Condições		dos Sexos	Condições	Sexos	Condições	Sexos																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																						
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	1	2	3	4	5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80					81 a 90	91 a 100	Brancos	Pardos	Pretos	Caboclos						Livres	Escravos	Homens	Mulheres																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
HOMENS	LIVRES.....	Branços ..	4	7	3	12	5	2	4	6	9	7	8	41	49	45	43	48	200	183	176	106	112	148	88	50	27	16		2			1421	840	96	2400	16	25	2391	2641																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																									
		Pardos ..																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																															
	ESCRAVOS....	Pretos ..																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																															

Parochia de S. José dos Angicos

Sexos	Condições	Raças	População ausente considerada em relação ás idades.																												TOTAES																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																			
			Mezes											Annos completos					Quinquennios					Decennios							Maiores de 100	Não determinadas	das Raças				das Condições		dos Sexos																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																											
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	1	2	3	4	5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 25	26 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80	81 a 90	91 a 100			Branços	Pardos	Pretos	Caboclos	Livres	Escravos	Homens	Mulheres																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																										
HOMENS	LIVRES.....	Branços.....																			1			2	3																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																									

Parochia de S. José dos Angicos

[illegible]

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE
PAROCHIA DE S. JOSÉ DOS ANCIOS

População considerada em relação às profissões.

População considerada em relação às profissões.										TOTAIS															
Nacionalidades		Condições		Sexos		Estados civis																			
Brasileiros		Estrangeiros		LIVRES		ESCRAVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS	
LIVRES		MULHERES		HOMENS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		HOMENS		MULHERES		LIVRES		ESCRAVOS		BRASILEIROS		ESTRANGEIROS			
SOLTEIROS		CASADOS		VIUVOS		SOLTEIROS		CASADOS																	

DESCRIÇÃO do município de Angicos-Rn, 1881. Manuscrito da Fundação da Biblioteca Nacional. Localizador: I - 31, 17, 36. Transcrição: Esdras Arraes.

Ilmo. Snr.

A Camara Municipal da Villa de São José de Angicos, da Província do Rio Grande do Norte, a quem por intermedio do Exmo. Snr. Presidenta da Provincia, foi presente o Officio de V.Sa., datado de 2 de janeiro proximo passado, que acompanhou o exemplar do questionario organizado pela Bibliotheca Nacional, estabelecida em a capital do Imperio, para esclarecimento de assumptos concernentes à historia e eographia do Paiz; tomando na mais devida consideração, prestar informações fidedignas e minunciosas sobre as circumnstancias Topographicas, e historias déste Municipio, como lhe cumpre, attento as reconhecidas vantagens que offerece um trabalho de tantamagnetude, como este de que se trata, procurou atender aquellas informações de pessoas idoneas desta localidade, a fim de que no devido tempo podesse as mesmas char-se no Rio de Janeiro, em resposta dada ao questionario alludido, como effectivamente o faz esta Camara com a maior satisfação, na presente sessão, passando incluso neste as mãos de V.Sa. a referida resposta, que com a precisa exacção foi organizada, de conformidade com os dados que obteve, e offerece o resumido historico deste Mucnicipio.

A Camara Municipal desta villa, agradecendo as honrosasexpressões com que V. Sa. Se dignou honra-la, aproveita a occasião, não só para pedir desculpa das fallas, que por ventura possão ser encontradas no trabalho que lhe foi confiado, como para apresentar a V. Sa. Os protestos de sua estima e elevada consideração.

Deos guarde a V. Sa.

Paço da Camara Municipal da Villa de São José dos Angicos, em sessão extraordinaria de 2 de Maio de 1881.

Illmo. Snr. Dor. Benjamim Franselim Ramiz Galvão, M. D. Bibliotecario da Nacional do Rio de Janeiro.

Manoel Fernandes da Rocha Beserra, Presidente

José Avelino Martins Besera, Viriador

José Mathias [?], viriador

Trajano [?] da Costa, viriador

Manoel Paulino da Costa Pinheiro, Viriador

RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO

PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

COMARCA DE MACAU

DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE ANGICOS

ASPECTOS GERAIS

O aspecto visual é alegre, se bem que não seja nivelado; do lado norte se compõe de ariscos, cujas terras tem a propriedade agrícola e pertencem ao Estado: assim como dos lados do Leste, Oeste e Sul é composta de pedregosos taboleiros.

MAR E PORTOS

(...)

ILHAS

(...)

SERRAS

O pico do Cabogí, o mais considerado da Província, por sua elevação; a Serra do Bonfim ou Fuzis, e Serra Verde que são agrícolas, a Serra da Manissoba, Serra de Santa Rosa e Serra do Lombo menos notáveis que fazem igualmente parte do Município.

RIOS

Com a denominação de rios, que só contem agoa durante a estação invernosa, taes são os chamados rios Patachó, rio do Amargoso, e rio do Cearámerim; os quaes nascendo nas quebradas das serras denominadas = Santa Rosa = atravessão o Municipio, isto é, o primeiro vai desembocar no fallado rio Assú; o segundo desemboca no porto da Cidade de Macau; e o terceiro no porto denominado = Praia de Genipabú.

Quanto a Lagoas nenhuã ha digna de menção.

SALUBRIDADE

O municipio é geralmente salubre.

MINERAES

Os mineraes mais usuaes são = a pedra de construcção, e barro de Olaria; constando tbem que ha o ferro no Pico do cabogí, assim como pedra Calcarea, da melhor qualidade, em abundancia nos suburbios desta Villa.

MADEIRAS

Ha differentes especies de madeiras de construcção e marcenaria, que apesar de não serem consideradas de maior importancia; todavia tem sua serventia para os fins acima mencionados. As principaes são: a Carnauba, Aroeira, Angico, Comarú, Jucá, Caraúba, Pereiro e Imborana.

FRUCTAS SILVESTRES

Cajju, Goiaba, Pinha, Maracujá, Umary, Pitomba, Carnauba e Quixaba. Destas algumas cultivadas.

ANIMAES SILVESTRES

Caititú, veado-garapú, preás, onças de diversas espécies, gato do Matto e rapôsa.

Quanto as aves encontram-se nos campos a ema, jacú, inhambú, papagaio, rabação e periquito, os quais muito prejudicam as lavouras. As aves contoras são: o sabiá, o canário, caruna, corrução e gallo de campina. As abelhas fornecem excellente mel, taes são a jandahira, papaterra, canúdo e o arapuá, a par destes insectos outros ha, como a lagarta sempre prejudicial as plantações.

Nos denominados rios e açudes, se pesca corimatã, trahira e outras especies de peixe, chamado d'agoa doce.

HISTORIA

Esta villa de São José dos Angicos, foi primeiramente uma fazenda de criar gados pertencente ao abastado proprietario Tenente Antonio Lopes Viegas, cujo nome de Angicos tirou de uma porção de árvores do mesmo nome que n'aquelle tempo existia na circunferencia do Olho d'Água que se acha encravado no riacho denominado = Olho d'Agoa = poucos metros abaixo da mesma Villa.

Observa-se que o referido tenente Antonio Lopes Viegas casou-se em uma familia denominada = Costa Xavier = sendo Elle d'outra familia, cuja ramificação era = Dias Machado =. Pelo correr dos tempos, isto é, em 1813, lembrando-se de um filho do sobredito teenente Lopes, com a mais familia, de edificar uma Capella, que consumarão-a em breves tempos, a fim de celebrarem quando necessario os officios divinos.

Em 1816, achando-se no Rio de Janeiro, o Tenente Coronel José Correia d'Araujo Furtado, requereu em nome dos Angicanos, ao Ministro do Reino, naquella epocha, ser a mesma Capella elevada a Freguesia Parochial, como ponto central, cuja supplica mandou o Ministro, não só informar ao vigario da Freguesia do Assú, a que pertencia, como á respectiva Camara, hoje Municipal, informando esta a favor d'Angicos, e Aquelle, por despeito da favor de Sant'Anna do Upanema, actualmente Villa do Triumpho. Com semelhantes informações, seguiu para Corte o Fundador da capella = Tenente Antonio Lopes Viegas Filho, que chegando ali, ficou infelizmente maniaco, encontrando o reverendo padre João Theotonio de Souza e Silva, que lhe disse procurar a Freguesia de Angicos, e vir nella collado, recebendo por isso os mesmo papeis.

O ministro deferindo favoravelmente a supplica, collou ao referido padre João Theotonio, trazendo a sua Provisão á Comissão de diclarar a séde da matriz, em um dos dois lugares qual delles fosse o mais central = Angicos = ou Sant'Anna = sem traser a clausula do Upanema.

Em 1824, chegando o mencionado vigario João Theotonio a Sant'Anna do Mattos, que não fez parte das informações ahi a empenhos declarou a séde da Freguezia, ficando a Capella desta Villa, filial áquella, assim como a de Guamaré.

Pelo correr do anno de 1834, o Conselho de Provincia propôs ao Governo Geral a criação de cinco Villas, e este aprovando ordenou ao Presidente que então era o finado Manoel Lôbo de Miranda Henrique, de saudosa memoria, a criação das mesmas em Conselho do Governo, foi nesta occasião elevada esta Povoação á Villa, ainda assim com o voto de qualidade d'aquelle destinto Presidente, por que três conselheiros votarão para Snat'Anna do Mattos, e dois para Angicosm sendo nesta occasião o sobredito Presidente Lôbo orientado de todo o occorrido pelo conselheiro José Fernandes Carrilho, que unido ao conselheiro finado Capitão Mor André d'Albuquerque Maranhão votarão para = Angicos=.

Similhante acto dejustiça, desafiou as iras doo finado Vigario João Theotonio de Souza e Silva, que em virtude do Acto Adicional de 12 d'Agosto de 1834, foi Elle eleito membro á Assembleia Provincial, e em sua reunião em 1835 pôde suprimir a mesma Villa por Lei Provincial nº 26, de 28 de Março de 1835.

Nesta epocha correrão os negocios tão agitados, que por pouco esteve a ponto de tremular o Estandarte sangrento da guerra civil, e tomando conta da Presidencia a Conselheiro João José Ferreira d'Aguiar, e reunindo-se a mesma Assembleia, em sua Falla d'abertura, nada deixou a desejar; mostrando a inconveniencia de similhante Lei, toda caprichosa e até odiosa.

Com effeito a referida Assembleia meditando á revogou, instaurando esta Villa, como fez pella Resolução Provincial nº 9, de 13 de Outubro de 1836.

Ainda no anno de 1847, soffreu esta Villa, uma supressão, toda caprichisa que teve lugar sob a influencia do finado Coronel Jeronimo Cabral Pereira de Macêdo; sendo a mesma instaurada pela segunda vêz em 1850, em cuja categoria ainda permanece.

TOPOGRAFIA

Esta villa está situada à margem esquerda do Rio Pata-Chó, nome de antiga tribu de índios, que pararão por estes sertões. A Villa occupa a maior parte de um terreno plano e arenôso de 800 metros em quadro.

Consta-se duas pequenas ruas, largas e bem arejadas, e mais três alinhamentos de boas casas que formão o Adro da Matriz, bonito e decente edifício. Ao Nordeste confronte a mesma acha-se a Cadeia Publica ainda em obra, tendo bôa sala livre, onde funciona a Camara Municipal. Ao Sueste, no mesmo quadro, está a Casa do Commercio edificada ultimamente as espessas dos socorros públicos, que embora não concluida, de muito tem servido - não só para comido dos viajantes, como aos negociantes do lugar e seus subúrbios. Ao Levante vê-se o alto e majestoso - Pico do Cabugi - que semelhante ao antigo Telegrapho óptico nos annuncia as chuvas pelos cúmulos de nuvens em sua mais elevada extremidade, onde por singularidade, com difficuldade, foi collocado um poste com o respectivo pararia. Ao Leste septentrião e occidente observão-se diversos serrotes de granito que conccorre ao longe para formar-se da pequena formar-se da pequena Villa mais avultada ideia.

Do centro da situação observão-se tbem diversas casas de telhas, dos maiores Altos Monte Alegre, Favella, Espírito Santo, Coração de Jesus e Fazenda Nova, propriedades e benfeitorias dos mais abastados do lugar. Finalmente ao Oeste 100 metros das ultimas casas, encontra-se o açude do glorioso senhor São José padroeiro da freguesia, edificado pelo reverendo Ibiapina, nas missões de 1862, obra actualmente em ruínas, que serve apenas de conservar a frescura do terreno, útil aos plantadores de vasantes.

POPULAÇÃO

Segundo o ultimo recenseamento , consta a população livre de 5:500 almas, e a escrava de 180. Desta população apenas hábito a Villa 300 almas, comprehendidos 13 escravos.

AGRICULTURA

Lavoura. Consiste na cultura de mandioca, algodão, milho, arroz, feijão, melão e melancia, além de diversos legumes.

Criação. A grande criação consiste em gado vaccum, cavallar, lanigero e cabrum. A pequena criação limita-se a aves domesticas.

INDUSTRIA FABRIL

A industria fabril é de pouca importancia actualmente, consistindo apenas em pouca farinha de mandioca, obras de olaria, como sejam louças de barro, telhas e tijolo de alvenaria: ha tbem tecidos grossos d'algodão.

COMMERCIO

A exportação é pouca e limita-se ao algodão e gado vaccum, devido esta escacez dos effeitos da calamitosa secca de 1877 a 1879. A importação tbem é de nenhuma importancia, limitando-se a pequena negociação de mulhados e fazendas.

INSTRUCÇÃO

Para a instrucção primaria ha duas escholas, sendo uma do sexo masculino, criada por Resolução Provincial no annmo de 1833; e uma do sexo feminino criada por Lei Provincial nº 497, de 4 de Maio de 1860.

DIVISÃO ECCLESIASTICA

Pertence este Municipio a Diocese de Olinda, e contem uma só Parochia denominada = São José dos Angicos = a qual desmembrada da de Sant'Anna do Mattos foi criada por Resolução Provincial no anno de 1836, e tem sido administrada por três Vigarios dois Encommendados e um Collado = os Reverendos Manoel Antonio dos Santos Moraes Pereira Leitão, Manoel Januario Besêrra Cavalcater, e Felis Alves de Sousa = pelo primeiro de 1836-1839; pelo segundo de 1839-1844; pelo terceiro finalmente de 1844 até o presente.

OBRAS PUBLICAS

Paço da Camara Municipal, a Caza do Commercio e o Cimiterio.

CURIOSIDADES NATURAES

(...)

DISTANCIAS

Dista esta Villa da capital da Provincia 42 legoas.

As distancias ás villas e cidades dos Municipios confinantes são as seguintes: Á Villa de Sant'Anna do Mattos, 8 legoas, ao Sudoeste. Á cidade do Assú, 8 legoas ao Norueste. Á cidade de Macau, 14 legoas poucos grãos abaixo do Norte.

Paço da Camara Municipal da Villa d'Angicos, em sessão extraordinaria de 2 de maio de 1881.

Manoel Fernandes da Rocha Beserra, Presidente

José Avelino Martins Besera, Viriador

José Mathias [?], viriador

Trajano [?] da Costa, viriador

Manoel Paulino da Costa Pinheiro, Viriador

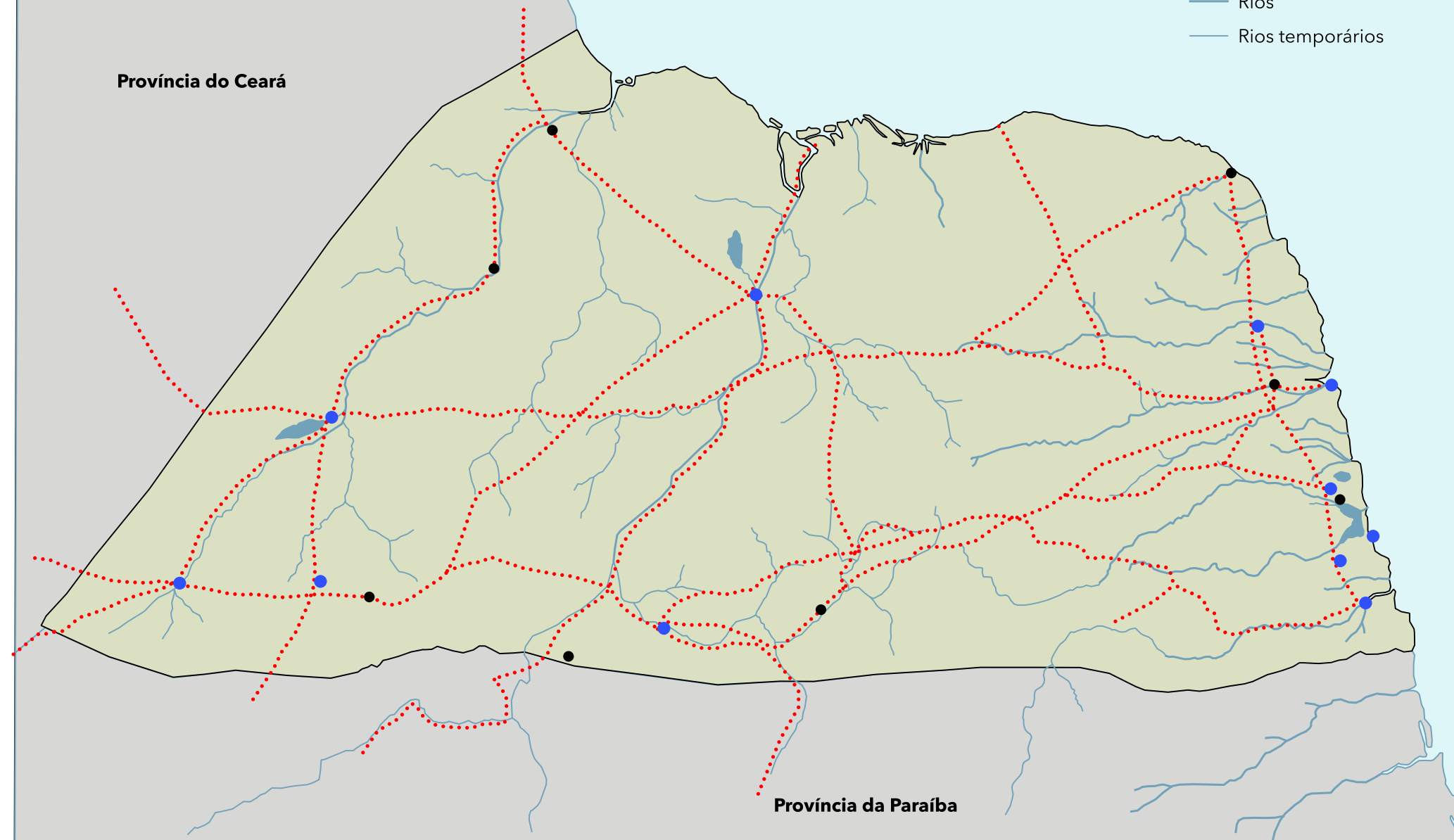
Rede eclesiástica (1599-1800)

- Capelas filiais
- Freguesias
- Caminhos
- Rios
- Rios temporários

Oceano Atlântico

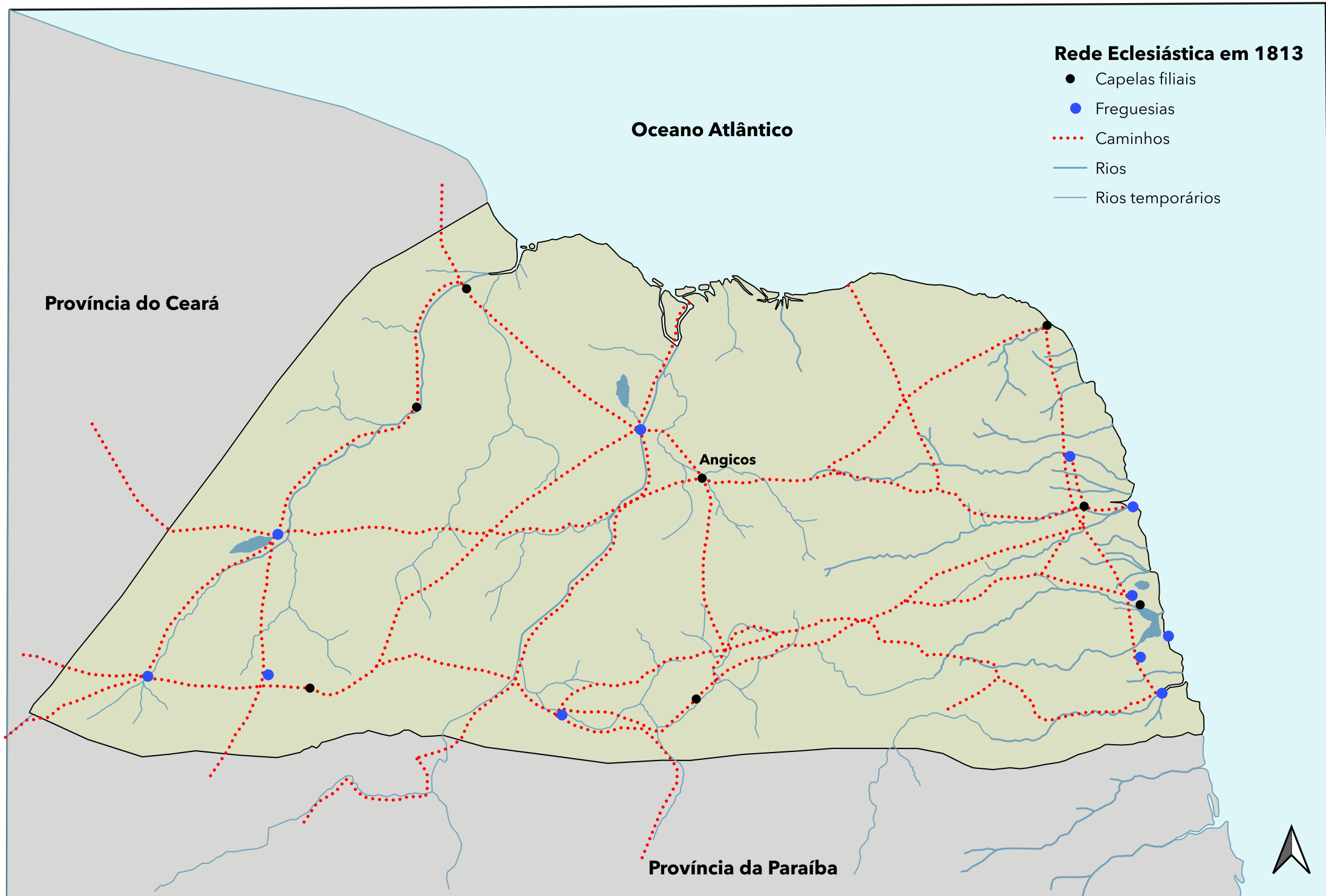
Província do Ceará

Província da Paraíba



Rede Eclesiástica em 1813

- Capelas filiais
- Freguesias
- Caminhos
- Rios
- Rios temporários



Rede Eclesiástica em 1850

- Capelas filiais
- Freguesias
- Caminhos
- Rios
- Rios temporários

Oceano Atlântico

Província do Ceará

Angicos

Província da Paraíba



Rede Eclesiástica em 1900

- Capelas filiais
- Freguesias
- Caminhos
- Rios
- Rios temporários

Oceano Atlântico

Estado do Ceará

Vila de Angicos

Estado da Paraíba



775.5
2 M

CLUB DE ENGENHARIA
Nº 53/2
1.1.19/1906
ESBOÇO
D'UM

MAPPA DA PROVINCIA

Rio Grande do Norte

apresentado
Ao Ex^{ma} Snr Presidente da Provincia
Dr. ANTONIO FRANCISCO PEREIRA DE CARVALHO

Pelo Engenheiro
John D. Morant Assoc. M. Inst. C.E. F.R.G.S. (Londres)

1887

SIGNAES CONVENCIONADOS

- ⊙ CAPITAL
- CIDADE
- VILLA SEDE DE MUNICIPIO
- VILLA
- Povoação
- Caminho
- Estrada de Ferro construida
- " " projectada
- (—) Altura em metros acima do nivel do Mar

Escala de 0^{ma} 0015 = 1 Kilometro



6° E. do Meridiano do Rio de Janeiro

CLUB DE ENGENHARIA
Nº 53/2

Art. 1. Fica desmembrada da Matriz de Santa Anna do Mattos, e elevada a Igreja Parochial, a Filial Capella de S. José dos **Angicos**, conservando os mesmos benesses e emolumentos Parochiaes que a Freguezia de que he desmembrada, em quanto por Lei não for determinado o contrario.

Art. 2. Os seus limites principiarão na quebrada das aguas para o Rio Potengi, e salgado, na Fazenda denominada Santa Roza; d'ahi pela Malhada funda ás Fazendas Conceição, e S. João exclusive; desta pelo Serrote Jaburú á Fazenda Barra inclusive, não comprehendendo todo o Riacho Canivete, e Rio das Forquilhas; d'ahi ao Rio do Assú, não comprehendendo o Sitio Picada, Itú, Fazenda Capivara no Rio Pata-choca, e todo este d'ahi para baixo até a sua foz; d'alli descendo pela margem oriental do mesmo Rio Assú até a sua embocadura no mar; e d'ahi ao ponto d'onde partio a divisão, comprehendendo a Serra Bomfim, ou dos Fuzis, Quintimpruá, Poço Valentim, Serra das Maniçobas pela ponta de baixo, Tapia, Serra do Lombo á embocadura do Rio Camoropim, e todas as mais praias e lugares, que erão da Freguezia de Santa Anna do Mattos.

Art. 3. Fica desmembrada do Municipio da Villa do Assú, e instaurada a Villa de **Angicos**, supprimida pela Lei Provincial de 28 de Março do anno passado, sendo os seus limites os mesmos marcados no artigo antecedente para a Freguezia.

Art. 4. Fica igualmente desmembrada do Municipio da Villa do Assú, e elevada a Villa, a Povoação de Santa Anna do Mattos, com a denominação de Villa Constitucional de Santa Anna do Mattos, e os seus limites serão os mesmos da Freguezia.

Art. 5. Estas duas Villas ficão sujeitas á Disposição da Lei Provincial de 28 de Março do anno passado, que manda fazer Cadeia, Caza de Camara, e Patrimonio dentro de quatro annos, sob pena de serem supprimidas, e encorporadas áquella d'onde forão desmembradas.

Art. 6. Ficão revogadas todas as Leis, e Disposições em contrario.

Mando por tanto a todas as Authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar, e correr. Palacio do Governo na Cidade do Natal aos treze de Outubro de mil oitocentos trinta e seis, decimo quinto da Independencia e do Imperio.

João José Ferreira d'Aguiar.

mara Municipal da Villa d'Angicos, Decretou que se observem no dito Municipio as seguintes Posturas addicionaes.

Art. 19. A levada da salina do Amargosinho, que segue até os baldes ultimos, terá doze palmos craveiros de largura, e seis de fundura.

Art. 20. Todos os individuos, que tiverem baldes, feitos para tirarem sal, por huma e outra parte da levada, a abrirão na frente dos seus baldes com a largura, e fundura que marca o Artigo acima. No caso de omissão, o Fiscal a mandará abrir á custa do posseiro. A levada será aberta todos os annos no mez de Agosto, tempo em que o Fiscal desta Villa irá com o Secretario da Camara corregê-la.

Art. 21. Os Mestres de Embarcações, que trouxerem lastro de pedra, ou areia, e o lançarem no Rio Macáo, serão multados na quantia de vinte mil reis, ou dez dias de prisão.

Art. 22. Não se farão curraes de pescarias da entrada da camboa que vai para a Ilha de Manoel Gonsalves até a que entra para as salinas do Amargosinho, nem em toda a camboa, que sahe do Rio Amargoso para a mesma Ilha; e o que os fizer será multado em trinta mil reis, ou quinze dias de prisão, e os curraes serão demolidos pelos Fiscaes.

Art. 23. Os moradores desta Villa, e Povoações do Municipio, que criarem cães, serão obrigados a conserval-os presos, sob multa de mil reis, ou hum dia de prisão por cada vez que quebrantarem esta postura. A mesma pena soffrerão aquelles, que consentirem andar soltos de noite porcos, cabras, e ovelhas.

Art. 24. Os proprietarios das fazendas de gado deste Municipio, ou os seus vaqueiros, mandarão cerrar junto ao sabugo as pontas dos seus novillos, sob a multa de mil reis por cabeça.

Art. 25. Todos os criadores deste Municipio serão obrigados a ferrar os seus gados vaccum, e cavallar, na côxa da parte esquerda com a letra V, como distinctivo dos gados do Municipio, sob a multa de mil reis. Esta multa só terá lugar de mil oitocentos e quarenta e hum em diante.

Mando por tanto a todas as Authoridades, a quem o conhecimento e execução das referidas Posturas pertencer, que as cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nellas se contem. O Secretario desta Provincia as faça imprimir, publicar, e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte aos cinco de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio.

Dom Manoel de Assis Mascarenhas.

rio desta Província a faça imprimir, publicar, e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte aos cinco de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio.

Dom Manoel de Assis Mascarenhas.

RESOLUÇÃO N.º 22 — de 5 de Outubro de 1839.

Arbitrando aos Fiscaes das Camaras a terça parte das multas, que impozerem, em consequencia das Posturas Municipaes, depois de deduzida a porcentagem do Procurador.

Dom Manoel de Assis Mascarenhas, Presidente da Província do Rio Grande do Norte: Faço saber a todos os seus Habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e eu Sanccionei a Resolução seguinte.

Art. 1. Os Fiscaes das Camaras Municipaes desta Província perceberão d'ora em diante a terça parte das multas, que impozerem em consequencia das Posturas Municipaes, depois de deduzida a porcentagem do Procurador.

Art. 2. A disposição desta Lei não comprehende os Fiscaes, que percebem ordenado, ou gratificação.

Art. 3. Ficão revogadas quaesquer Leis, e Disposições em contrario.

Mando por tanto a todas as Authoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumprão e fação cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario desta Província a faça imprimir, publicar, e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte aos cinco de Outubro de mil oitocentos e trinta e nove, decimo oitavo da Independencia e do Imperio.

Dom Manoel de Assis Mascarenhas.

RESOLUÇÃO N.º 23 — de 5 de Outubro de 1839.

Approvando as Posturas Addicionaes ás da Camara Municipal da Villa d'Angicos.

Dom Manoel de Assis Mascarenhas, Presidente da Província do Rio Grande do Norte: Faço saber a todos os seus Habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial, sob Proposta da Ca-